Larissa Januário Martins

O HOMEM EM CRISE? UM OLHAR FEMININO SOBRE UMA SUPOSTA CRISE DA MASCULINIDADE EM MEADOS DO SÉCULO XX

Londrina
2022

Larissa Januário Martins

O HOMEM EM CRISE? UM OLHAR FEMININO SOBRE UMA SUPOSTA CRISE DA MASCULINIDADE EM MEADOS DO SÉCULO XX

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras – Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina - UEL para exame de qualificação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon.

Londrina
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Martins, Larissa.
O Homem em Crise? Um Olhar Feminino Sobre Uma Suposta Crise de Masculinidades no Séc XX / Larissa Martins. - Londrina, 2022.
110 f.

Orientador: Luiz Carlos Santos Simon.
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

Inclui bibliografia.
1. Literatura - Tese. 2. Masculinidades - Tese. I. Santos Simon, Luiz Carlos . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU82

Larissa Januário Martins

O HOMEM EM CRISE? UM OLHAR FEMININO SOBRE UMA SUPOSTA CRISE DA MASCULINIDADE EM MEADOS DO SÉCULO XX

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras – Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina - UEL para exame de qualificação.

_____

Orientador: Prof Dr. Luiz Carlos Santos Simon
Universidade Estadual de Londrina – UEL

_____

Prof. Dr. Fábio Figueiredo Camargo
Universidade Federal de Uberlândia- UFU

_____

Prof. Drª Bárbara Cristina Marques
Universidade Estadual de Londrina - UEL

_____

Londrina, 24 de março de 2022.

AGRADECIMENTOS:

À minha mãe, por ter me colocado no caminho da leitura desde muito cedo e por ter sido a grande responsável por esse grande amor que tenho pelos livros, pela literatura e por tudo de belo que há no mundo. Obrigada por ser meu porto seguro, minha grande amiga e a pessoa que me aguenta falando por horas a fio sobre assuntos que você não entende muito, mas apoia. Eu não teria chegado a lugar algum sem você.

Ao meu pai, que já não estava entre nós para me ver entrar em um mestrado, nem ao menos concluí-lo, mas por tudo que foi e que me fez chegar até aqui. Obrigada por nunca ter deixado de comprar um livro sequer que eu pedia em nossas caminhadas por supermercados e livrarias. Tem muito de você nesse trabalho, assim como tem muito de você em mim e terá muito de nós em tudo que eu fizer ao logo dessa vida. De algum lugar eu sei que você deve estar orgulhoso.

Ao meu namorado que me aguentou às vezes cansada e exaurida, tentando terminar uma dissertação no meio de uma pandemia com a minha cabeça meio fora de lugar, mas sempre acreditou em mim e me incentivou a nunca desistir de nada.

Aos meus amigos, porque os amigos devem ser sempre celebrados. Principalmente à minha amiga Keila, que tem sido o meu grande apoio desde que tínhamos onze anos de idade, hoje e além. Tem dias que eu acho que ela acredita em mim mais do que eu mesma, e isso deve ser a representação palpável do que é a amizade, essa força maior.

Ao meu orientador, Luiz Carlos Santos Simon, pela parceria ao longo desses anos, pela paciência e por ter sido um dos meus gratos encontros nessa jornada. Tudo que eu aprendi ao longo desse caminho vai ficar guardado comigo.

À CAPES, por ter financiado parte desse trabalho através da bolsa e ter permitido dedicação integral com um pouco mais de segurança e tranquilidade. O incentivo a ciência precisa sempre ser celebrado, principalmente em tempos sombrios como os que vivemos.

Às professoras que integraram a banca de qualificação: Profª Drª Bárbara Cristina Marques e Profª Drª Regina Célia dos Santos Alves, pelas contribuições valiosas que permitiram que esse trabalho fosse além.

A todos aqueles que cruzaram meu caminho durante esse mestrado e que fizeram essa jornada ainda mais interessante: professores, amigos do projeto de masculinidades, colegas de classe. É uma experiência que vou guardar para sempre.

RESUMO

MARTINS, Larissa Januário. **O Homem em Crise? Um Olhar Feminino Sobre Uma Suposta Crise de Masculinidades em Meados do Séc XX.** 2022. 110. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras – Estudos Literários da Universidade Estadual de Londrina, UEL - 2022.

O presente estudo busca investigar uma suposta crise na masculinidade em meados do século XX a partir da análise de dois romances: *Vento de Esperança*, publicado em 1947 por Ondina Ferreira e *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* publicado em 2016 por Martha Batalha. Ambos os romances se passam majoritariamente nos anos 1940 e nos permitem ter um panorama bastante abrangente sobre masculinidades e a relação entre homens e mulheres na época. O comparativo entre uma autora de meados do séc. XX e uma autora contemporânea se debruçando sobre o mesmo período histórico permitirá que tenhamos uma perspectiva ainda mais rica sobre essa suposta crise para que possamos entender se a crise de masculinidade que julgamos ter existido nos anos 1940 de fato existiu e, se existiu, como se deu. A partir da discussão teórica sobre masculinidades e da análise dos textos literários buscamos compreender melhor e debater essas questões.

Palavras-chave: Masculinidades, Crise, Romance, Década de 1940

ABSTRACT

MARTINS, Larissa Januário. **The Man in Crisis? A Feminine Look at a Supposed Crisis of Masculinities in the Mid-20th Century.** 2022. 110. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras – Estudos Literários da Universidade Estadual de Londrina, UEL – 2022.

This study seeks to investigate a supposed masculinity crises in the mid-twentieth century through the analysis of two novels: *Vento de Esperança*, published in 1947 by Ondina Ferreira and *A Vida Invisível by Eurídice Gusmão* published in 2016 by Martha Batalha. Both novels take place mostly in the 1940s and allow us to have a very comprehensive overview of masculinities and the relationship between men and women at the time. The comparison between a mid-twentieth century author and a contemporary author focusing on the same historical period will allow us to have an even richer perspective of this supposed crisis so that we can understand whether the masculinity crisis that we believe to have existed in the 1940s in fact it existed and, if did, how it happened. From the theoretical discussion on masculinities and the analysis of the literary texts, we seek to better understand and debate these issues.

Keywords: Masculinities, Crisis, Novel, 1940s

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....9

1 LITERATURA DE AUTORIA FFEMININA E MASCULINIDADES 12

1.1 POR QUE MASCULINIDADES? 12

1.2 ONDINA FERREIRA: UM OLHAR DOS ANOS 1940.....14

1.3 MARTHA BATALHA: UM OLHAR SOBRE A ÉPOCA DAS NOSSAS AVÓS.....24

2 O HOMEM EM CRISE? DISCUSSÕES SOBRE UMA SUPOSTA CRISE NAS MASCULINIDADES.....33

2.1 DISCUSSÕES TEÓRICAS SOBRE MASCULINIDADES 33

2.1.1 Masculinidades E Papéis Sexuais..... 33

2.1.2 Masculinidades E o Conceito de Gênero.....40

2.1.3 Masculinidade Hegêmonica.....43

2.2 A SUPOSTA CRISE DA MASCULINIDADE 47

2.3 A CRISE DA MASCULINIDADE NOS ANOS 1940..... 53

2.4 A CRISE DA MASCULINIDADE NA CONTEMPORANEIDADE.....59

3 ANÁLISE: O HOMEM EM CRISE EM *VENTO DE ESPERANÇA* E *A VIDA INVISÍVEL DE EURÍDICE GUSMÃO*......65

3.1 *VENTO DE ESPERANÇA* E AS CRISES NAS MASCULINIDADES..... 65

3.2 *A VIDA INVISÍVEL DE EURÍDICE GUSMÃO* E AS CRISES NAS MASCULINIDADES 81

3.3 CRISE? EVIDÊNCIAS DE UMA SUPOSTA CRISE DE MASCULINIDADE NOS ANOS 1940 .. 91

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....102

REFERÊNCIAS.....108

INTRODUÇÃO:

Este trabalho busca investigar a existência de uma crise de masculinidade em meados do sec. XX a partir da leitura de dois romances de autoras de épocas diferentes que se debruçam sobre o mesmo espaço de tempo. As obras escolhidas são: *Vento de Esperança*, publicado em 1947 pela autora Ondina Ferreira e *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão*, escrito por Martha Batalha em 2016.

A ideia é estudar as duas obras e, a partir do comparativo entre as autoras, entender com mais clareza se essa suposta crise pode ser enxergada nos personagens do romance e, se existiu, como se deu. Para isso, começamos o trabalho discutindo um pouco sobre por que estudar masculinidades (item 1.1), já que estamos partindo de duas autoras mulheres. Nossa hipótese é que como diz Badinter (1993), a masculinidade é "relativa e reativa" e, por isso, se torna mais fácil entender tanto a masculinidade quanto a feminilidade colocando um em relação ao outro. O que pretendemos ao escolher duas autoras para este trabalho é conseguir criar um panorama mais abrangente dessa suposta crise para entendê-la também a partir do olhar feminino criando personagens masculinos e da relação desses personagens com as mulheres das histórias. A partir da leitura do romance, a nossa hipótese de crise parte do princípio que, o homem, ao ver a mulher começar a ocupar um espaço ainda que discreto na sociedade, começou a se sentir acuado por não conseguir lidar com essa nova mulher que já não é mais tão subserviente. Para além disso, queremos também compreender a questão das masculinidades, já que as autoras criam um cenário bastante rico, com vários tipos de homens e, consequentemente, vários tipos de masculinidades. Abordaremos também a questão das masculinidades não-hegemônicas partindo do pressuposto de que não se adequar completamente a um padrão hegemônico de masculinidade também pode desencadear uma crise masculina.

Em um primeiro momento, buscamos contextualizar as autoras contextualizando primeiro quem é Ondina Ferreira (item 1.2), autora que embora tenha tido uma produção literária bastante vasta, não figura quase nas histórias literárias e não foi reconhecida pelo cânone. Nos debruçamos sobre a sua produção literária, discorremos um pouco sobre o tipo de mulher que Ondina costumava retratar e entendemos que o olhar da autora sobre a época que retrata já é um tanto crítico, o que nos dá um material interessante para seguir com a pesquisa. No item 1.3 falamos sobre Martha Batalha, autora premiada de romances que embora tenha começado a se aventurar na literatura há pouco tempo, já tem seu nome bastante reconhecido. Batalha gosta de discorrer sobre temas históricos e a ideia do livro que vamos analisar, *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão*, vem da vontade da autora de contar histórias de mulheres e de

se debruçar sobre “o tempo de nossas avós”. Como as duas autoras tratam sobre o mesmo momento histórico, porém partem de lugares diferentes, entendemos que o comparativo será muito rico no momento da análise.

O segundo capítulo dessa dissertação busca também discorrer sobre os conceitos de masculinidade, trazendo uma discussão teórica sobre essa suposta crise masculina (item 2.1). Conceituamos masculinidades e papéis sexuais (item 2.1.1), dissertamos sobre o conceito de gênero (item 2.1.2) e sobre o conceito de masculinidade hegemônica (item 2.1.3). Entendemos que essas discussões teóricas são importantes para conceituar o que é masculinidade, o que são as masculinidades hegemônicas e não-hegemônicas já que essas noções serão essenciais na hora de discorrer sobre a crise na masculinidade (repetição do termo crise, tomar cuidado)

A partir do capítulo 2.2 entramos nas discussões teóricas sobre ter havido ou não uma crise masculina. No item 2.3 falamos sobre as inquietações masculinas nos anos 1940, que é o momento histórico no qual se passa a maior parte dos dois romances estudados. Entretanto, como estamos falando de Martha Batalha, que é uma autora contemporânea, achamos por bem fazer uma discussão teórica sobre a suposta crise masculina na contemporaneidade (item 2.4) não só para compreender de que lugar a autora fala, mas também porque enxergamos que muitas das questões masculinas que enxergamos em meados do século seguem existindo até os tempos atuais.

No capítulo 3 começamos efetivamente a análise da crise masculina dos romances, começando por *Vento de Esperança* de Ondina Ferreira (item 3.1), e partimos principalmente da relação da protagonista Leila, que vai para São Paulo para trabalhar, com dois homens da história: Dr. Campos, seu chefe, e Ciro, um homem que ela conhece posteriormente e se torna seu amigo. Abordamos também a questão das mulheres da pensão e sua relação com os homens e como a condição financeira dessas mulheres e inclusive de Leila impacta no modo como se dão essas relações. Logo depois partimos para análise da crise em *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* de Martha Batalha (item 3.2) e discorremos principalmente sobre as evidências de crise na relação de Eurídice com seu marido Antenor, e na relação de Guida com o então namorado Marcos e posteriormente com seu marido Antônio. Também aprofundamos um pouco a relação das irmãs com o pai, Manuel.

Após a análise dos dois romances em separado, buscamos as evidências de crise (item 3.3) e fazemos um comparativo entre as autoras (item 3.4) chegando aos resultados finais dessa longa pesquisa.

1. LITERATURA DE AUTORIA FEMININA E MASCULINIDADES:

1.1 POR QUE MASCULINIDADES?

Eleger como objeto de pesquisa a suposta "crise da masculinidade" pode parecer uma escolha curiosa. Embora o tema - assim como as questões e os estudos sobre gênero de uma maneira geral - tenha passado por recente popularização, dissertar sobre o homem que está supostamente em crise com a sua masculinidade e com seu lugar no mundo pode, em um primeiro olhar, pode parecer um tema menor frente às várias questões que enfrentam diariamente e ao longo dos séculos as mulheres.

A escolha deste assunto busca, porém, entender essa suposta crise da masculinidade a partir de um olhar feminino. Para isso, foram escolhidos dois romances de autoria feminina ambientados em meados do sec. XX, para tentar compreender como o homem dessa época lidou (ou tentou lidar) com o início de um movimento para uma emancipação feminina. Aquele homem acostumado a todos os privilégios e regalias que o simples fato de ser homem sempre proporcionou conseguiu enxergar com naturalidade os direitos que as mulheres foram conquistando ao longo das décadas? Ou esse homem, ao ver que as mulheres podiam começar a trabalhar, estudar e fazer um pouco além de cuidar da casa e dos filhos, sentiu que tudo aquilo que sempre entendeu como sendo "papel de homem" estava em risco e afetou aquilo que ele conhecia como "masculinidade"?

Mirian Goldenberg (2000) explica que "ser sexualmente ativo e sustentar financeiramente a família, exercendo autoridade e o poder (quando não a força e a violência física) no meio familiar e no trabalho eram (ou ainda são) as condições básicas para ser considerado um homem (p.241). Tomando essa afirmativa como verdadeira, entendemos que quando o homem passa a não ser a única fonte de sustento da família, ou não consegue exercer tanto quanto gostaria seu poder sobre a mulher, ele passa a questionar o seu papel como homem. Se o conceito de masculinidade pressupõe que ele se comporte de determinada maneira e tenha determinadas atitudes, quando essas atitudes não podem mais ser tomadas, o que é preciso fazer para continuar se afirmando como homem, então?

São questões que tentaremos compreender a partir da visão das mulheres, que através das suas relações com os homens, nos fornecem mecanismos para que possamos entender se essa suposta crise da masculinidade existe e, se existe, como se dá. Para isso, buscamos dois romances de autoria feminina escritos em épocas distintas, mas que se debruçam principalmente sobre acontecimentos ocorridos nos anos 1940. São eles *Vento de Esperança* (1947), escrito

por Ondina Ferreira e *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* (2016), escrito por Martha Batalha. Ambos os romances contam histórias de mulheres que tentam conquistar alguma autonomia dentro daquele contexto de vida de meados do sec. XX. A escolha pelo estudo das masculinidades surge através da percepção de que, dentro desses romances, os personagens masculinos pareciam se incomodar com a posição que a mulher começava a ocupar. Além disso, a leitura das obras nos dá a impressão de que o homem passa a começar a questionar o seu lugar enquanto homem na sociedade. É nesse momento que surge a indagação: estaria o homem de meados do sec. XX experimentando uma crise da masculinidade? É a hipótese que tentaremos provar na pesquisa, através da leitura dos livros escolhidos e da fundamentação teórica. Claro, que entendemos que estamos partindo de duas histórias ficcionais, e que de forma alguma esses livros funcionam como documento histórico. Ainda assim, defendemos que a literatura nos dá mecanismos para compreender pelo menos um pouco do contexto histórico do período sobre o qual a obra trata ou foi escrita. No entanto, ainda pode ficar a questão: se estamos falando de literatura de autoria feminina, por que escolher abordar justamente a questão das masculinidades?

Badinter, em seu livro *XY: Sobre a Identidade Masculina* (1993), defende que não existe como pensar conceitos de masculinidade e feminilidade sem colocar um como referência ao outro. Segundo a autora, "ninguém pode compreender a construção social da masculinidade ou da feminilidade sem referência ao outro. Longe de ser pensada como um absoluto, a masculinidade, atributo do homem, é relativa e reativa" (p.11). Partindo desse princípio, mas lembrando que a masculinidade não é um atributo exclusivamente masculino, é possível afirmar que estudar masculinidades acaba por ser uma via de mão dupla. Partimos de autoras mulheres e entendemos como elas enxergavam suas conquistas e como viam o olhar masculino reagindo a elas. Ao mesmo tempo, ao tentar compreender como o homem se portava diante da discreta emancipação feminina em meados do século XX, tentamos buscar a partir do texto literário o contexto da época: como eram as relações entre homens e mulheres, como se davam as conquistas femininas e como os homens reagiam a elas. Ao perceber o papel e o momento do homem na sociedade, somos capazes também de compreender o lugar da mulher. Ou seja, ao estudar masculinidades, não estudamos apenas os homens, seus sentimentos, e seu lugar no mundo. Estudamos também - e principalmente - sua relação com o mundo que os cerca. O texto literário, embora ficcional, também é capaz de nos trazer mecanismos para enxergar melhor a realidade que nos cerca.

Christopher E. Forth (2013) defende que "o estudo crítico das masculinidades pode

finalmente ser concebido como uma indispensável extensão do projeto feminista" (p.185). Para exemplificar a questão, o autor recorre à fala da pesquisadora Sally Robinson que defende que as masculinidades também devem ser um projeto de estudo do feminismo. Nas palavras da autora:

> "(...)A 'masculinidade' que foi recentemente submetida a um exame tão minucioso é objeto de tantas teorizações feministas que a resposta à questão 'o que a masculinidade tem a ver com o feminismo?' deve ser: 'tudo'. Foi o pensamento feminista que inventou essa masculinidade que estudamos, desconstruímos e nos esforçamos para reconstruir agora, e esta masculinidade é tudo, menos invisível" (ROBINSON, *apud* FORTH p.186)

Ou seja, estudar masculinidades é extremamente importante para entender a relação entre homens e mulheres, incluindo a relação de poder entre homens e mulheres. Sócrates Nolasco (1998) defende que "é preciso crer que todo e qualquer homem oprime toda e qualquer mulher". Mas, se isso for mesmo verdade, existe como compreender essa opressão entre os gêneros sem estudar o que constitui a masculinidade? O que leva a todo e qualquer homem oprimir toda e qualquer mulher? Será mesmo que todo homem oprime mesmo qualquer mulher?

Voltando à Badinter (1993) percebemos que não existe como falar de construção de masculinidades sem pensar também na construção da feminilidade. A construção dos papéis de gênero só existe um em relação ao outro. É pensando nisso que partimos de duas autoras de épocas distintas que se debruçam sobre as mulheres e os homens dos anos 1940.

1.2 Ondina Ferreira: Um Olhar dos Anos 1940:

Ondina Ferreira não é um nome encontrado com facilidade em histórias literárias. Nascida em 1909, foi uma dramaturga, tradutora e professora brasileira. Estreou como escritora em 1943 com o livro *Outros Dias Virão* e escreveu mais de duas dezenas de romances ao longo da sua carreira. Recebeu alguns prêmios como por exemplo o prêmio Alcântara Machado da Academia Paulista de Letras, e os prêmios Coelho Neto e Júlia Lopes de Almeida da Academia Brasileira de Letras. Muito embora a escritora não tenha se tornado canônica, é possível encontrar algum reconhecimento da crítica por sua obra na época.

No artigo "Duas Mulheres: Duas Formas de Vida No Romance Navio Ancorado de Ondina Ferreira", a pesquisadora Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento faz um levantamento de algumas ocasiões em que a obra de Ondina foi celebrada pelos críticos. A maioria dessas impressões aparece na orelha do livro *Navio Ancorado* (1948). Lúcia Benedetti, por exemplo, diz: "Gosto profundamente do modo de Ondina Ferreira contar suas histórias".

José Lins do Rego, importante romancista e crítico literário da época, também tece elogios à obra da escritora paulista:

> "Agora mesmo acabo de ler um romance de uma moça paulista, e romance cheio de muito talento, de admirável poder de fixação de tipos. A sra. Ondina Ferreira, autora de *Vento de Esperança*, aparece ao lado da sra. Leandro Dupré e da minha cara amiga Dinah Silveira de Queiroz, como um autêntico valor das letras paulistas." (REGO, Lins *apud* NASCIMENTO, Edna, 2011 p.117)

Monteiro Lobato também tem boas coisas a dizer sobre Ondina e elogia principalmente sua habilidade em descrever tipos humanos, além de discorrer um pouco sobre o fato de a autora se debruçar especialmente sobre histórias de mulheres, em especial mulheres que Lobato aqui chama de "pouco amparadas":

> Encontrei ali uma analista segura, de grande penetração psicológica e muito hábil da descrição de tipos humanos, em especial moças pouco amparadas e que lutam pela subsistência. De tudo resulta uma dessas leituras que nos levam à deriva água abaixo, sem nunca o menor enfado. Isso é uma grandíssima coisa, porque é muito fácil escrever para enfadar os leitores. (LOBATO *apud* NASCIMENTO, Edna, 2011 p.117)

A fala de Lobato é interessante pois joga luz sob o enfoque que nos interessa no trabalho de Ondina Ferreira. O fato de a autora ser muito habilidosa em retratar o cotidiano e as dificuldades que as mulheres enfrentavam em meados do sec. XX, época em que mais produziu literatura. Interessa-nos profundamente entender como uma mulher que vivia nos anos 1940 enxergava a sociedade da época e, principalmente, os papéis que desempenhavam homens e mulheres.

Voltar a uma escritora que, embora tenha tido seu talento reconhecido por seus pares, não se tornou parte do cânone literário, pode nos ajudar a compreender a partir de um olhar mais próximo da vida "dessas moças pouco amparadas que lutam pela subsistência". Se voltarmos a *História Concisa da Literatura Brasileira*, escrita por Alfredo Bosi em 1970, percebemos que a proporção de escritores homens para escritoras mulheres é bastante desigual. Ondina Ferreira não chega nem a ser mencionada pelo autor. Na história literária de Luciana Stegagno-Picchio, *História da Literatura Brasileira*, escrita em 1997 e revista e ampliada em 2004, embora existam mais menções a escritoras mulheres, o nome de Ondina também fica de fora. Uma das únicas menções a Ondina Ferreira que encontramos está no apêndice do segundo volume de *A Literatura Brasileira - Origens e Unidade (1999)* de José Aderaldo Castello. Na seção "estreantes da década de 60 a 70" ele cita o livro *Vento De Esperança* de Ondina Ferreira, muito embora o livro tenha sido publicado pela primeira vez em 1947. Ou seja, apesar de ter recebido críticas positivas sobre sua obra enquanto produzia, a escritora não figura no cânone.

Monteiro Lobato está certo ao apontar que a autora era muito hábil na descrição de tipos

humanos, e em especial na descrição das mulheres, retratando os tipos pouco amparados, renegados, e que têm que lutar pela própria sobrevivência. Boa parte dos romances de Ondina se debruçam sobre questões femininas e nos dão um bom panorama do que é ser uma mulher e tentar ocupar seu espaço na sociedade.

O que mais nos impressiona na obra de Ondina é o fato de, embora ela escreva a partir de um lugar e de um espaço onde a mulher ainda buscava uma emancipação muito contida, suas histórias retratam mulheres que já desafiavam o que a sociedade esperava delas. A autora criou personagens femininas que buscaram seu lugar no mercado de trabalho, como é o caso de Leila em *Vento De Esperança* (1947), que foi para São Paulo procurar um emprego "'Fale com franqueza, Leila. Que você preferia encontrar em São Paulo? Um emprego ou um noivo?'. Sorri sem responder. Não acreditariam se eu dissesse que não estava interessada em noivos, mas é pura verdade" (p.14). A protagonista do romance já deixa bem claro logo no começo da história que seus objetivos iam muito além de apenas arrumar um marido. É muito emblemático que a autora já deixe as intenções de Leila muito claras logo nas primeiras páginas da obra. Isso faz com que o leitor entenda logo de cara que as expectativas da protagonista não correspondem necessariamente ao que se esperava de uma mulher na época.

A autora também se debruçou sobre outras personagens que questionavam o espaço da mulher na sociedade da época, como é o caso de Letícia em *...E Ele Te Dominará* (1944) "Os homens tinham-se atribuído o direito de presidir à divisão do trabalho entre os sexos. Apropriando-se da parte que lhes parecera mais vantajosa, justificaram essa escolha sob a justificativa da incapacidade feminina" (Ferreira, p. 81). Letícia, embora seja uma mulher casada e dedicada ao marido, frequentemente demonstra um incômodo sobre a posição que a mulher ocupava dentro daquele contexto. Ondina também cria personagens femininas que não se casaram, que se divorciaram, como é o caso da protagonista de *Chão de Espinhos* (1956), entre outras questões. É corajoso que uma escritora desse período já se debruce sobre essas problemáticas.

No romance que escolhemos como objeto de estudo nesta dissertação, *Vento de Esperança* (1947), Ondina conta a história da protagonista Leila, uma mulher que vem do interior do estado de São Paulo para tentar a vida na capital. Solteira e precisando de uma forma de se sustentar sozinha, Leila vem em busca de um emprego e de uma vida melhor, mas acaba lidando com os muitos impedimentos que uma mulher tinha que enfrentar durante aquele período no Brasil. É interessante perceber que, embora seja uma mulher da época, Ondina Ferreira apresenta muitas inquietações sobre o papel da mulher e do homem na sociedade. O

olhar da autora está longe de ser passivo. Pelo contrário, é bastante crítico.

Logo no começo do romance, a personagem Leila já mostra que, contrariando o que se esperava de uma mulher na época, ela vai para São Paulo não em busca de um marido, mas sim para "conhecer a extensão de minhas possibilidades" (p.15). Nas palavras da personagem:

> "Além disso, gozaria da liberdade de sentir-me somente entre mulheres, sem precisar de olhares masculinos, possivelmente indiscretos. Não é que eu seja puritana. Ao contrário, aprecio o convívio dos homens. Acho-os, na maioria, mais inteligentes e mais leais do que nós. Detesto, porém, a atmosfera que criam em torno deles. E não vim para São Paulo arranjar namorados ou manter palestras com rapazes interessantes...Vim porque queria conhecer a extensão de minhas possibilidades; porque queria sentir-me livre, sem limitações na minha liberdade...Vou ser franca comigo mesma: vim porque não aguentava mais Itaoca. Quando enterradas em vasos pequenos demais, certas plantas atrofiam-se, perdem a vitalidade. Achei que meu caso se ajustava nesse quadro: Itaoca não me bastava mais." (FERREIRA, 1947, p.14)

Essa questão do trabalho, da liberdade e das grandes possibilidades que a cidade de São Paulo oferece é uma temática recorrente na obra. Leila fica muito animada com o fato de estar vivendo em uma cidade grande e encontrar um romance ou um casamento parece estar no fim da sua lista de prioridades. Em vários momentos há a reflexão do quanto uma cidade como São Paulo tem mais a oferecer do que o interior: "Ponderei comigo mesma que a vida, numa cidade grande, não se limitava ao trabalho. Havia uma multiplicidade de coisas para encher as horas vagas" (p.46); Leila também constantemente reforça a importância do trabalho não como um castigo para quem não se casou, mas sim como um caminho aberto. É curioso também que a protagonista fala sobre os homens dizendo que não gosta da "atmosfera que criam em torno deles", essa "atmosfera" que a personagem cita, pode ser lida como um incômodo de Leila com a masculinidade em si. A protagonista ao mesmo tempo que tem esse incômodo com os homens, vê na liberdade e na possibilidade de trabalhar um bem precioso. Em uma divagação, ela conta que já pensou em falar para as moças da pensão para deixarem de ver o trabalho como uma provação:

> "(...)Acordam de mau humor, ásperas e inconformadas: 'preciso arranjar um marido que me sustente!'. Nos primeiros tempos, tive vontade de aconselhá-las a não ficarem imóveis, à espera de que um homem as libertasse da servidão do trabalho. Precisavam considerar o trabalho como um caminho aberto e ascendente e não um muro barrando o horizonte. A vida era bela, rica e variada. Tivesem mil mãos e em cada uma delas a vida depositaria uma possibilidade…" (FERREIRA, 1947 p.228)

Esse trecho deixa bem claro que a protagonista do romance tinha uma ideia bastante diferente das mulheres da época quanto a trabalho e casamento. Para ela, o casamento não era a maior prioridade e era possível encarar o trabalho como mais uma possibilidade, e não apenas

como um castigo para uma mulher que não encontrou um marido que a sustentasse. Vale lembrar que essa é uma perspectiva bastante particular de Leila, e durante o romance conseguimos perceber que ela tem ideias que estão sempre em contraposição com o que boa parte das mulheres com quem ela convive acreditam. Estamos falando dos anos 1940, período anterior aos movimentos feministas surgidos nos anos 1960 e, portanto, uma época em que a ideia da mulher como alguém a quem cabe apenas o cuidado da casa e dos filhos ainda era mais presente do que em tempos atuais. Nas palavras de Margaret Mead (1977), "historicamente, de modo geral, às mulheres cabia primordialmente o exercício de tarefas nas casas ou próximo a elas, em função das demandas criadas pela gravidez (frequente) e alimentação e cuidado dos bebês" (Mead *apud* Nolasco, 1995 p.156). Ondina nos traz como protagonista uma mulher que não se casou, não teve filhos, busca uma independência financeira e ainda acaba por se envolver em um romance com um homem casado.

Na orelha do livro *Vento de Esperança* (1947), a autora nos explica que chegou à história do romance inspirada por uma das pensões para solteiras que existiam na época. "A casa ficava lá para os lados da Avenida São João, em São Paulo, e sempre que eu a via, pensava como deveriam viver suas hóspedes. Certo dia, conheci uma das suas moradoras. Era jovem e sonhadora; desejava seguir a carreira artística. Portanto, já havia conseguido a argila, restava dar forças à imaginação" (Ferreira, orelha do livro). Um aspecto interessante de se perceber no romance, e que parece ir ao encontro desta fala de Ondina de querer explorar o microcosmos da pensão, é o fato do livro ser escrito em forma de diário. Os capítulos são divididos por meses e a protagonista, Leila, narra toda a história em tom confessional. Ela explica que esse é um modo de lembrar dos acontecimentos com detalhes, exatamente como ela os estava enxergando na época:

> A capacidade da memória é muito limitada, Alexandra. Não pode conter os reflexos de tudo que sentimos, que vimos, que pensamos. As novas impressões vão desalojando as antigas, as mais coloridas substituem as menos vivas. Para onde vão as outras? Os psicanalistas remetem-nas para o subconsciente. De qualquer jeito, ficam perdidas para nós. E eu quero recordar, mais tarde, tudo o que tem me acontecido agora. (FERREIRA, p.45)

Quanto ao caráter confessional da escrita da personagem Leila, é interessante notar dois aspectos importantes: o primeiro é que essa escrita em forma de diário permite que a autora mostre os pensamentos da personagem de uma forma mais profunda, apelando também para reflexões quanto a sua condição como mulher, na vida, e em relação aos outros personagens. O segundo é o fato desse diário ser um reflexo do fato de Leila ler muito, mas em nenhum

momento existe sequer a pretensão do material se tornar um livro. Sua amiga Alexandra chega a perguntar: “Só você quem vai ler? Então por que perder tempo?” (p.44). É interessante notar que embora Ondina seja uma autora mulher, ela parece ter noção de que a profissão de escritora não é uma realidade possível para todas as mulheres, principalmente para quem tem uma condição financeira menos privilegiada. Apesar de Leila ter ido para São Paulo porque “não aguentava mais Itaoca” (p.14), ela vai morar em uma pensão de moças e precisa trabalhar para se sustentar por não vir de família abastada, e não pensar em casar-se. Vale lembrar que nessa época, os anos 1940, uma mulher ter um emprego era bastante raro e o sustento costumava vir das mãos do marido.

Por isso, a simples escolha por contar não uma história de uma mulher que quer casar e ter filhos, mas sim de uma mulher que busca trabalhar e ter sua profissão já é uma quebra de tabus. Nelly Novaes Coelho fala um pouco sobre as escolhas dos temas da autora em seus romances:

> “Privilegia o problema da mulher, enfrentando os preconceitos de uma sociedade endurecida em seus valores, e transgredindo limites que lhe eram impostos, seja no âmbito da profissão, escolhida fora da servidão do lar, seja no âmbito pessoal amoroso, transgredindo o tabu do sexo e o assumindo corajosamente fora do casamento, mas tendo como consequência a funda frustração existencial, vivida ocultamente em silêncio e solidão.” (COELHO, 2002, p. 530-531 *apud* NASCIMENTO, p. 117)

Pesquisando um pouco mais da obra de Ondina para além do livro que será nosso objeto de estudo, percebemos que essa figura da mulher que transgride e enfrenta os preconceitos da sociedade é uma constante em sua produção literária. No livro *...E ele Te Dominará* (1944), a autora conta a história de duas irmãs: Letícia e Sônia. Enquanto Sônia se sujeita a um casamento com um homem mais velho para garantir uma vida confortável, Letícia se casa por amor, mas se vê descontente com os rumos que o casamento toma. O marido faz com que ela deixe de lecionar piano como gostava e ela se encontra presa a uma vida que consiste em cuidar dos filhos e da casa, mas não se enxerga plena nessa escolha. Em uma dada hora do romance, há uma reflexão sobre o papel que ela exerce dentro da sociedade e do casamento:

> “Letícia tinha, muitas vezes, a impressão de que não passava de uma governante com funções ilimitadas. Também obedecia ao preceito divino que ordenava ganhar o pão com o suor do rosto. Ninguém o reconhecia, porém, e ela continuava a pagar com sua dependência, o preço do seu pão. Não era assim que imaginara o casamento. Rogério e ela cooperariam, como seres equivalentes, para o bem-estar comum. As atribuições diferentes, conferidas a ela, não deveriam ser consideradas inferiores ou improdutivas. Se ela se tivesse especializado no estudo de leis, como Rogério o fizera, nada impediria que exercesse aquela profissão, sem maiores tropeços. Os homens tinham-se atribuído o direito de presidir à divisão do trabalho entre os sexos. (FERREIRA, 1956 p.81)

Aqui Ondina, no começo dos anos 1940, já nos mostra uma personagem que não se

conformava com a maneira como o mundo era organizado. Para Letícia, uma mulher seria plenamente capaz de se especializar, por exemplo, no estudo das leis. A personagem também justifica que a razão para os homens exercerem certos papéis que não são permitidos para as mulheres é o fato de eles mesmos organizarem a sociedade do modo que lhes parece mais vantajoso e usarem uma suposta incapacidade da mulher como justificativa. Na reflexão da personagem, ela diz: "Apropriando-se da parte que lhes parecera mais vantajosa, justificavam essa escolha sob a alegação da incapacidade feminina. Ora, incapacidade implicava em sujeição. Assim, com um só argumento, de solidez discutível, ficara regulada a posição da mulher na sociedade" (p.81).

Para Letícia, parecia injusto a sociedade ser organizada do modo que era, mas mesmo com esses pensamentos contestadores, ela não ousava questionar o marido ou livrar-se da sua posição. "Letícia não externava suas convicções. Guardava-as para si, tal como a maioria de seus pensamentos. As suas revoltas morriam em estado embrionário. Era difícil vencer Rogério com palavras" (p.81). A posição da personagem no romance deixa claro que por mais que a mulher se questionasse e começasse discretamente a tentar conseguir sua autonomia, ainda era difícil se colocar perante o homem e a sociedade. A grande questão, e o que buscaremos entender, é se mesmo essa pequena vontade de se livrar de certas amarras já não criou no homem um medo da perda de alguns privilégios e, consequentemente, uma crise de masculinidades. Ondina parece saber explorar muito bem tanto a figura da mulher que busca tentar sair desse lugar de subserviência total ao homem, quanto a figura do homem que não sabe lidar e pode se sentir inclusive ameaçado com uma mulher que não se dobra completamente a ele.

Os romances de Ondina Ferreira se debruçam muito sobre mulheres buscando pequenas independências e, às vezes, não tão pequenas assim. Em seu premiado romance *Chão de Espinhos* (1955) a autora conta a história de Lúcia, uma mulher que deixa seu marido para viver um romance com um outro homem, Alberto. Só o fato de deixar o marido já seria uma grande transgressão para a época, mas Lúcia vai além e deixa também o próprio filho aos cuidados do esposo. A protagonista do romance privilegia a sua vida amorosa e não volta atrás. Em uma dada hora o marido abandonado se suicida e Lúcia é apontada como a causa de sua morte. Nem com a morte do ex a protagonista volta a criar o filho, que fica aos cuidados da tia.

Várias são as questões sobre feminilidades e masculinidades abordadas em *Chão de Espinhos*. Lúcia se abstém de criar o próprio filho porque Alberto diz ter largado a família e os filhos por causa dela e não acha justo que o filho da mulher venha morar com eles. Ou seja, ao

mesmo tempo em que ela toma uma escolha por vontade própria (a de se separar do marido), ela é oprimida pelo novo companheiro, que exige que ela abandone o próprio filho. Somado a isso, o marido abandonado parece não saber lidar com esse novo papel que é obrigado a ocupar: o de ter sido abandonado pela mulher e o de ter que criar sozinho o próprio filho. O personagem inclusive acaba por se suicidar se jogando de uma ponte.

Sócrates Nolasco, (1997) em seu artigo "Um Homem de Verdade", faz várias ponderações sobre o papel do homem na sociedade, principalmente no que diz respeito ao papel de pai. Em um dado momento ele faz a seguinte reflexão: "A imagem de pai é de alguém ameaçador e zangado, que faz o possível para esconder de si mesmo o medo de não se sentir como um *homem de verdade*. Mas se ele não o é, o que será?" (Nolasco, p.19). Se na contemporaneidade o homem já sente dificuldade em exercer seu papel de pai para além da figura da autoridade pura e simples, é de se imaginar que, na metade do sec. XX, assumir essa responsabilidade sozinho e ainda depois de ser abandonado pela própria mulher fosse ainda mais complicado. Se esse homem não era mais um marido e tem que se tornar apenas um pai, como se assumir como um "homem de verdade"? Temos a impressão ao ler o romance que o personagem não consegue se encontrar nessa posição de pai porque assumir sozinho a responsabilidade de criar uma criança não parece ser adequado para um homem. Cabe à mulher a responsabilidade de criar os filhos. O "papel do homem" está muito centrado em sustentar a família e ter uma função mais secundária na educação das crianças. A função dele é ensinar a força, a ordem etc. São questões muito interessantes de se pensar, principalmente levando em conta que estamos nos debruçando sobre uma literatura construída em meados do sec. XX por uma mulher que vivia dentro dessa realidade.

Em *Chão de Espinhos*, tanto Lúcia é julgada pelo papel que passa a ocupar (o de mulher que abandonou família e filho), quanto os homens parecem ter dificuldade de se adaptar a novos papéis que fujam àquilo que já estava pré-estabelecido pela sociedade da época. Alberto, o homem por quem Lúcia abandona o marido, se recusa a criar Elói, o filho da companheira com outro homem. A personagem faz uma reflexão interessante sobre o fato:

> "Era natural que Alberto também se interessasse por Elói, fosse apenas por uma questão de reciprocidade. Pois não se interessa. Ou, se o faz, é de maneira tão vaga e tão formal que inibe minhas expansões. Os homens são egoístas, bem sei. Compenetraram-se do seu papel de senhores, a quem tudo é devido, como ao Estado são devidos tributos. Não foi impunemente que as mulheres se apagaram durante milênios diante de seus companheiros. O devotamento feminino passou para o rol das cousas estabelecidas, indignas de gratidão ou de retribuição" (FERREIRA, 1956 p.47)

O que Lúcia parece perceber é que, muito embora ela tenha seguido suas vontades e abdicado de um casamento em razão de um desejo maior, o de viver com a pessoa amada, ainda assim é preciso que ela atenda às demandas de um outro homem que não aceita, por exemplo, ser a figura paterna para o filho que ela teve com o ex-marido. "O devotamento feminino passou para o rol das coisas estabelecidas" (Ferreira, p.47), ou seja, ainda que a mulher troque de parceiro, ela ainda está sob o jugo de um outro homem a quem deve certa obediência.

O universo que Ondina Ferreira cria com suas personagens em seus romances é um terreno fértil para que possamos nos debruçar sobre as questões das masculinidades e dessa suposta crise de masculinidade neste período. Isso porque a autora não só elabora personagens que vivem a época, mas que também questionam suas posições dentro daquela sociedade. E é justamente isso que nos interessa.

Miriam Goldemberg (2000) explica um pouco que essa crise masculina pode sim ter a ver com o espaço que a mulher vai lentamente ganhando na sociedade. Nas palavras da autora:

> "A mulher em vez de ser vista como uma parceira que pode tirar dos ombros do homem uma série de obrigações que lhe eram exclusivas, transforma-se em rival, disputando poder, emprego e regalias. Não é mais uma companheira a ser conquistada, mas uma inimiga a ser vencida. É a 'guerra dos sexos' às avessas" (GOLDEMBERG, p.275)

Esse sentimento de estar perdendo o seu "lugar" e a dúvida com o fato de ter que desempenhar papéis que antes eram estritamente femininos, além de lidar com uma mulher que nem sempre é subserviente como o homem queria ou imaginava está bastante presente no romance de Ondina Ferreira e é por isso que ela foi escolhida como nosso objeto de estudo. Em *Vento de Esperança*, o simples fato de a protagonista Leila optar por percorrer a própria carreira e evitar aceitar regalias dos homens para conseguir seu espaço já causa nos personagens masculinos estranheza e um constante confronto com a protagonista, que é continuamente questionada sobre as razões de trabalhar, não ter casado e não ceder tão facilmente às vontades dos homens da história.

Quando Leila, por exemplo, se recusa a ir a um quarto de hotel com o seu chefe, ele rapidamente se enfurece usando argumentos como "Estou querendo saber, Leila, o que lhe desgosta na minha pessoa" (Ferreira, p.148). Quando ela diz que não tem nada contra ele, mas não tem vontade de ir a um quarto de hotel, Lourenço se utiliza do fato de Leila parecer essa mulher independente para fazer com que ela o sirva em seus desejos. Ele diz: "Você está me decepcionando, Leila. Eu imaginava você diferente: toda nervos, toda vibração. Em vez disso, você tem se revelado uma criatura indecisa, gelatinosa. Nem quente nem fria: morna" (p.149).

A questão chave nessa passagem é que Lourenço ao ver Leila como uma mulher que não atende aos padrões da época (independente, trabalhando, solteira etc.), rapidamente intui que ela é uma mulher liberal nos costumes, que não teria tantos problemas para aceitar um romance com um homem antes do casamento, e cederia facilmente aos seus desejos simplesmente por estar apaixonada. Os homens daquele período (e podemos dizer, até hoje) pareciam estar muito acostumados a ver as mulheres atendendo suas ordens sem pestanejar, e ao se deparar com Leila se recusando a atender suas vontades, Lourenço se frustra. É bom deixar claro que, em um primeiro momento, o chefe de Leila não se incomoda com o fato dela ser uma mulher "a frente de seu tempo", o que o deixa incomodado é que essa mulher a frente de seu tempo não seja fácil e não atenda rapidamente às suas vontades.

Esse trecho do livro mostra bem que o homem, dentro desse contexto, acaba se sentindo ameaçado pela independência da mulher que nem sempre vai ser levada a fazer o que ele quer, mesmo estando dentro de uma relação na qual o poder pertence a ele. Ao perceber isso, ao se sentir ameaçado em sua superioridade e na sua virilidade, o homem reverte a situação se aproveitando inclusive da autonomia da mulher para conseguir o que quer. Ele tenta colocar a submissão às suas vontades como um traço de liberdade, quando na verdade o que deseja é apenas convencê-la a ceder através de um discurso que parece aprazível.

É preciso levar em consideração também o quanto a personagem Leila é construída em torno dessa noção de liberdade. Em mais de uma ocasião do livro ela deixa bem claro que deixou sua cidade de interior em busca de liberdade. Em um determinado momento logo no começo do livro ela diz que foi à São Paulo "porque queria estudar as reações do meu temperamento num meio estranho; porque queria sentir-me livre sem limitações na minha liberdade" (p.14). É um tanto transgressor ver uma mulher nos anos 1940 sair de sua cidade natal buscando, além de sustento, uma espécie de jornada de autoconhecimento. Leila quer estudar suas reações, quer entender como age em um ambiente estranho e não quer ter limitações em sua liberdade. Tudo isso em contraste com homens que estão acostumados a mulheres bastante subservientes faz com que essa obra ficcional nos dê um panorama muito interessante das relações entre esse homem acostumado com seus privilégios e essa nova mulher, que busca aos poucos seu espaço na sociedade.

A obra de Ondina é muito rica nesse sentido por mostrar bem as relações entre homens e mulheres que estavam se construindo em meados do sec. XX.

1.3 MARTHA BATALHA: UM OLHAR SOBRE A ÉPOCA DE NOSSAS AVÓS:

Se Ondina Ferreira não é um nome do qual se ouve falar muito, o mesmo não pode ser dito de Martha Batalha. A autora que nasceu em Recife em 1973 publicou seu primeiro livro em 2016, mas já conta com bastante visibilidade. *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* (2016) foi finalista do prêmio São Paulo de Literatura e semifinalista do prêmio Oceanos. Além disso, a história foi adaptada para o cinema e o livro teve seus direitos vendidos para mais de dez editoras estrangeiras. Formada em jornalismo e mestre em literatura, Martha trabalhou em jornais como *O Dia, O Globo e Extra*, antes de se dedicar completamente à literatura. Atualmente a escritora, além dos livros publicados, escreve colunas para *O Globo.*

Ainda que depois de publicado, *a Vida Invisível de Eurídice Gusmão* tenha sido elogiado pela crítica e indicado para alguns prêmios, o caminho não foi tão simples para Martha Batalha como escritora. O livro foi rejeitado por diversas editoras no Brasil e o aceite para a publicação só veio depois da obra ser vendida para escritoras estrangeiras. Uma matéria publicada pelo jornal *A Folha de São Paulo* em fevereiro de 2016 conta que "Record, Intrínseca, Globo Livros, Objetiva e L&PM não se interessaram pela obra. Só quem topou editá-lo foi a pouco conhecida Companhia Editora Nacional. Nem a Companhia das Letras, que por fim vai publicá-la em abril, quis o título no primeiro momento.". Foi depois que os direitos do livro foram adquiridos por uma editora alemã que a brasileira começou a ser notada por editoras daqui e que o livro finalmente ganhou o interesse da Companhia Das Letras. Na mesma matéria da *Folha De São Paulo,* Sofia Mariutti, a editora responsável pela publicação do livro no Brasil, explica que pode ter sido o interesse por histórias de mulheres que permitiu o interesse no livro: "Não li o livro antes, mas acho que [ele ganhou atenção só agora] por ser um momento em que todo mundo quer saber o que as mulheres têm a dizer".

Depois da publicação o livro foi indicado a prêmios, e Martha tornou-se uma escritora estreante e conhecida no meio literário. Seu segundo livro, *Nunca Houve Um Castelo* (2018), foi um dos finalistas do prêmio Jabuti e a essa altura Martha Batalha já é um nome a ser lembrado quando falamos de literatura contemporânea brasileira.

Em um primeiro olhar, as diferenças entre Martha Batalha e Ondina Ferreira parecem óbvias. Martha está situada no tempo de agora, onde tudo é de mais fácil acesso e onde as escritoras mulheres parecem estar em um lugar mais confortável. Além disso, a literatura contemporânea, ainda mais quando ganha destaque através de prêmios e adaptação para o cinema, parece trazer uma notoriedade que abre caminhos com mais facilidade. Mas ainda que

exista entre Ondina e Martha uma diferença de algumas décadas entre a publicação de seus romances, uma coisa as aproxima: o fato de contar histórias de mulheres. Mulheres que viviam na metade do século XX e tentavam trilhar seus caminhos tentando se livrar pouco a pouco de suas amarras. O que é interessante para a nossa pesquisa é justamente o fato de termos duas vozes de tempos diferentes se debruçando sobre o mesmo período histórico e, de certa forma, sobre os mesmos assuntos. Tanto Batalha quanto Ondina Ferreira contam histórias de mulheres que lutavam por sua independência, mas que acabavam sendo tolhidas seja pelo contexto histórico, seja por seus pares amorosos. Martha fala através de uma perspectiva contemporânea, enquanto Ondina fala a partir do contexto de sua época.

No prefácio do livro *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão*, a autora explica um pouco sobre o que está falando ao escrever o livro:

> "Mas o mais real deste livro está na vida das duas protagonistas, Eurídice e Guida. Elas ainda podem ser vistas por aí. Aparecem nas festas de Natal, onde passam a maior parte do tempo sentadas, e com o guardanapinho nas mãos. São as primeiras a chegar e as primeiras a ir embora. Comentam sobre os temperos do bolinho de bacalhau, sobre os calores ou chuvas do dia, sobre o vinho que algumas tomam, mas não muito, não muito. Perguntam se o marido vai bem, se a sobrinha-neta já tem namorada, se o sobrinho-neto está encaminhado. Algumas precisam de ajuda para sair do sofá e se sentar na mesa de jantar. Muitas já perderam o apetite, e encaram com desinteresse as fatias de peru. Outras se animam na hora da sobremesa, porque rabanadas são sempre bem-vindas. Voltam quietinhas para o sofá e olham os jovens abrindo o presente, com um jeito de quem só consegue ver o passado. Eurídice e Guida foram baseadas na vida das minhas e das suas avós" (Batalha, 2016)

Lendo o prefácio do livro, que surge como uma explicação sobre os fatos narrados na história, é possível entender que Martha fala sim sobre aquela mulher que viveu por volta dos anos 1940, mas o olhar da autora é diferente do de Ondina, é um olhar contemporâneo. Ao representar as mulheres que viveram naquela época a autora se baseia "nas minhas e nas suas avós" e é justamente isso que nos interessa para a pesquisa. Ao buscar autoras de épocas diferentes falando sobre o mesmo período histórico, podemos ter um panorama mais interessante sobre o que é essa crise de masculinidade e se ela de fato existiu. Também podemos compreender os elementos dessa crise na contemporaneidade e se essa mulher e esse homem que Martha apresenta no romance de fato deixaram de existir. Quando Martha diz que essas mulheres que ela retrata "ainda podem ser vistas por aí", ela nos dá uma pista de que muitas coisas podem não ter mudado tanto quanto imaginamos.

Martha Batalha tem uma predileção por retratar períodos históricos do Brasil, em especial do Rio de Janeiro. Em entrevista para o site "Tag Livros", a autora explica que isso vem de uma vontade de não se distanciar demais de sua própria identidade: "Creio que os dois

romances são um retrato do ‘meu’ Brasil, e que escrever sobre o país foi uma forma de não perder minha identidade, ou de não sumir na cultura americana. Cada escritor tem algumas obsessões ou interesses, e o Brasil é um dos meus.”. Seu primeiro livro conta a história de “nossas avós”, e seu livro mais recente *Nunca Houve Um Castelo* se debruça sobre um período longo da história do Brasil e do Rio de Janeiro que vai desde o fim do sec. XIX até os anos 1980.

Em *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão*, Martha conta a história de duas irmãs: Eurídice e Guida. A orelha do livro conta que essa é uma narrativa sobre mulheres que não parecem felizes em suas escolhas e se assemelham muito a outras mulheres de nossa família:

> “Rio de Janeiro, anos 1940. Guida Gusmão desaparece da casa dos pais sem deixar notícias enquanto a sua irmã, Eurídice se torna uma dona de casa exemplar. Mas nenhuma das duas parece feliz em suas escolhas. A trajetória das irmãs Gusmão em muito se assemelha com a de inúmeras mulheres nascidas no Rio de Janeiro no começo do século XX e criadas apenas para serem boas esposas. São nossas mães, avós e bisavós, invisíveis em maior ou menor grau, que não puderam protagonizar a própria vida, mas que agora são as personagens principais do primeiro romance de Martha Batalha”

Camila Von Holdefer, em uma crítica do livro para a Folha de S. Paulo, também explica um pouco sobre a mulher que Batalha está tentando retratar:

> “Ao contrário do que o título sugere, Eurídice divide o protagonismo com a irmã Guida. Rodeadas por outros personagens, crescem em tempo e local que não oferecem muitas oportunidades às mulheres. Eurídice, cujo marido acredita que "uma boa esposa não arranja projetos paralelos", espera mais da vida do que a rotina de dona de casa possibilita. Assim, faz justamente o que é desencorajada a fazer.”

Esse olhar da autora sobre essas mulheres é interessante não só porque é uma outra visão de uma outra mulher sobre o retrato de uma época que estamos buscando estudar, mas também porque Martha pode nos fornecer uma visão mais contemporânea quanto às relações de homens e mulheres que expõem a crise de masculinidade que estamos tentando entender.

É notório que não é possível falar de masculinidades sem falar das relações entre homens e mulheres. Para compreendermos as questões de masculinidades é preciso enxergar o homem em relação à mulher. Martha Batalha explora essas relações muito bem, a partir do momento que é capaz de criar vários tipos de mulheres, bem como vários tipos de homens. A dualidade entre a vida das duas irmãs, Guida e Eurídice se dá em razão de seus temperamentos serem diferentes, mas também pela escolha dos homens com os quais se relacionam. Guida relaciona-se com um homem que não está tão disposto assim a assumir as responsabilidades atribuídas a um homem na época, como trabalhar o suficiente para sustentar família e filhos. Já

Eurídice é levada a se casar com um homem que assume as responsabilidades financeiras, mas espera que a mulher seja responsável apenas pelos afazeres domésticos. Aqui é preciso também pontuar que a escolha de Guida por um casamento tradicional com um homem que segue o padrão de homem da época tem muito a ver também com a postura do seu pai, que depois que Guida sai de casa, espera ver em Eurídice uma filha exemplar. Essa relação será ainda discutida com mais cuidado ao longo do texto.

Marcos, o homem por quem Guida se apaixona, é definido pela autora como um "homem que nunca trabalhou". Estudante de medicina, ele vem de uma família mais abastada do que a da namorada e faz com que Guida sonhe com um futuro cheio de requintes. "Depois de conhecer Marcos, e de ser acariciada por aquelas mãos que nunca trabalharam, e de ser encarada por aqueles olhos que nunca se preocuparam, Guida começou a transitar numa realidade requintada demais para aceitar a convivência com outras pessoas da casa" (Batalha, p.67). Guida apaixona-se e sonha com um futuro melhor ao lado de seu futuro marido, e por isso foge com ele, já que a família do noivo não aceitava o casamento. A questão é que Marcos nunca havia se dedicado tanto assim à faculdade de medicina e se formou com ajuda da influência da família: "Marcos estava certo: o dinheiro comprou seu diploma" (p.99). Isso faz com que ele não consiga exercer sua profissão e, por isso, falte dinheiro para ele e para sustentar a esposa.

Fato é que "as mãos que nunca trabalharam" de Marcos não conseguem lidar com a nova vida pobre em recursos e ele deixa a mulher para voltar para a mansão dos pais. Guida então se vê abandonada, na posição de uma mulher que já deixou a família e agora está separada e com um filho para criar sozinha. Guida enxerga o marido como um "maricas" já que ele não consegue performar a masculinidade do modo como ela esperava: não lutou para conseguir um outro emprego, nem sustentou a família do modo que ela esperava.

Em uma dada hora do romance, Guida conclui "Marcos Maricas, ela entendeu, não tinha condições de seguir uma vida independente. Retornou para Botafogo" (p.155). Aqui entendemos que é justamente o fato de Marcos não performar sua masculinidade do modo como era esperado e não agir dentro do seu "papel de homem" que faz com que a vida de Guida termine por ir para caminhos inesperados. Vale lembrar que nessa época ainda estava bem em voga o conceito de que cabia ao homem cuidar das questões práticas, enquanto cabia à mulher cuidar da casa e dos filhos. Bernardo Jablonski (1998) explica um pouco sobre isso:

> "Em contrapartida, os homens, dada sua maior força física - que até bem pouco tempo era importante como delimitadora de funções - empenhavam-se em tarefas que pediam

> movimentação mais livre, até por grandes distâncias, maior esforço físico, exposição mais direta ao perigo (por decorrência?) ao desenvolvimento das instituições formais, da vida pública e dos valores que a norteiam. Isto tudo numa relação de poder bem definida, com homens detendo a maior fatia do mesmo (ou quase todo, segundo algumas feministas), apesar da complementariedade de papéis" (JABLONSKI, 1998 p.157).

O que Jablonski parece querer nos dizer é que se espera do homem, até por questões biológicas, que ele desempenhe as funções da vida pública, como por exemplo o trabalho. Guida parecia querer justamente isso do marido: que ele fosse o responsável por prover o sustento da família e a sua segurança financeira. A partir do momento em que ela percebe que Marcos não é capaz de ser o provedor, ela se sente desamparada, frustrada, e enxerga no marido um homem fraco.

Já quando falamos de Eurídice, é também o modo como seu marido performa sua masculinidade que faz com que sua vida acabe tomando o rumo que tomou. Antenor é, ao contrário de Marcos, um homem que assume seu "papel de homem" na sociedade, agindo como o provedor da casa e esperando que sua esposa cuide de tudo que diz respeito às funções do lar e apenas isso. A autora insinua que Antenor se casou com Eurídice por conta da doença de sua tia, que já não podia mais cuidar dele. Sendo assim, ele precisava de uma outra mulher que assumisse esse papel de cuidar da casa e de suas coisas. Segundo as palavras da autora:

> "Outros apontam a doença da tia de Antenor como responsável pela união, já que agora ela não podia mais lavar as roupas do sobrinho com o sabão especial de lavanda, ou preparar a canja de galinha com pedaços transparentes de cebola, porque se Nonô apreciava o gosto de cebola detestava sua textura, sendo um único pedaço camuflado no feijão capaz de lhe deixar com engulhos e arrotos por uma longa tarde regada a Alka-Selzer" (Batalha, p.9)

Esses trechos deixam claro que o modo como os homens se colocam nas relações é parte fundamental do que acontece com as mulheres da história. Isso nos leva a concluir que é quase impossível entender e estudar uma suposta crise de masculinidade em meados do século XX sem tentar compreender como se davam as relações dos homens com as mulheres. É nesse sentido que optar por duas autoras mulheres, uma da década de 1940 e outra contemporânea que se debruça sobre a década de 1940 é importante para a pesquisa.

Em entrevista à revista literária *Quatro Cinco Um* (2019), Martha Batalha deixa claro que a intenção ao escrever *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* era justamente falar sobre o esforço que aquelas mulheres naquela época faziam para manter seus núcleos familiares. Para a autora, "Eurídice era uma ideia, mas também um incômodo", ela detalha um pouco mais a

ideia:

> "Eurídice era para mim uma ideia, mas também um incômodo, a vontade de contar algo que as pessoas conheciam, mas não reconheciam, no sentido de entender e assimilar as frustrações e limitações pelas quais passaram as mulheres para manter os núcleos familiares."

Esse parece não ser um tema que deixou de ser importante para a autora. Em seu segundo livro, *Nunca Houve Um Castelo* (2018), Martha também se debruça sobre as relações entre homens e mulheres, focando principalmente nas histórias de mulheres que muitas vezes tinham que se anular para manter o núcleo familiar funcionando como deveria. A obra se divide entre personagens que de fato existiam e outros inventados e retrata um período histórico bastante grande, que contempla cerca de 110 anos. A sinopse apresentada na contracapa do livro mostra que Martha parte de duas festas de réveillon em períodos distintos para contar a história de seu livro. Uma acontece em 1968, no Rio de Janeiro e outra setenta anos antes, em Estocolmo.

> Setenta anos antes, Johan Edward Jansson conhece Brigitta também em uma festa de Réveillon, em Estocolmo. Eles se casam, mudam-se para o Rio de Janeiro e constroem um castelo num lugar ermo e distante do centro, chamado Ipanema. *Nunca houve um castelo* explora como essas duas festas de Ano-Novo definem a trajetória dos Jansson ao longo de 110 anos. É uma saga familiar embebida em história, construída com doses de humor, ironia e sensibilidade. A riqueza e a complexidade dos múltiplos personagens criados por Batalha permitem tratar de temas que se entrelaçam e definiram a sociedade brasileira nas últimas décadas, como o sonho da ascensão social, os ideais femininos e feministas, a revolução sexual, a reação ao golpe militar, a divisão de classes, a deterioração do país. Um romance comovente sobre escolhas e arrependimentos, sobre a matéria granular da memória e as mudanças imperceptíveis e irremediáveis do tempo (BATALHA, 2018, contracapa)

Também nesse livro, Martha traz elementos importantes para que possamos repensar questões sobre masculinidade e papéis de gênero. Mais uma vez a autora parte de seu olhar contemporâneo para retratar um período em que as relações entre homens e mulheres eram muito diferentes do que são hoje. A autora, por exemplo, usa Laura Alvim, uma figura que de fato existiu, para mostrar o exemplo de uma mulher que simplesmente não quis se casar. Laura apesar de ser disputada por muitos homens conclui "Para que se casar? Gostava de ser muitas mulheres, desde que nenhuma fosse a mulher de alguém" (p.63)

A autora cria vários personagens em diferentes épocas e isso acaba sendo muito rico no que diz respeito a mostrar as opressões que não só as mulheres, mas que também os homens sofriam por serem obrigados a lidar com um padrão que exige que eles sejam "homens de verdade". Em *Nunca Houve um Castelo,* Marta conta a história de Otávio Jansson, um homem

muito conhecido na noite do Rio de Janeiro e que já havia se envolvido com diversas mulheres. Em um determinado momento da história ele se casa com Estela, e os dois vivem um casamento que segundo o livro “nem era preciso perguntar se viviam felizes - tudo em volta já respondia. Moravam em um apartamento de três quartos em um prédio novo da rua Aníbal de Mendonça, com garagem elevador, porteiro até dez da noite, lavabo e varanda com vista pro mar” (p.82)

As coisas, entretanto, mudam durante uma festa de Ano Novo para a qual o casal é convidado. Quem organiza a festa é Maria Lúcia, uma ex-namorada de Otávio de quem Estela tinha muito ciúmes. O leitor aqui fica com medo de que o marido de Estela acabe traindo a esposa com a ex, mas o que acontece é um fato inesperado. Depois que os dois voltam para casa, Otávio diz que não está se sentindo bem e faz uma revelação: “Ele levantou o rosto, olhou dolorido para Estela. Voltou a baixar os olhos para o maço: - Eu acho que eu gosto de homens” (p.108).

Apesar da revelação, Estela e o marido não se separam. Ela na verdade finge que nunca ouviu aquilo que o marido teve a dizer e os dois seguem o casamento mais ou menos do mesmo modo como sempre foi. A questão da sexualidade de Otávio só vem à tona no fim do livro, quando ele revela mais um fato à mulher: "sou gay e meu amante morreu de aids no mês passado” (p,235). O teste dá positivo e os dois não se separam, Estela segue cuidando do marido até o último momento, quando ele finalmente falece.

A história de Otávio é bastante interessante de ser enxergada a partir da ótica das masculinidades porque ilustra bem o quanto era difícil para um homem se assumir enquanto homossexual dentro de um contexto e de uma época que privilegia a heterossexualidade. Otávio conta em uma determinada passagem do livro que já se sabia gay desde criança, mas foi sufocando esse sentimento:

> Tavinho também não queria outra vida. Mesmo porque, se ele for parar para pensar, o que aconteceu no colégio foi brincadeira de menino. E depois, aos quinze anos, foi por excesso de hormônios, normal querer experimentar. (...) Desde então eram só os sonhos com nadadores, o que, comprovadamente, definitivamente, não era real. Sete deles na posição de tiro, cúmplices dos toques de Tavinho em seus ombros e coxas” (p.129)

Otávio não conseguia aceitar o fato de ser homossexual, tanto é que optou por continuar casado com a esposa, Estela, mesmo depois de admitir para ela que era gay. Para ele, a homossexualidade poderia ser algo que ficaria ali no campo do interesse marginal, como algo que nem existe de verdade. É curioso como Martha aqui usa o artifício do humor para enfatizar o horror de Otávio ao se enxergar gay. Ela diz que o personagem tem sonhos que “comprovadamente, definitivamente, não era real”. Esse trecho mostra bem como o personagem tentava se convencer de maneira quase infantil de que não tinha interesse por

homens. É claro que sonhos refletem desejos do inconsciente, mas Otávio teimava tanto em não querer assumir esse interesse por homens que ele crê que é possível que essa atração só exista em sonhos, algo que "comprovadamente" não é real. O esforço do personagem em tentar se convencer chega a ser quase uma piada, de tão absurdo. Em um determinado trecho do livro, Otávio tenta se afirmar como "homem", como se assumir-se homossexual fosse renunciar a sua masculinidade. "Ele era Otávio Jansson, alto, forte, homem. Casado com Estela Jansson, mulher com curvas de Pão de Açúcar." (p.129).

Entendemos que Otávio opta por continuar performando a heterossexualidade como sinônimo de continuar "alto, forte, homem". Tamagne (2013) explica um pouco sobre essa questão do homem que se assume como homossexual ser percebido como um homem que "falhou":

> "O homossexual é ainda frequentemente percebido como um homem 'fracassado', aquele que falhou nos testes da virilidade. Importaria, portanto, para 'ser um homem', não parecer ou agir de modo a deixar pensar que se poderia ser homossexual. As injúrias tais como 'bicha', 'sodomizado' (enculé),(...) funcionam assim como chamamentos à ordem de uma obrigação de virilidade, que é também uma obrigação de heterossexualidade." (TAMAGNE,p. 425).

Otávio e Estela continuam casados, ele porque não quer ser visto pelos demais como um homem que é "menos homem" e ela porque não queria ser vista como uma mulher desquitada: "Estela não ia se render. Não ia dizer: 'Vai, Tavinho, vai ser gauche na vida' e se tornar uma mulher desquitada. Os pelinhos do braço até se arrepiavam quando pensava nisso" (p.129).

O interessante dessas questões que Martha aborda em *Nunca Houve Um Castelo* é que mesmo através da ficção, nós conseguimos ter um panorama relevante de como era a situação de homens e mulheres ali em meados dos anos 1960 e isso traz mecanismos para entender papéis de gênero com mais clareza. O importante da escrita de Martha Batalha é que por ter um olhar contemporâneo, ela nos traz uma outra perspectiva sobre papéis de gênero. Ainda que a autora retrate com bastante realidade o homem e a mulher de meados do século XX, o fato de ela estar falando a partir de um outro momento histórico faz com que seja possível existir ali a voz de uma autora que já enxerga que é possível um novo padrão de comportamento. É em razão disso que optamos por estudá-la junto com Ondina Ferreira observando contrastes. Entendemos que um olhar da época unido a um olhar contemporâneo pode nos trazer uma visão geral mais rica no que diz respeito à crise das masculinidades dentro dos romances. Será que ela de fato existiu em meados do século XX? Se sim, por que razões? Se não, o que nos levou a formular essa hipótese?

Vale pontuar que em nenhum momento ao comparar as autoras e ao tentar responder à questão da crise das masculinidades, buscamos aqui enxergar os romances como documentos históricos. Queremos entender se essa crise existiu dentro dos romances, mas também acreditamos que a literatura serve como ferramenta para entender o mundo que nos cerca. O que percebemos nos livros pode ser um reflexo do que percebemos na vida, mas é claro que não é nossa pretensão cravar ou não uma existência de crise para além dos romances. Existirá aqui a análise das obras e dos seus componentes sem, é claro, deixar de levar em conta que a literatura é criada a partir de um contexto, um momento histórico e é também um reflexo do momento em que a obra foi criada.

Apesar de Martha Batalha ter uma produção não só relativamente recente como também curta e de *Nunca Houve Um Castelo* tratar também de temas relevantes para a discussão das masculinidades, nós optamos por analisar *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* em razão da história estar situada no mesmo período histórico do outro livro que será analisado nesta pesquisa, *Vento de Esperança.* Ambas as obras se debruçam principalmente nos anos 1940, o que faz com que as comparações possam ser mais precisas.

2. O HOMEM EM CRISE? DISCUSSÕES SOBRE UMA SUPOSTA CRISE NAS MASCULINIDADES

2.1 Discussões Teóricas Sobre Masculinidades:

2.1.1 Masculinidades e Papéis Sexuais:

É impossível discutir a questão da crise da masculinidade e entender se essa crise existe ou não, se é possível trabalhar com essa hipótese ou não, sem antes buscar compreender do que falamos quando discutimos masculinidades. Para podermos chegar a analisar os livros e seus períodos históricos correspondentes quanto a existir ou não uma crise de masculinidade dentro daquelas obras, é preciso entender primeiro o que são masculinidades e porque nos interessa estudá-las.

Em primeiro lugar, talvez seja importante levar em conta que estamos aqui partindo de dois pontos principais: a masculinidade e uma suposta crise em meados do sec. XX (mais especificamente durante os anos 1940) e a autoria feminina. Como já abordamos no primeiro capítulo dessa dissertação, pode até parecer um contrassenso optar por estudar autoria feminina e, dentro desse universo, querer abordar questões sobre masculinidades. A verdade é que partimos do conceito do qual fala Badinter (1993) de que a masculinidade é "relativa e reativa" e que não é possível entender a construção da masculinidade e da feminilidade sem colocar um em relação ao outro. É por isso que partimos da visão das mulheres para tentar enxergar nas obras uma suposta crise de masculinidade. Entendemos que é na relação com elas que essa suposta crise se mostra e é a partir da visão delas que podemos ter um panorama mais abrangente do que de fato aconteceu dentro daquele período histórico e como isso pode ter influenciado na construção dos personagens e das relações entre eles nas

Uma das principais e mais respeitadas teóricas sobre masculinidades é Raewyn Connell. Em seu livro *Masculinities* (2005) ela faz um interessante apanhado histórico sobre os estudos das masculinidades que vai desde o estudo das masculinidades através da ótica da psicologia, falando sobre Freud e Jung, até chegar no campo das masculinidades sobre a ótica das ciências sociais. Segundo a autora, a primeira tentativa de criar os estudos de masculinidades dentro das ciências sociais partiu da ideia de "sex role", que será traduzido aqui como "papel sexual"[1]. A

[1] A escolha pela expressão "papéis sexuais" partiu do fato do termo vir do inglês "sex roles" e significar algo diferente de "papéis de gênero". Quando falamos de "papéis sexuais" estamos falando de papéis determinados pela sociedade para homens e mulheres através do sexo biológico, e não do gênero.

origem desses estudos partiria do final do sec. XIX, quando começaram os primeiros debates sobre a emancipação da mulher e onde ainda se utilizava como principal justificativa para as mulheres não entrarem na universidade, por exemplo, o fato de a mente das mulheres ser muito delicada para aguentar o rigor do trabalho acadêmico. Isso unido ao fato de que entrar em uma universidade poderia fazer com que as mulheres se distraíssem do seu papel enquanto mães e esposas, faria com que não fosse possível que elas frequentassem a vida acadêmica.

Esse exemplo que Connell nos dá logo nos primeiros capítulos do livro é interessante para entender que muito do que estudamos quando falamos de masculinidades vem do fato de existirem socialmente atividades que são consideradas "papéis de homem" e outras atividades que são "papel de mulher". Ao homem está destinado quase tudo aquilo que diz respeito à força e ao intelecto, enquanto para a mulher está destinado tudo aquilo que tem a ver com o cuidar, como afeto e com tarefas mais minuciosas como cozinhar ou cuidar dos afazeres domésticos.

É claro que, embora muitos desses conceitos de papéis sexuais tenham sido pautados em fatores biológicos e um tanto vagos como o fato de o homem servir para trabalhos braçais por ser "mais forte", enquanto à mulher caberiam os trabalhos domésticos e o cuidar dos filhos por ela ser "mais fraca" e mais "sensível", fato é que quando estamos falando de papéis sexuais estamos discorrendo também sobre conceitos que foram socialmente estabelecidos. Connell nos explica um pouco melhor sobre isso em determinada parte do livro:

> "Muito mais comum, entretanto, é a segunda abordagem, no qual ser um homem ou uma mulher decreta um conjunto geral de expectativas que estão relacionadas com aquele gênero - o "papel sexual". Nesta abordagem existem sempre dois papéis sexuais, qualquer que seja o contexto cultural: o papel de mulher e o papel de homem. Masculinidade e Feminilidade são facilmente interpretadas como papéis sexuais internalizados, os resultados dos aprendizados sociais, ou da 'socialização'" (CONNELL, p. 22, tradução livre).

Ao usar o termo "papéis sexuais", estamos assumindo que existe um papel que foi socialmente estabelecido tanto para homens, quanto para mulheres. Esses papéis são aprendidos durante a vida, e durante a socialização. Meninos são socializados de maneira diferente do qual meninas são socializadas. Sócrates Nolasco (1997) explica um pouco sobre isso:

> "Tanto o menino quanto a menina crescem acreditando que a mulher e o homem são o que são por natureza. A mulher tem mais inclinações para a educação, para atitudes compreensivas e ternas e, acima de tudo, já nasce sabendo cuidar dos filhos. Por outro lado, os homens estão destituídos naturalmente dessas prerrogativas. Um *homem de verdade* se constitui no distanciamento dessa cena de cuidados e contatos físicos com crianças" (NOLASCO p.20)

É interessante notar quando estudamos masculinidades que, muito embora a mulher ainda seja muito mais oprimida socialmente ao longo dos anos em razão desses papéis pré-estabelecidos, algumas ações também são negadas ao homem como por exemplo demonstrar com clareza seus sentimentos, ser afetuoso, exercer completamente seu papel de pai, entre outras demandas. Quando falamos de estudar masculinidades e feminilidades estamos tentando elaborar e entender tudo aquilo que é exigido de um determinado sexo e em tudo aquilo que é tirado. Connell (2005) fala um pouco disso quando cita uma fala de Pleck em seu livro *O Mito da Masculinidade.* Nesse trecho, o autor defende que quando uma pessoa age de uma maneira que não vai de acordo com seu papel pré-estabelecido, isso gera insegurança. "O conceito de identidade atrelada a esse papel sexual impede os indivíduos que violam o papel tradicional de seus sexos os desafiarem. Ao invés disso, eles se sentem pessoalmente inadequados e inseguros" (Pleck *apud* Connell p.25)

A partir dessa afirmação concluímos que os papéis estabelecidos para cada sexo não só fazem com que se espere um determinado comportamento de homens e mulheres de acordo com o seu sexo biológico, como também essa padronização faz com que quem porventura não consiga se adequar completamente a esses papéis, se sinta inseguro.

Mulheres que não assumem seu "papel de mulher" perante a sociedade são julgadas de maneira feroz. Para enxergar uma mulher como mulher, é exigido que ela se porte de uma determinada maneira, seja afetuosa, cuide dos filhos e da família, não se exceda etc. As mulheres são tradicionalmente mais oprimidas, até pela posição que exercem dentro do corpo social. Dentro de um sistema patriarcal, é natural que elas sofram muito mais com a opressão do que os homens. Um dos grandes desafios de optar por estudar masculinidades é ter que lidar com as críticas quanto à necessidade de estudar as questões pelas quais passam o "opressor". Seria mesmo necessário se debruçar sobre as dificuldades de ser e se portar como homem em uma sociedade que por padrão já privilegia o sexo masculino? Bem, a resposta é sim. Não só porque esses papéis pré-estabelecidos também fazem com que o homem seja obrigado a se colocar perante os outros de determinada maneira enquanto reprime outros comportamentos, mas também porque estudar masculinidades é estudar a relação entre o masculino e o feminino, como já dissemos em algumas outras oportunidades durante essa dissertação.

Sabemos que é delicado afirmar que o "patriarcado é tão nocivo para os homens quanto é para as mulheres" (Pleck *apud* Courtine p.157) como afirmou o psicólogo Joseph H. Pleck em determinada ocasião em que houve nos Estados Unidos algo como um "movimento de libertação dos homens" em que os homens proclamavam justamente isso. Entretanto, o próprio

Pleck parece ter razão quando argumenta que "o ideal do papel sexuado masculino era completamente ilusório, e exercia uma pressão considerável sobre os meninos que deviam dar provas ao mesmo tempo de força física, proezas sexuais e capacidade de exercer o poder" (p.157).

Embora não se possa afirmar que os papéis que a sociedade impõe para homens e mulheres oprimam mais ou em mesma medida os homens, é possível sim afirmar que esses papéis estabelecidos de acordo com o sexo biológico oprimem o homem em alguma medida, ainda que essa medida pareça menor do que as opressões com as quais lidam a mulher. Estudar masculinidades é importante não só para entender por que o homem segue no papel de opressor, mas também para compreender como esse tipo de comportamento afeta a vida das mulheres e seu papel na sociedade. Não à toa nesta pesquisa queremos abordar uma suposta crise de masculinidade, cuja hipótese recai justamente no fato de que uma das razões para a masculinidade ter entrado em crise é o fato de o homem não saber (ou não querer) lidar com a mulher mais autossuficiente que começa a surgir em meados do sec. XX.

Já entendemos que estudar masculinidades tem a ver com entender e questionar os papéis que foram pré-estabelecidos para homens e mulheres, mas de onde exatamente partem esses questionamentos? Para Raewyn Connell (2005), o conceito de masculinidade não é apenas uma ideia, mas algo que está ligado diretamente com o modo como a sociedade se organiza. "Definições de masculinidade estão profundamente enredadas na história das instituições e das estruturas econômicas. Masculinidade não é apenas uma ideia na cabeça, ou uma identidade pessoal. Também se estende ao mundo e se funde às organizações sociais" (p.29)

Ou seja, quando estudamos masculinidades não estamos apenas tentando entender as relações dos homens com as suas próprias condutas, ou suas relações com as mulheres. Nós também estamos tentando compreender as relações dos homens com a sociedade e com o mundo que os cerca. E como não estamos falando de um homem em específico em relação a uma sociedade em específico, em um momento em específico, é natural que sejamos colocados em contato não só com um tipo de masculinidade, mas com vários tipos. Michael Kimmel (1998) explora um pouco essa ideia em seu livro "*Changing Men: New Directions in Research on Man And Masculinity"*. O autor explica que não existe como tratar de uma masculinidade como se fosse algo único e universal e que, por isso, é melhor que falemos de "masculinidades", no plural:

> "Não podemos falar de masculinidade como se fosse uma essência constante e universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança. Neste sentido, devemos falar de masculinidades, reconhecendo as diferentes definições de hombridade que construímos. Ao usar o termo no plural, nós reconhecemos que masculinidade significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos." (KIMMEL, p. 106)

É claro que quando falamos de "masculinidades" entendemos que embora existam vários modos de "ser homem", existe também um comportamento padrão e hegemônico que costuma ser exigido de todos os homens. O que discutimos sobre papéis sexuais e sobre parecer existir um modo correto de "ser homem" e de "se portar como homem" é o que podemos definir como "masculinidade hegemônica". Fátima Regina Cecchetto (2004), em seu livro *Violência E Estilos de Masculinidade*, explica que a masculinidade hegemônica seria um modelo central que acaba por permitir qualificar todos os outros estilos como inadequados ou inferiores:

> "Neste sentido, emerge no contexto dos *men's studies* a noção de masculinidade hegemônica como alternativa para se examinarem as relações de poder entre os sexos. A masculinidade hegemônica é definida como um modelo central, o que implica considerar outros estilos como inadequados ou inferiores. Isso abre caminho para uma abordagem mais dinâmica da masculinidade: a divisão crucial entre uma masculinidade hegemônica e várias subordinadas que lhe servem de contraponto e antiparadigma." (CECCHETTO, p.63)

Quando estamos falando de masculinidades partimos de um modelo de masculinidade que é tomado como padrão e se torna a regra enquanto todos os outros modos de "ser homem" podem ser encarados como desvios dessa norma padrão. Connell (2005), entretanto, defende que apenas entender que existe essa diversidade entre as masculinidades pode não ser o suficiente. É preciso, para a autora, também reconhecer que existem relações de poder entre esses diferentes tipos de masculinidades: "Devemos reconhecer que as relações entre diferentes tipos de masculinidade. Relações de aliança, domínio e subordinação. Essas relações são construídas através de práticas que excluem e incluem, que intimidam e exploram, e assim por diante" (p.37). Para Connell, é preciso compreender que há uma política de gênero dentro das masculinidades. A autora nos dá o exemplo de uma escola. Dentro de uma escola se privilegia o modelo hegemônico que enxerga a masculinidade como sinônimo de força e virilidade. Por isso, a maioria dos meninos costumam ser levados a praticar esportes e a mostrar, a partir dessa prática, que são homens. Todos aqueles que porventura fogem desse estereótipo (aqueles que não gostam de esportes, por exemplo) têm que negociar suas vontades e suas relações com os outros, se mostrando capazes em outras áreas e provando sua masculinidade de outras formas. Claro que a autora não pretende com isso defender que o esporte seja uma atividade

essencialmente masculina, e que mulheres são habilidosas ou não podem praticar esportes. Quando Connell dá esse exemplo, ela está se referindo ao fato de existirmos dentro de uma sociedade que enxerga a força física como um dos atributos essenciais da masculinidade hegemônica e que, por consequência, acaba associando o gostar de esportes com uma característica da masculinidade.

Connell ainda explica que hegemonia não significa controle total, não é uma coisa automática e pode acabar sendo rompida por uma força externa, ou se romper por conta própria. Ainda assim, não há como negar que o conceito e a existência de uma masculinidade hegemônica é que molda várias das relações dos homens com outros homens e com as mulheres. Muito da noção que temos do que é a masculinidade "real" vem da ideia que se criou sobre o corpo masculino. Os homens seriam naturalmente mais fortes, mais violentos, e teriam um desejo sexual mais aflorado porque a natureza os fez assim. Alguns comportamentos que são tomados como "naturalmente masculinos" são explicados através do corpo masculino, como nos mostra Connell: "Ou o corpo leva e direciona à ação (ex: homens são naturalmente mais agressivos que as mulheres; o estupro é resultado de um desejo incontrolável ou de um desejo inato de violência) ou o corpo limita ações (ex: homens naturalmente não tomam conta das crianças)" (p.45). Tudo isso parece ter muito a ver com aquela noção que abordamos no começo deste capítulo, que condiciona certas atitudes a um determinado sexo biológico. Mulheres agem de tal maneira porque são mulheres enquanto homens só podem agir de outra maneira porque são homens. Isso está dentro de seus "papéis sexuais". Quando ouvimos essas explicações entendemos que o modelo hegemônico de masculinidade pode em certa medida privilegiar os homens que se enquadram dentro do padrão porque os mantém em posição de poder ao mesmo tempo que permite que certas ações injustificáveis acabem sendo justificadas de certa maneira. A violência, a falta de cuidado com os filhos e a própria opressão são muitas vezes enxergadas como coisas naturais e até inatas ao homem, e por isso eles não teriam como lutar contra essas forças maiores. É claro que essa ideia de que um homem age de determinada maneira porque é de sua natureza não é uma justificativa que se sustenta por muito tempo. O que se entende é que a ideia da masculinidade hegemônica pode até ter partido dessa falsa noção de que existe uma predeterminação biológica para um homem se portar como um homem, mas a verdade é que esses conceitos são muito mais produtos de um contexto histórico e cultural:

> "Não há nenhuma evidência de uma forte determinação nesse sentido. Há pouca evidência até de uma fraca determinação biológica de diferenças de grupos em comportamentos individuais simples. E a evidência de diversidade de gênero transcultural e histórica é impressionante. Por exemplo, há culturas e situações

> históricas em que o estupro está ausente ou é extremamente raro; onde o comportamento homossexual é a prática mais comum (em um determinado período da vida); onde mães não são a maioria cuidando das crianças (ex: o trabalho é feito por pessoas mais velhas, filhos mais velhos ou empregados); e onde homens não são naturalmente agressivos" (CONNELL, p.47)

A explicação de existir um fator biológico predominante que faz com que os homens tenham predisposição a tomar determinadas atitudes enquanto têm dificuldade de exercer determinadas funções pode parecer bastante cômoda já que parece muito fácil para os homens explicarem comportamentos inadequados como violência e falta de cuidado com os filhos como uma determinação biológica. Também é simples dizer que homens não ajudam nas tarefas domésticas e não são amorosos com seus pares porque nasceram assim. Colocar a justificativa de alguns comportamentos no simples determinismo biológico faz com que os homens não precisem buscar uma mudança efetiva. Afinal, o comportamento não é culpa deles, é da natureza masculina. Mas como Connell explica, apesar de cômoda, essa explicação não parece muito lógica.

Parafraseando Simone de Beauvoir, se "não se nasce mulher: torna-se", é possível dizer que não se nasce homem: torna-se. Sendo assim, a explicação biológica para o comportamento masculino parece muito frágil. É muito mais lógico que o homem seja influenciado pela sociedade e pelo período histórico no qual vive a performar um determinado modo de masculinidade. Nesse sentido, só é possível entender a construção da masculinidade a partir de um determinado contexto social e cultural. "Nós podemos enxergar as masculinidades não como um objeto isolado, mas como um aspecto de uma estrutura maior" (Connell, p.67).

É claro que ao falar de masculinidades devemos também partir do princípio de que esse é um conceito relativamente recente e que nem todas as culturas ao redor do mundo entendem masculinidade do mesmo modo que as culturas ocidentais, por exemplo. "Todas as culturas têm questões de gênero, mas nem todas têm o conceito de 'masculinidade'. É no seu uso atual que o termo supõe que o comportamento de alguém resulta do tipo de pessoa que ela é" (p.68). Extrapolando um pouco mais, é claro que culturas que não entendem os papéis femininos e masculinos do jeito que as culturas ocidentais entendem terão um conceito diferente do que é masculinidade.

Apesar disso, estamos nos debruçando sobre as questões de masculinidades dentro da sociedade ocidental, e nossa pesquisa trata de autoras brasileiras, mostrando realidades brasileiras. Nesse caso, o que nos interessa é esse conceito de masculinidade formado e

discutido no ocidente, porque é o que de fato impacta nossa cultura e, consequentemente, nosso objeto de estudo.

2.1.2 Masculinidades e o Conceito de Gênero

Antes de discutirmos mais a fundo sobre o aspecto sociocultural das masculinidades, é preciso abordar um pouco o conceito de gênero. Quando falamos de papéis sexuais, estamos partindo do sexo biológico para dizer que determinadas funções e comportamentos são próprias dos homens enquanto outras são próprias das mulheres. Como já dissemos anteriormente, essa é uma ideia na qual se insistiu por muito tempo (e na qual muitas vezes se insiste até hoje), mas é muito mais interessante abordar as masculinidades como um conceito que é produto da sociedade e do momento histórico que ocupa. Por isso, é importante que se entenda o conceito de gênero.

Retornando a Connell (2005), a autora explica que a teoria dos "papéis sexuais" trata a masculinidade como uma norma social para o comportamento dos homens. Porém, é muito mais importante levar em conta que a masculinidade talvez esteja muito mais ligada à questão dos papéis de gênero do que ao sexo biológico simplesmente. Partindo desse pressuposto, qual seria a diferença real entre sexo e gênero? Joan Scott (2017) explica que: "as feministas começaram a utilizar a palavra 'gênero' mais seriamente, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos" (p.2). O conceito de gênero foi incluído nas discussões justamente para sair desse determinismo biológico no qual se centravam as discussões sobre feminilidades e masculinidades. "O 'gênero' parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como 'sexo' ou 'diferença sexual'" (p.3).

Ou seja, quando começamos a abordar o conceito de gênero, e usamos termos como "papéis de gênero" ao invés de "papel sexual", nós estamos levando em consideração a relação entre homens e mulheres que não privilegia somente o sexo biológico, mas leva em consideração contextos históricos, culturais e a relação entre os sexos. Ainda segundo Scott (2017):

> Ademais, o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que

> encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as 'construções sociais' - a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. (SCOTT, 2017 p.7)

A definição do conceito de gênero não é sempre tão simples e não existe uma concepção imutável do que seria gênero. O que existe é uma discussão acerca do conceito de gênero, mas ainda que não possamos usar uma definição única, as discussões sobre masculinidades a partir do conceito de gênero nos interessam muito mais do que discutir masculinidade a partir apenas de um determinante biológico. Raewyn Connell e Rebecca Pearse (2017), em seu livro *Gênero: Uma Perspectiva Global*, dissertam um pouco sobre o conceito de gênero e como esse conceito deve ser abordado quando vamos falar de masculinidades ou de feminilidades.

É preciso entender quando falamos de gênero que, além do fato dos estudos de gênero não privilegiarem essas determinações biológicas quando estamos falando do que é ser homem e do que é ser mulher, falar de gênero também permite discutir sobre o conceito de "identidade de gênero". Segundo as autoras, a identidade de gênero seria "um nome para a sensação de pertencimento a uma categoria de gênero". Ou seja, é possível ser biologicamente visto como um homem, mas no que diz respeito ao gênero, se identificar enquanto mulher. Detalhando um pouco mais esse pensamento:

> Assim não podemos pensar o ser mulher ou o ser homem como experiências fixadas pela natureza. Mas também não podemos pensá-los como uma imposição externa realizada por meio de normas sociais ou da pressão de autoridades. As pessoas *constroem a si mesmas* como masculinas ou femininas. Reivindicamos um lugar na ordem de gênero - ou respondemos ao lugar que nos é dado -, na maneira como nos conduzimos na vida cotidiana. (CONNELL and PEARSE, 2017, p.39)

Entender o gênero como uma construção social muito mais do que como uma determinação biológica nos ajuda a compreender muito melhor os estudos das masculinidades e é especialmente importante para que possamos nos debruçar sobre o objeto principal desta dissertação que é justamente a suposta crise da masculinidade, ou seja, essa suposta crise em um modo estabelecido de ser e se portar como homem. Crise essa que parece ser bastante palpável nos personagens que estudamos nos romances e no modo como as autoras estruturam as relações entre homens e mulheres.

Quando falamos sobre gênero é bom lembrar que estamos partindo do pressuposto que existem ambiguidades de gênero. Ou seja, nem sempre uma mulher vai se portar exatamente do modo como a sociedade espera que uma mulher se porte, bem como nem sempre um homem

vai agir exatamente do modo como a sociedade espera que ele aja. Connell e Pearce explicam essa questão dizendo que “há mulheres masculinas e homens femininos”. Isso significa que para as autoras há pessoas que subvertem o papel de gênero esperado pela sociedade. Ela explica que: “Há mulheres que se apaixonam por outros homens e homens que se apaixonam por outros homens. Há mulheres que são chefes de família e homens encarregados de cuidar dos filhos. Há mulheres soldados e homens enfermeiros” (p.39). É bom pontuar aqui que quando Connell e Pearce falam sobre essa subversão dos papéis de gênero, em nenhum momento elas querem dizer que só podem existis homens que se apaixonam por mulheres e mulheres pedagogas. Pelo contrário, as autoras querem mostrar que, embora a sociedade enxergue com mais naturalidade homens exercendo determinados papéis e mulheres exercendo outros, é possível subverter com facilidade os papéis de gênero pré-estabelecidos. Não é porque você nasceu mulher que você precisa se comportar exatamente do modo como a sociedade espera que uma mulher se comporte.

Colocando assim pode haver a falsa impressão de que performar algo fora do seu papel de gênero é natural e bem aceito pela sociedade. Bem, não é assim que as coisas funcionam. Nos romances que estudamos, percebemos também uma resistência vinda justamente do fato de alguns homens não se encaixarem perfeitamente dentro do seu papel de gênero. Há homens sensíveis e homens submissos. Homens que não assumem seu papel de provedor. Esses homens, como veremos mais a fundo na análise dos romances, estão longe de serem aceitos em sua plenitude tanto pela sociedade, quanto por seus pares amorosos.

Ainda que hoje em dia, principalmente depois da revolução sexual em 1960 e dos movimentos feministas, a sociedade tente colocar mulheres e homens em uma posição igualitária e haja um esforço constante para aceitar essas ambiguidades de gênero, não estamos perto de viver nesse mundo ideal. Ainda existem desigualdades e questões delicadas quando tratamos de gênero. Connell e Pearce explicam que “a maioria da riqueza corporativa também está na mão de homens, as maiores instituições são lideradas por homens e a ciência e tecnologia são, em sua maioria, controladas por homens. Em muitos países, incluindo alguns com populações muito densas, as mulheres têm menos chances que os homens de aprenderem a ler e a escrever” (p.41). Ou seja, ainda vivemos em uma sociedade que privilegia os homens e ainda há sim questões que impedem situações relativamente simples como ver uma mulher gerindo uma empresa e um homem cuidando de uma casa serem consideradas comuns.

Como vivemos em uma sociedade patriarcal, é claro que o modo como são

desempenhados os papéis de gênero ainda privilegiam muito mais os homens do que as mulheres. Isso não significa, entretanto, que homens também não paguem um preço alto

> "Em geral, apesar de os homens se beneficiarem das desigualdades da ordem de gênero, esse benefício não ocorre de maneira uniforme. (...)Meninos e homens que desafiam as noções dominantes sobre a masculinidade por serem gays, afeminados ou considerados fracos são às vezes, alvo de violência" (CONNELL and PEARCE, p.42)

Ao que nos parece, todo homem que se desvia do conceito de masculinidade dominante, ou seja, do conceito de "Masculinidade Hegemônica" tende a sofrer as consequências. E é justamente ao se desviar do conceito de masculinidade hegemônica que pode vir a noção de crise. Para que possamos abordar com mais clareza como se dá a crise na masculinidade, é preciso entender melhor do que estamos falando quando abordamos o conceito de masculinidade hegemônica.

2.1.3 Masculinidade Hegemônica:

Em seu artigo *Masculinidade Hegemônica: Repensando o Conceito*, Connell e Messerschmidt (2013) debatem bastante sobre a definição de masculinidade hegemônica e suas implicações. O conceito de masculinidade hegemônica surgiu por volta dos anos 1980 em relatórios de um estudo de campo sobre desigualdades sociais em uma escola da Austrália. A partir daí vários outros estudos e artigos conceituando masculinidade hegemônica foram surgindo e percebeu-se que era possível trabalhar com a ideia de que existe uma masculinidade que é tida como "padrão", ou seja, uma masculinidade "hegemônica" e outras masculinidades que não estão dentro do que se espera em um primeiro momento de um homem e que são tidas como masculinidades "subalternas".

Um bom exemplo para entender do que estamos falando quando conceituamos masculinidade hegemônica é a questão da heterossexualidade e da homossexualidade. Na sociedade patriarcal, a heterossexualidade e tudo ligado a ela é tido como o padrão. Connell e Messerschmidt explicam um pouco sobre a masculinidade hegemônica ligada à questão da sexualidade masculina:

> A ideia de uma hierarquia das masculinidades cresceu diretamente a partir da experiência de homens homossexuais com a violência e com o preconceito dos homens heterossexuais. O conceito de homofobia originou-se nos anos 1970 e já estava sendo atribuído ao papel masculino convencional. Teóricos desenvolveram contribuições cada

> vez mais sofisticadas sobre as relações ambivalentes entre os homens gays e o patriarcado e com a masculinidade convencional. (CONNELL and MESSERSCHMIDT, p. 244)

Ou seja, ainda que nem todos os homens tenham apenas comportamentos heterossexuais ou que nem todos os homens se identifiquem como heterossexuais, a heterossexualidade é quase compulsória para o homem. Performá-la, ao menos dentro da sociedade na qual estamos inseridos, faz com que um homem seja visto como "homem de verdade". Homens que performam a heterossexualidade não sofrem preconceito do mesmo modo que homens homossexuais. Ao pensar nisso, já percebemos que um modo de demonstrar a sexualidade é tido como um padrão aceito pela sociedade sem muitas dificuldades e outro não. Masculinidade hegemônica não significa necessariamente uma masculinidade que seja comum e natural a todos os homens, mas sim uma masculinidade que é mais facilmente aceita dentro daquele contexto de sociedade.

> A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. (CONNELL and MESSERSCHMIDT, 2013 p. 244)

É muito importante então que se entenda que não necessariamente a masculinidade hegemônica é adotada por todos os homens, e nem é possível dizer que a maioria dos homens se identifique com esse modo de ser homem. É um fato, entretanto, que quando falamos de masculinidade hegemônica estamos falando de uma masculinidade normativa, um modo de ser homem e de parecer homem que é o esperado e o aceito dentro da sociedade patriarcal. É interessante também notar que a masculinidade hegemônica não só não contempla todos os homens como também faz com que masculinidades que fujam desse padrão sejam vistas como um modo "menor" de ser homem. E aqui não falamos apenas da sexualidade. Homens que são tidos como fracos, como sensíveis, como amorosos demais tendem a ser vistos como "menos" homens pelos demais e até por eles mesmos. Mara Barasch (1997) exemplifica um pouco como os homens, desde pequenos, são ensinados a socializar seguindo determinados padrões:

> "Desde que nascem, meninos e meninas deparam com uma enorme variedade de comportamentos que deverão copiar e de que deverão se apropriar como se fossem seus, de acordo com a cultura da sociedade que pertencem. Normalmente, em nossa cultura, espera-se do menino a iniciativa, a agressividade para lidar e encarar os fatos corriqueiros, o constante acerto nas investidas ao sexo oposto e a escolha de um

> determinado caminho que seja característico de pessoas fortes e vencedoras - os provedores. É toda uma série de valores que são passados consciente e inconscientemente para que ele assuma seu papel sexual masculino, que determina que não será um fraco ou um efeminado; em suma, tira-se toda a delicadeza de seu mundo e coloca-se o seu referencial no mundo externo." (BARASCH, p. 98)

O que Barasch coloca aqui como "uma série de valores que são passados (...) para que ele assuma o seu papel sexual masculino" é o que podemos classificar como masculinidade hegemônica. Não é aquilo que um homem necessariamente sente ou pensa naturalmente, mas são valores e um modo de se portar enquanto homem que é tão presente e importante na sociedade que é criada a expectativa de que todos os homens devem agir desse modo.

Quando falamos de masculinidade hegemônica, estamos assumindo que existe uma masculinidade que é tida como padrão enquanto outras são as masculinidades subalternas. A partir desse raciocínio, é lógico admitir que homens que não se enquadram nos padrões de masculinidade hegemônica acabam sofrendo represálias. Já citamos aqui os gays, que sofrem preconceito justamente por não se enquadrarem dentro do padrão de masculinidade hegemônica que privilegia a heterossexualidade, mas é também possível pensar que qualquer homem que não siga determinadas normas de comportamento é passível de ser julgado. Até a paternidade afetuosa ainda é lida pela sociedade como algo que faz os homens "menos homens". Badinter (1995) explica um pouco sobre essas questões quando fala o que ser homem significa. Para a autora, "ser homem significa não ser feminino; não ser homossexual; não ser dócil, dependente ou submisso; não ser feminino na aparência física e nos gestos; não ter relações sexuais nem relações muito íntimas com outros homens; não ser impotente com as mulheres" (p.117).

Assim, fica claro que qualquer homem que não atenda a essas expectativas (que, convenhamos, são muitas) pode acabar sofrendo represálias dentro de um determinado contexto social. É interessante observar que ainda que seja quase impossível para qualquer homem se enquadrar completamente dentro desses padrões de comportamento, esse comportamento padrão ainda é exigido da maioria deles. Connell e Messerschmidt (2013) explicam que essa constante manutenção da masculinidade hegemônica permite que certas opressões continuem, como por exemplo a opressão do homem sobre a mulher. Eles defendem que: "A masculinidade hegemônica foi entendida como um padrão de práticas (coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse." (p.245).

Talvez seja preciso compreender que por mais que a masculinidade hegemônica oprima em certa medida outros modos de ser homem, ela também privilegia um determinado *status quo.* A imagem do homem viril, responsável por tudo que envolve força e aspectos práticos,

que não demonstra seus sentimentos e que não é exatamente vulnerável é o homem que a sociedade patriarcal privilegia. Esse homem que assume e performa a masculinidade hegemônica consegue se manter nas camadas de poder e continua confortável no seu papel de provedor e no papel de dominador. A noção de masculinidade hegemônica pode ser um fardo para aquele homem que não consegue se adequar dentro do padrão estabelecido, mas é também um privilégio para o homem que quer se manter na confortável posição de poder que ocupa dentro da sociedade. JJ Bola (2020) faz uma reflexão interessante sobre o que é a sociedade patriarcal e como essa sociedade que tem o homem como dominador oprime as mulheres:

> "Toda essa ordenação tem uma repercussão significativa na maneira como a masculinidade é vista dentro da sociedade, e como os homens e as mulheres interagem entre si. Uma sociedade patriarcal é aquela em que homens assumem as posições primordiais de poder na esfera pública, dominando o governo e a política, a economia e os negócios, a educação, o emprego e a religião, e estendendo esse domínio para um nível privado e interpessoal no lar, dentro dos relacionamentos, e até nas amizades. O patriarcado protege e prioriza os direitos dos homens acima dos direitos das mulheres." (BOLA, 2020 p.17)

É preciso pensar que é justamente por isso que esse modo dominante de ser homem perdura ao longo dos séculos e décadas, ainda que traga alguns danos para os próprios homens. É comum a ideia que os homens performam seus papéis de gênero de acordo com o que se espera deles não sofram com nenhuma questão. Afinal, eles estão inseridos dentro das camadas com maior poder da sociedade, eles costumam ganhar relativamente bem, eles detêm poder em suas relações etc. Connell e Pearce, entretanto, explicam que não é exatamente assim:

> "Homens que estão de acordo com as definições dominantes de masculinidade também podem pagar um preço por isso. Pesquisas sobre a saúde dos homens mostram que, como grupo, os homens sofrem mais acidentes de trabalho do que as mulheres na indústria, têm taxas mais altas de mortes violentas, tendem a se alimentar pior e a consumir mais álcool e (não surpreendentemente) sofrem mais acidentes ao praticarem esportes. Em 2012, a expectativa de vida dos homens nos Estados Unidos era calculada em 76 versus 81 anos das mulheres" (CONNELL and PEARCE p.43)

Ao falar que os homens também pagam um preço em razão dos papéis de gênero que performam, não queremos de maneira alguma dizer que ambos os gêneros sofrem do mesmo modo perante a sociedade. Parece inegável que as mulheres ainda sofrem mais tanto no âmbito pessoal como profissional. Ainda são negados a elas mais direitos, elas ainda sofrem mais violência de seus parceiros, e a desigualdade entre os gêneros ainda é notável. O que queremos dizer é que as definições de masculinidade e o modo como um homem deve se portar para ser lido como homem traz também suas consequências. No caso dessa pesquisa, nos parece de extrema importância enxergar a questão das masculinidades a partir do olhar das autoras sobre

a questão. Partir da autoria feminina nos traz muito mais possibilidades já que conseguimos entender como esse padrão de masculinidade exigido para os homens afeta também as mulheres e suas relações.

O mais importante de se entender quando falamos de masculinidade hegemônica é compreender que existe um modo de "ser homem" exigido pela sociedade que ao mesmo tempo que oprime determinados comportamentos e certos modos de performar a masculinidade, também privilegia outras questões, inclusive a manutenção do poder e das opressões. Talvez seja interessante pensar até quando esse modo de "ser homem" privilegiado pela sociedade perdurará. Será mesmo que todos os homens aguentarão por muitas décadas e séculos ainda performar essa virilidade, essa não-vulnerabilidade, a exclusão das subjetividades? Temos a impressão que não. Inclusive, partimos da hipótese que os homens sempre tiveram questões com a masculinidade hegemônica e é justamente daí que pode surgir o conceito de crise masculina que tentamos compreender nesta pesquisa.

A partir de agora, buscamos entender de onde surge essa crise masculina. Sempre existiu ou começou em um determinado momento específico? Essa crise realmente existe, ou é apenas uma reação do homem ao fato de estar perdendo um pouco do seu espaço e do seu poder para as mulheres? São perguntas que tentaremos responder no próximo capítulo e durante a análise dos livros estudados nesta dissertação. Vale sempre ressaltar que sabemos estar partindo de um material ficcional: a literatura. O que buscamos aqui é compreender se enxergamos elementos de crise masculina dentro dos romances, dentro dessas histórias inventadas que, assim como todo texto literário, também nos falam um pouco sobre o mundo em que vivemos.

2.2 A Suposta Crise Da Masculinidade:

Dissertar sobre masculinidades em crise não é das tarefas mais simples. Não que esse seja um assunto pouco discutido ou pouco debatido, mas porque parece não existir um consenso sobre a tal crise masculina. Há teóricos que acreditam que a crise masculina é algo endêmico e que ser homem já significa por si só estar em crise; há aqueles que creem que essa crise masculina começou a partir de um determinado momento histórico e se intensificou; e há aqueles que defendem que nem sequer existe uma masculinidade em crise. Todos esses pontos de vista são válidos e serão expostos ao longo deste trabalho. É justamente partindo desta discussão teórica que seremos capazes de entender se existe de fato uma crise masculina e se ela existiu no período em que buscamos estudar, como ela se deu.

É complicado tentar colocar um momento histórico exato para fincar quando começou essa suposta crise da masculinidade. Courtine (2013) nos explica que a noção de crise vem em contraponto a um período em que tudo estava estável. Uma crise na saúde, por exemplo, seria uma doença depois de um longo período saudável; uma crise financeira seria um período sem dinheiro depois de um bom tempo em uma situação financeira confortável. No caso da crise masculina, supõe-se então que houve um período em que a masculinidade não estava em crise e em um determinado momento isso foi rompido, o que gerou a crise. Essa é a hipótese lógica a se supor, mas o autor defende que nunca na verdade houve esse período estável da masculinidade. Para ele, "Aparece, contudo, um problema maior quando se imagina a existência histórica de uma 'crise da masculinidade': não parece ter havido um período estável anteriormente ao estado de desarranjo que se supõe num momento dado" (p.180)

Entendemos que houve vários momentos históricos nos quais os homens sentiram-se em crise com a sua masculinidade. Há quem acredite que essa suposta crise teve início nos anos 1960, em razão dos movimentos de liberdade sexual, especialmente o movimento feminista. No entanto, o autor defende que houve outros períodos em que a crise masculina foi muito visível:

> "Há os homens que caem na nostalgia dos bons e velhos anos de 1950. No entanto, nesse período de dominação da classe média branca, considerada como estável, os historiadores descobrem inquietações consideráveis a propósito da masculinidade. Não se encontra mais respostas apenas remontando no tempo: as pulsões de angústia masculinas aparecem com evidência nos anos de 1930, 1890, 1850 e 1780" (COURTINE, p.180)

A ideia do autor, que acredita que não houve um momento histórico único que marca a crise masculina, está ligada com um outro argumento que diz que, na verdade, a masculinidade está em uma crise endêmica. Courtine crê que a virilidade seja um conceito que está permanentemente em crise e continuará em crise permanente já que existem fatores que podem desestabilizar o ideal de potência masculina:

> "A virilidade está sempre, necessariamente, em estado de crise, e ela está em crise cada vez que a realidade da história vem contradizer esse ideal de potência ao negar a impotência, cada vez que que a história real contém fatores de desestabilização da potência masculina que a virilidade supõe existirem em permanência. Portanto, a crise é endêmica e assim permanecerá." (COURTINE p. 568-569)

A noção de uma crise endêmica da masculinidade faz algum sentido, principalmente se partirmos do pressuposto que a crise masculina não é algo recente e que momentos históricos

no passado também mostram o homem com questões ligadas à virilidade e à masculinidade. Trevisan (1998) também defende a ideia de uma crise endêmica e diz que o masculino é um gênero em constante estado de crise dentro da sociedade patriarcal. Podemos sim partir dessa ideia, até porque seria muito arriscado tentar afirmar um momento exato para o início dessa crise ou suposta crise masculina.

David Buchbinder (2013) discute muito a questão da crise masculina em seu livro *Studying Men and Masculinities*. O autor explica que muita gente atribui a crise masculina a segunda onda do feminismo que aconteceu entre os anos 1960 e 1970 e o início dos movimentos de luta pelos direitos dos negros e dos gays, por exemplo. Há quem acredite que, ao ser confrontado com a perda de poder que poderia vir com as minorias reivindicando seus direitos, os homens tenham se sentido acuados e ali começaria um início do que podemos chamar de crise de masculinidade. A questão é que todos esses movimentos buscavam justamente diminuir a supremacia do homem branco, hétero e de classe média que sempre esteve em posição de poder dentro da sociedade. Ao ver que sua posição de poder poderia estar ameaçada, o homem começa a se questionar quanto aos modos de performar sua masculinidade. Ao se sentir afetado, a crise surge. Há também quem acredite que a crise masculina surgiu no final da década de 1990 e tenha a ver com toda essa nova discussão sobre papéis de gênero que surgiu no fim do século XX e no começo do século XXI:

> "A chamada 'crise na masculinidade' do final da última década do século vinte e do começo da primeira década do seculo vinte e um pode também ser entendida como uma reação a mudanças que ocorreram estruturalmente na cultura, mudanças que afetam o modo como as pessoas entendem e respondem a noções de sexo, sexualidade e gênero." (BUCHBINDER, p. 6)

Buchbinder explica então que sendo o homem o maior impactado com essas mudanças que ocorrem culturalmente ele também seria o primeiro a experienciar a crise, já que são quem tem mais a perder. Dentro desse cenário, o homem entraria em crise com sua masculinidade como uma espécie de reação de ansiedade e pânico com as novas mudanças que estavam acontecendo dentro desse novo contexto cultural. Aqui podemos entender que a crise na masculinidade é vista, na maioria das vezes, como uma reação ao novo. Ao perceber que está sendo ameaçado em sua supremacia, o homem acaba por entrar em crise com o modo de ser homem.

A noção de crise como reação faz sentido, mas, como já dissemos anteriormente, parece ser arriscado cravar um único momento histórico no qual o homem se sentiu ameaçado em sua supremacia dentro do contexto sociocultural. Se falamos que a crise masculina tem início na

virada do sec. XX para o sec. XXI, estamos partindo do pressuposto que o homem não se sentiu então tão ameaçado com o início dos movimentos de emancipação feminina, dos negros, ou dos gays. Se colocamos a década de 1960 como um ponto de partida, estamos excluindo o que Courtine exemplificou de já terem existido outros momentos históricos em que a virilidade foi confrontada e parece ter entrado em crise. Buchbinder explica um pouco o quanto a ideia de colocar a crise masculina como algo recente e contemporâneo pode ser arriscado:

> Uma questão importante que devemos nos perguntar, entretanto, em relação à percepção da crise na masculinidade em direção ao fim do seculo vinte é a seguinte: essa é a primeira vez que uma crise como essa ocorreu, ou pelo menos foi percebida? Certamente, muito da retórica em relação à noção de crise na masculinidade implica que esse foi um momento único, historicamente falando; porém, alguma investigação quanto a história da masculinidade sugere que esse não é o caso. (BUCHBINDER, 2013 p.6)

Certamente não existe um único momento histórico no qual foi possível perceber uma crise na masculinidade. Aqui mesmo nessa pesquisa nós partimos da hipótese de uma suposta crise nos anos 1940, um pouco antes dos movimentos sociais que surgiram nos anos 1960, e bem antes da virada do sec. XX para o sec. XXI. Indícios dessa crise na masculinidade, ou na virilidade podem ser percebidos muito antes do sec. XX, inclusive. Buchbinder mesmo dá um exemplo interessante quando fala que em 1620 um panfleto já acusava as mulheres de estarem "perdendo a sua feminilidade". Esse panfleto foi respondido por um outro, escrito por mulheres, que diziam que essa perda da feminilidade acontecia porque os homens estavam perdendo a sua masculinidade e, por isso, a reação das mulheres teria sido se tornar mais "masculinizadas".

Fátima Regina Cecchetto (2004) explica que um dos motores para a crise masculina é o fato de nem todos os homens viverem à altura da masculinidade hegemônica. Sendo assim, "a vontade de libertação do homem do pesado 'fardo da virilidade' é considerada o motor da chamada crise da masculinidade" (p. 61). Essa afirmação faz sentido porque coloca a crise da masculinidade ligada não apenas ao momento histórico, mas também a um fato que pode ser recorrente na vida do homem em qualquer época: a inquietação de não se encaixar perfeitamente dentro do conceito de masculinidade hegemônica. Ou seja, pode ser que quando o homem percebe que não vai conseguir atingir aquele ideal de masculinidade esperado, ele experimente uma crise. E pode ser que a crise esteja intimamente relacionada com o medo de perder regalias e direitos. Todas essas impressões acabam nos levando para um lugar em que é possível relacionar a crise masculina tanto com determinados momentos históricos, quanto também entendê-la como algo que é endêmico.

As crises na masculinidade e na virilidade podem estar ligadas com momentos históricos

já que a virilidade e a masculinidade (ao menos a masculinidade hegemônica) estão intimamente conectadas à noção de poder. Quando o homem vê a sua posição de poder ameaçada, isso faz com que ele repense a sua condição e o seu lugar como homem. Do mesmo modo, a crise é de certa forma endêmica porque sempre haverá homens que simplesmente não conseguirão atingir ou se conectar com o ideal de masculinidade esperado pela sociedade. Ambas as hipóteses nos parecem justas e conseguem coexistir.

É importante frisar, entretanto, que até agora estamos falando da crise masculina como algo que de fato existe, seja em razão de acontecimentos específicos, seja porque estar em crise é algo natural ao sexo masculino. Sendo assim, por que então falamos tanto ao longo deste trabalho sobre uma "suposta" crise? Se a crise existe, por que então a colocamos como uma suposição? Falar sobre a crise na masculinidade também inclui questionar a existência dessa crise. Muitos estudiosos sobre masculinidades teorizam sobre a crise masculina, a crise da virilidade, a crise nas masculinidades, mas há outros que acreditam que não há e nem houve crise alguma. E é preciso discutir também essa hipótese. Courtine (2013) explica um pouco sobre o fato de alguns teóricos acreditarem que a crise masculina não passa de uma performance:

> "Um certo número de pesquisadores, que não dão absolutamente crédito a ideia de uma crise de virilidade, interrogaram as estratégias subjacentes ao retorno dessa angústia diante da desordem que afetaria o gênero masculino. Considerando assim o discurso da crise como uma estratégia 'performativa' que não tinha outro objetivo senão fazer surgir uma situação que ela pretende somente descrever" (COURTINE, p.181)

Parte dessa ideia de que a crise não passa de uma performance vem do fato de que, embora tenha havido imensos avanços nas discussões sobre gênero e embora nos pareça que estamos um pouco mais próximos da ideia de equidade entre homens e mulheres, fato é que a dominação masculina sempre foi muito presente historicamente e continua sendo muito presente. Há quem defenda que os próprios homens não conseguiriam enxergar uma crise masculina se fossem questionados sobre ela. Ramos (2000) defende que se perguntarmos a um homem sobre uma crise ele alegará que está passando por uma crise financeira, uma crise de meia idade, mas dificilmente falará sobre uma crise na masculinidade. Isso leva o autor a se perguntar "Há, de fato, uma crise masculina?" (p.44)

A resposta a essa pergunta é complexa e tem que levar em conta diversas perspectivas. É preciso ter em mente também que não buscamos responder essa questão de maneira definitiva, o que temos aqui é um caminho, uma discussão para essa hipótese de crise que vem a partir da análise do texto literário e que não tem nenhuma ambição de servir como uma

resposta definitiva. Também temos a total noção de que os homens seguem em posição de poder na sociedade e que qualquer crise ou qualquer opressão que um homem sofre quanto a sua masculinidade ainda é muito pouco frente a tudo que sofreram e ainda sofrem as mulheres ao longo da história. Isso pode nos levar a pensar que, na verdade, essa ideia de "crise" nada mais é do que uma resposta à percepção que os homens têm de estar perdendo uma fatia de poder quando veem grupos minoritários conseguirem algum avanço. A crítica literária Sally Robinson (2000) explica um pouco sobre essa ideia:

> "esse discurso de crise apresenta, na América contemporânea, os homens brancos como vítimas dos modestos avanços das mulheres, dos homossexuais e das minorias étnicas a partir dos anos 1970, como fizeram os homens 'ofendidos' dispostos a lutar para reencontrar e afirmar os privilégios que acompanham o seu estatuto. Numa perspectiva assim, esta 'crise' não seria outra coisa senão um dos elementos de um 'retorno do bastão' reacionário contra aquilo que desafia a dominação masculina" (ROBINSON *apud* COURTINE, p.181)

O que a autora defende é que essa narrativa de se colocar em crise acaba fazendo com que, de fato, se perceba uma crise, mas a grande questão do homem não seria exatamente estar em crise com sua masculinidade, e sim com medo de perder sua posição de poder. O que o homem parece querer, segundo a autora, com essa ideia de crise é se colocar na posição de vítima. "Deste modo, a vulnerabilidade simbólica do corpo do homem branco se fez visível e material e se tornou um motivo para reivindicar uma vitimização" (Robinson *apud* Buchbinder, p. 21). É importante falar sobre a vitimização porque é uma hipótese bastante defendida quando falamos de crise masculina: a de que o homem não apresenta uma crise verdadeira nem com seu modo de existir no mundo, nem com suas relações. O que ele apresenta é uma necessidade de se fazer de vítima frente a uma sociedade que lhe tira o mínimo de privilégio. Essa é uma hipótese que precisamos levar em consideração porque é necessário ter em mente que a crise masculina pode ser também uma performance de crise. O homem, ao ver que está perdendo sua centralidade, ao entender que não ocupa mais um espaço pode começar a usar isso a seu favor. Ao performar uma crise, ao performar que está inseguro com as mudanças, ele encontra um modo de reaver este poder.

A hipótese de que a crise masculina nada mais é do que uma resposta a ameaças de perda de poder e supremacia que foram acontecendo ao longo dos anos em determinados momentos históricos faz sentido e pode ser que possamos inclusive vir a entender que a crise é muito mais performática do que real. Em todo caso, o que nos parece essencial aqui é que, real ou performática, existe sim a ideia de crise e existem momentos em que a masculinidade, a virilidade, e o papel de gênero do homem branco acaba sendo colocado em xeque. A

possibilidade da crise da masculinidade já é o suficiente para que tenhamos vontade de investigá-la. Se existe essa possibilidade de crise, seja porque é uma crise que de fato acontece porque o homem está se questionando sobre sua masculinidade, seja porque é apenas uma resposta a uma sucessiva perda de poderes, é interessante que façamos essa discussão.

Nos anos 1940, a partir do texto literário, podemos encontrar personagens que de fato se mostravam em crise quanto a sua masculinidade, ou vemos retratados ali apenas homens que criaram um modo de reagir a uma discreta emancipação feminina? Será que essa reação não é por si só um indício de crise? Essa crise que enxergamos nos personagens é apenas o reflexo de uma crise endêmica que sempre perpassou a masculinidade? Ou ainda, será que é um pouco de cada um desses elementos que gerou essa suposta crise? Para que possamos chegar finalmente a essa análise, temos que entender um pouco sobre a crise nos anos 1940, já que é o período no qual se passam as histórias dos livros estudados nesta pesquisa.

2.3 A Crise De Masculinidade Nos Anos 1940

Falar sobre a crise da masculinidade em um momento histórico específico é ao mesmo tempo uma tarefa mais fácil e mais complicada. Mais fácil porque quando se faz um recorte é possível entender o que, dentro daquele contexto, pode ter levado a essa suposta crise que estamos tentando compreender. Mais complicada porque, quando falamos de crise masculina, parece ser difícil cravar o momento exato em que essa sensação de conflito quanto à masculinidade começou ou terminou (se é que existe um momento específico em que essa crise começou ou terminou e se é que isso é mesmo relevante quando entramos nessa discussão).

A escolha pelos anos 1940 veio porque, ao ler os romances que estão sendo estudados nesta pesquisa, percebemos que há, em diversos momentos, uma inquietação dos personagens masculinos quanto ao seu papel enquanto homem e uma inquietação das personagens femininas quanto a outras formas de performar masculinidade. Em *Vento de Esperança* (1947), Ondina Ferreira nos conta a história de Leila, uma mulher que partiu do interior para tentar a vida em São Paulo. Durante o decorrer do romance é possível perceber várias tensões quanto aos papéis de gênero que estão sendo reorganizados naquele período histórico. Leila, por exemplo, é uma mulher que não se casou, que vai sozinha para uma cidade grande e que almeja trabalhar e ser independente financeiramente. Claro que essa não é uma escolha tomada pela personagem por ela ser uma mulher super emancipada. Ela vai para São Paulo trabalhar por necessidade já que não se casou e sua família não tem dinheiro suficiente para sustentá-la. Ainda assim, a posição que ela ocupa foge ao que se esperava da mulher naquela época (o cuidado com os filhos e com

o marido), e faz com que os homens que a rodeiam se sintam incomodados e muitas vezes se questionem sobre seus papéis enquanto homens.

Um fenômeno parecido é encontrado na leitura de *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* (2016). O livro também se passa nos anos 1940 e conta a história de duas irmãs: Eurídice e Guida. Eurídice se casa muito cedo com Antenor e tem a vida comum de uma mulher daquela época: cuida da casa e dos filhos e não trabalha, enquanto o marido ocupa a figura de provedor. Já Guida foge para casar-se com Marcos e espera também ter uma vida confortável, mas se depara com um homem que não parece ter tanta vocação ou vontade para o trabalho e falha no papel de provedor. Aqui também nós encontramos questões quanto aos papéis de gênero sofrendo alterações. Eurídice decide começar a trabalhar, e isso faz com que Antenor tenha que lidar com uma nova realidade para a qual não estava preparado, questionando inclusive o seu papel de homem e sua própria masculinidade. Por outro lado, vemos Guida frustrada ao se deparar com um homem que não atende ao ideal masculino de provedor, e isso se torna tão grave entre o casal que acaba por culminar na separação.

Os casos relatados aqui não são os únicos que enxergamos ao nos debruçar sobre esses romances. Há também questões com masculinidades não hegemônicas, que causam estranhamento tanto nos próprios homens como nas mulheres que se relacionam com eles; há os homens que querem ser de outra maneira, mas se sentem impedidos porque aquele comportamento não é lido como "coisa de homem", entre outras inquietações que abordaremos com mais profundidade no momento da análise dos romances. O que queremos dizer é que ao ler ambos os livros encontramos vários pontos que nos levaram a criar a hipótese de que ali, em meados do sec. XX, dentro daqueles romances, podemos enxergar personagens que sofreram sim com uma crise masculina.

Voltando a Buchbinder (2013), lembramos que o autor refuta a ideia de alguns teóricos de que a crise masculina tenha surgido por volta dos anos 1960, na segunda onda do feminismo. Isso porque, segundo ele, já existiram vários outros momentos históricos em que foi possível se deparar com o homem em crise. Courtine (2013) defende que tentar encontrar o momento exato em que o homem começou a ter questões quanto a sua masculinidade é fazer uma digressão eterna que não chegará a lugar nenhum. "Tentar definir historicamente uma crise de gênero leva a uma regressão quase infinita no tempo, em que as ilusões de uma estabilidade passada se chocam com a realidade dos fatos" (p.181).

Se analisarmos a fala de Courtine, chegamos de novo àquela ideia de que a crise masculina parece ser algo endêmico ou, ao menos, um fenômeno que se repetiu ao longo de

vários períodos históricos diferentes. Trazendo essa hipótese da repetição da crise, o que todos os períodos históricos nos quais enxergamos uma crise tem em comum é o fato de que alguma minoria começou a receber direitos que não possuía antes. Há relatos de masculinidade em crise que remontam para quando a mulher conseguiu o direito de votar; há teóricos que defendem que a crise masculina se intensificou mesmo durante a revolução industrial e há quem acredite que a crise da virilidade é algo recente e que só começou a existir de fato quando a discussão sobre gêneros se intensificou, na virada entre o século XX e o XXI.

O ponto de partida não nos interessa tanto, mas fato é que quando olhamos para os dois romances e começamos a identificar uma crise, temos dois pontos que nos interessam bastante. Um deles é a discreta emancipação feminina que estava acontecendo na década de 1940 e que, durante a leitura dos romances, percebemos que começa a causar certa estranheza nos homens, que podemos vir a chamar de "crise". Outro ponto interessante é enxergar alguns homens que não têm comportamentos "padrão", que não atendem ao conceito de masculinidade hegemônica e neles vemos tanto uma crise interna como também dificuldades ao se relacionar com outros personagens, principalmente personagens femininos.

Partimos primeiro da emancipação feminina. Um dos grandes marcos para a emancipação feminina foram os movimentos sociais dos anos 1960 e 1970. Connell e Pearse (2015) explicam que em todo esse processo de luta pelos direitos, o movimento feminista e gay dos anos 1970 foram cruciais. "Não atingiram todos os seus objetivos políticos, mas tiveram um impacto cultural intenso. Chamaram atenção para todo um campo da realidade humana que era até então muito pouco compreendido, criando assim uma demanda por conhecimento, mas também por ação" (p.44). Para muitos teóricos, esses movimentos sociais ocorridos nessa época são o ponto-chave para se falar de crise de masculinidade, já que foi ali que o homem se sentiu mais ameaçado em perder seu poder frente às minorias sociais.

Entretanto, é interessante pontuar que esse não foi o primeiro momento em que as mulheres conseguiram conquistas importantes. Antes disso houve o movimento pelo voto feminino e a própria revolução industrial, que permitiu que algumas mulheres deixassem a vida doméstica para começar a trabalhar nas fábricas. Quando falamos dos anos 1940 estamos falando de mulheres que já não eram apenas obrigadas a ficar em casa e cuidar do marido, muito embora essa ainda fosse a função da maioria. No Brasil, por exemplo, a mulher já havia conquistado o direito ao voto, que foi concedido em 1934, e algumas delas já podiam estudar e trabalhar. São conquistas muito tímidas, principalmente se formos comparar a todos os direitos e regalias que um homem possuía no mesmo período. Ainda assim, parece ter sido o bastante

para fazer com que o homem se sentisse ameaçado em seu papel de homem.

Em *A Vida Invisível De Eurídice Gusmão* (2016), Eurídice em uma dada hora da história decide que vai começar a costurar para fora. Ela começa um pequeno ateliê dentro de casa mesmo, atendendo às vizinhas que queriam roupas sob medida. Em pouco tempo o negócio se torna um sucesso, mas ela faz tudo isso longe dos olhos do marido Antenor, que passa o dia fora de casa trabalhando no banco. Tudo vai bem até que o marido descobre o negócio. A descoberta da atividade da mulher faz com que ele repense seu papel de homem. "E era também por estar preocupado com o que os outros iam dizer que não queria que sua mulher costurasse para fora. Iam achar que ele era homem de menos porque ela trabalhava demais" (p.52)

Podemos perceber nesse trecho que Eurídice não está fazendo nada de tão grave. Ela continua em casa, mas resolve ter uma ocupação que também se torna seu trabalho e traz uma renda extra à família. A ocupação de Eurídice, entretanto, faz com que Antenor se sinta "homem de menos" já que, para ele, a partir do momento em que Eurídice divide com ele a responsabilidade de trabalhar, ele se torna "menos" homem. Para a época, vale lembrar, trabalhar era uma ocupação essencialmente masculina enquanto cuidar do lar era o dever da mulher. Essa ideia é tão entranhada na cabeça de Antenor que quando Eurídice diz "Mas Antenor, eu também gosto de trabalhar" (p.53) ele rapidamente responde que "O seu trabalho é cuidar da casa e das crianças" (p.53)

Nesse momento do romance fica muito claro que este homem não consegue de maneira alguma imaginar um outro trabalho para mulher que não seja cuidar da casa e das crianças. E mais que isso, este papel já está tão bem estruturado dentro da sociedade que o fato de Eurídice se ocupar de "projetos paralelos" (p.53) faz com que ele se sinta menos homem. Para Antenor "uma boa esposa só tem olhos para o marido e os filhos. Eu tenho que ter tranquilidade para trabalhar, você tem que cuidar das crianças" (p.53). O que o marido de Eurídice tenta dizer a todo o momento é que existem papéis sociais que fazem do homem, homem e da mulher, mulher. Se sua esposa opta por ocupar um lugar que é destinado a um homem, imediatamente ele se torna "homem de menos".

Buchbinder (2013) explica que, durante um bom tempo, foi muito natural colocar a esfera pública como uma ocupação masculina e a esfera privada como uma ocupação feminina. "Se tornou normal para os homens deixar suas casas para procurar e manter um emprego, enquanto as mulheres continuavam em casa, cuidando da casa e criando os filhos" (p.6). Vale frisar também que a divisão entre público e privado é tão importante quando falamos em papéis de gênero que Eurídice opta por trabalhar de casa para conseguir esconder o trabalho do marido

e para seguir cuidando de todas as obrigações da casa enquanto trabalha. Ainda assim seu trabalho é uma questão muito delicada para o esposo já que o simples fato de a esposa ter uma ocupação já o torna um pouco menos homem perante a sociedade.

A hipótese que formamos a partir das leituras teóricas combinadas com os romances é que quando a mulher começa a sair de casa para tentar trabalhar e vai se mostrando um pouco mais independente, isso faz com que o homem questione seu papel de homem. Veja que Antenor, o personagem do romance, se sente diminuído a partir do momento em que sua esposa começa a trabalhar. Não necessariamente porque isso para ele é errado, mas porque isso mexe com seus conceitos de masculinidade. Se é papel do homem sustentar a casa, a partir do momento em que a mulher deseja dividir essa função, o homem sente que está falhando como homem.

Parece que a partir do momento em que a mulher começa a ocupar espaços que até então eram entendidos como espaços masculinos, os homens começam a entrar em crise quanto ao que ainda diz respeito a eles e se inicia uma discussão sobre os limites de público e do privado e quais as funções de cada gênero. Nesse momento se abre a problemática: será que nós podemos chamar de crise esse estranhamento do homem quanto a seu papel na sociedade? Ou essa seria apenas uma reação normal a uma perda gradativa de poder? Buchbinder cita o psicanalista Anthony Clare ao defender que sim, que o que o homem experimenta ao enxergar essas mudanças nos papéis de gênero pode ser definido como uma crise. Segundo Clare, “No centro da crise masculina há um problema com a reconciliação do privado e do público, o íntimo e o impessoal, o emocional e o racional” (CLARE *apud* BUCHBINDER, 2013 p. 16).

Ou seja, o que parece acontecer quando o homem vê a mulher ocupando tanto em espaços públicos, como no espaço privado, funções que antes diziam respeito apenas a eles, começa a existir uma crise quanto à própria masculinidade. Entretanto, supor que uma crise masculina seria fruto apenas da emancipação feminina parece uma hipótese frágil. Faz mais sentido presumir que existem momentos em que a crise masculina é deflagrada por alguma questão externa, mas também é impossível fugir também da hipótese de o masculino viver uma crise endêmica, e que muito dessa crise vem do fato de ser muito difícil que todos os homens em todos os tempos consigam atender ao ideal hegemônico de masculinidade, até porque esses ideais mudam, como explica Badinter (1993):

> Se a masculinidade se ensina e se constrói, não há dúvida de que ela pode mudar. No século XVIII, um homem digno deste nome podia chorar em público e ter vertigens; no final do seculo XIX, não o pode mais, sob pena de comprometer sua dignidade masculina. O que se construiu pode, portanto, ser demolido para ser novamente

construído. (BADINTER, 1993 p.29)

Parece ser justamente nesse construir e reconstruir as masculinidades que vai se formando a crise. Alguns homens simplesmente não conseguem se adaptar às mudanças, enquanto outros não conseguem atingir o ideal que se espera deles. Em *Vento de Esperança* (1947), por exemplo, há o personagem Ciro. Ele se torna amigo da protagonista, Leila, e a acompanha em concertos e em outros programas. Os dois são apenas amigos e Ciro tem um relacionamento com uma mulher mais velha, a quem não tem coragem de largar não exatamente por amor, mas porque é chantageado e porque tudo dá a entender que ela é a provedora da casa, e ele se beneficia disso.

Além disso, Ciro é um homem sensível, que não força de forma veemente ter um envolvimento amoroso com Leila e com quem ela consegue conversar tranquilamente. O que aparenta ser uma vantagem acaba sendo lido por Leila como fraqueza. Apesar da protagonista se encantar sim com o amigo e no fundo mostrar ter alguma esperança de um envolvimento amoroso possível, ela o enxerga como um homem "fraco": "Assim como me atrevo a censurar a fraqueza de Ciro? Ela me anima: prova que não é uma consequência da nossa condição de mulher. Também existem homens fracos. Há de tudo na vida." (Ferreira, p.237).

Aqui percebemos que a visão de Leila quanto a Ciro não é das mais animadoras porque ela enxerga nele uma característica que acredita ser "uma condição de mulher": a fraqueza. Ao homem não cabe ser fraco, cabe ser viril. Mais do que ser forte, é importante que o homem se mostre forte:

> "Os homens devem ser fortes, mais ainda, devem se mostrar fortes. Porém, considerados, ou se considerando como 'naturalmente' viris, os homens temem acima de tudo serem descobertos na sua vulnerabilidade, serem reconhecidos na sua impotência. De maneira que a dominação masculina poderia também ser explicada como uma tentativa de dominação da impotência masculina." (HAROCHE, p. 29).

Se Leila achava que Ciro era muito fraco, por outro lado ela se encanta com o Dr. Campos, seu chefe com quem tem um caso. Entretanto, a protagonista ao enxergar nele modos mais gentis, acredita que isso não passe de uma performance. "Quando se dirige a qualquer funcionário despe-se de toda aspereza a voz de inflexões graves e fundas (...) Deve assumir essa atitude de doçura, deliberadamente, como um soldado que empunha armas antes de entrar em combate" (Ferreira p.52). Ou seja, para Leila, para que um homem seja atraente e continue em seu papel de homem, a delicadeza não pode passar de uma performance. O Dr. Campos só parece delicado no tratar porque ele tem que aparentar assim para seus funcionários. Ela o imagina um homem que apenas controla seus instintos, mas os tem. "Imagino-o dono de um

temperamento forte, controlado pela vontade" (p.52).

Entendemos que mesmo as mulheres esperam dos homens que eles cumpram determinados papéis de gênero. Não parece interessante para Leila imaginar que seu interesse amoroso não atenda a determinadas expectativas de comportamento comuns ao sexo masculino. Para ela, Ciro é um homem fraco pois deixa suas vulnerabilidades à mostra, além de não ter coragem de se separar da atual esposa, enquanto o Dr. Campos só performa uma vulnerabilidade e uma doçura, mas no fundo é um homem viril.

É relevante pensar sobre essas questões, porque elas nos mostram que as razões para determinar uma crise de masculinidade podem coexistir. O homem pode experimentar uma crise ao ver que a mulher está ocupando espaços que antes eram tidos como exclusivamente masculinos ao mesmo tempo que experimenta uma crise que parece ser mais profunda e mais constante, o fato de não estar sempre de acordo com os estereótipos de masculinidade. Percebemos com as leituras dos romances ambientados nessa época que tanto os homens têm dificuldade de se entender nesse novo papel, como também as mulheres têm dificuldade de aceitar homens que fujam do padrão da masculinidade hegemônica. Tudo isso junto pode sinalizar que existe sim uma crise.

2.4 A Crise de Masculinidade Na Contemporaneidade

Muito embora os romances a serem estudados nesta pesquisa se passem nos anos 1940 e um deles tenha sido escrito durante essa década, uma das autoras é Martha Batalha, autora contemporânea que publicou *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* em 2016. Por isso, julgamos importante levar em consideração também a questão da crise de masculinidade na contemporaneidade. Isso porque, uma das abordagens centrais dessa pesquisa é justamente a comparação entre a visão de uma autora inserida nos anos 1940 e a visão de uma autora contemporânea, que já tem uma perspectiva mais atual sobre as relações e as questões de gênero que se passaram na época

Quando falamos de crise masculina na contemporaneidade, estamos falando da crise que começa na virada do sec. XX para o sec. XXI. Nesse momento, a luta dos movimentos sociais dos anos 1960 e 1970 já tinham criado um terreno fértil para que a igualdade de gêneros começasse a parecer uma realidade possível. Para Buchbinder (2013), esse é o momento em que a crise masculina se torna mais visível e mais discutida:

> "Como vimos, a crescente ansiedade cultural no final do século XX e no início do século XXI, sobre uma crise de masculinidade pode ser conectada a outras ansiedades sobre o declínio do poder masculino e o surgimento de maneiras novas ou até então ignoradas ou suprimidas de ser homem" (BUCHBINDER, 2013 p.22)

Muito embora nós já tenhamos falado sobre o fato de esse declínio do poder masculino não ser uma ideia nova e ter acontecido em alguns outros momentos históricos, é justamente na virada entre o sec. XX e o sec. XXI que se experimenta talvez o momento de maior declínio de poder. Nos dias atuais a mulher e outras minorias conquistaram muito mais espaço e voz na sociedade. As mulheres, por exemplo, têm muito mais poder de escolha, podem trabalhar, dividem as funções da casa com seus maridos, optam por não ser mães e priorizar a carreira, entre outras coisas que seriam inimagináveis nos anos 1940. Ainda assim, estamos longe da evolução completa. Não é difícil olhar para os personagens de Ondina e de Martha e enxergar neles muitos traços do homem contemporâneo.

E é justamente esse espaço que a mulher ocupa na sociedade contemporânea que parece ser, para muitos, a razão de uma crise masculina. Bernardo Jablonski (1997) discorre um pouco sobre esse assunto e afirma que a nova posição da mulher faz com que o homem repense a sua masculinidade:

> "A mudança nos papéis exercidos pela mulher igualmente urbana de classe média vem nos levando a um sentimento de perplexidade e de confusão, uma oportunidade para repensarmos nosso papel, seja para reafirmá-lo, seja para reformulá-lo, alterando - ou não - nosso curso de vida" (JABLONSKI, p.156)

Entendemos a partir dessa fala que, ao enxergar as mudanças de papéis de gênero, o homem se vê confuso quanto ao seu próprio papel e, por que não, confuso quanto a sua masculinidade. É importante ter em mente que, embora tenha havido discretas mudanças nos papéis de gênero ao longo da história, essa parece ser a primeira vez em que existem de fato mudanças bruscas. O homem estava acostumado a ser o provedor, a demonstrar sua virilidade, a não ser vulnerável e, de repente se vê lidando com uma nova construção em que ele não só pode como deve assumir outros papéis como o do pai amoroso, o homem que divide as tarefas de casa, que não é o único responsável pelas despesas domésticas etc. Com essas mudanças ele perde boa parte da sua fatia de poder. Ou ao menos tem a sensação de estar perdendo esse lugar que sempre foi dele:

> "Em contrapartida, os homens, dada sua maior força física - que até bem pouco tempo era importante como delimitadora de funções - empenhavam-se em tarefas que pediam movimentação mais livre, até por grandes distâncias, maior esforço físico, exposição mais direta ao perigo (por decorrência?) ao desenvolvimento das instituições formais, da vida pública e dos valores que a norteiam. Isto tudo numa relação de poder bem

> definida, com homens detendo a maior fatia do mesmo (ou quase todo, segundo algumas feministas), apesar da complementaridade de papéis" (JABLONSKI, p. 157)

O homem nessa virada de século tem que aprender a lidar com esse novo local onde o colocaram e tem que aprender a sair da esfera pública para se colocar na esfera privada, enquanto vê a mulher deixando de estar restrita à esfera privada para competir com ele por colocações dentro da esfera pública. Ou seja, os papéis começam a se misturar e há quem coloque a culpa da crise masculina na emancipação feminina. Miriam Goldemberg (2000) explica um pouco sobre isso:

> "A culpa, mais uma vez, recai sobre a emancipação econômica da mulher. Revistas femininas, e outras como Istoé, Veja, Exame, tentam mostrar que a mulher está sendo cada vez mais bem-sucedida no mercado de trabalho por ser intuitiva, flexível, sensível, dividir responsabilidades, saber ouvir e pedir desculpas." (GOLDEMBERG, p. 227)

A questão é que, ao invés do homem enxergar a mulher como uma companheira, uma pessoa que pode tirar dele o peso dos ombros, alguns homens parecem a enxergar como uma rival. E não só por medo de perder espaço e poder, mas também por medo de não entender mais qual é o seu papel como homem.

Parece ser nesse momento que encontramos o conceito de crise. A questão na virada do século não é mais tanto não se enquadrar ao modelo de masculinidade hegemônico, mas entender como é esse modelo de masculinidade e quais são os mecanismos para se enxergar e se afirmar enquanto homem num mundo onde os papéis de gênero estão em constante mudança. Essa não parece ser das tarefas mais simples, como nos explica Sócrates Nolasco (1997):

> "Considerando o padrão de masculinidade pertencente às sociedades patriarcais e as novas demandas, temos que essa 'nova masculinidade' solicita que um homem seja sensível, mas sem que isso comprometa sua virilidade; do mesmo modo, ele deverá ter iniciativa na vida, sem que, com isso, seja agressivo, violento ou competitivo." (NOLASCO, p.21)

Ou seja, o homem que foi educado e socializado de acordo com uma ideia de masculinidade em que, para ser um homem "de verdade" era necessário ser viril, violento, ter iniciativa etc., de repente se depara com uma realidade em que ainda parece ser preciso ser tudo isso, mas também ser sensível, ser bom pai, ser empático com as questões femininas, e outros desafios que fazem com que o homem tenha dificuldade em entender o seu lugar no mundo. Buchbinder (2013) explica que uma das grandes questões da crise da masculinidade na contemporaneidade é o homem conseguir entender qual é o seu lugar no mundo e qual é o seu lugar no mundo em relação às mulheres. Muitos dos questionamentos da mídia, principalmente no fim dos anos 1990, começo dos anos 2000 giravam em torno da questão "o que as mulheres

querem dos homens?" e como as mulheres reagiam a esse "novo homem".

Aqui de novo nós encontramos o problema da dualidade: ao mesmo tempo em que as mulheres pareciam querer um homem sensível e compreensivo, elas também não se sentiam confortáveis com homens muito preocupados com a própria beleza ou com outras subjetividades, como é o caso do homem "metrossexual", termo cunhado para o homem que se cuidava e se preocupava com a própria aparência, e que surgiu no fim dos anos 1990, começo dos anos 2000. A crise masculina então parece tanto vir do fato do homem estar sentindo uma perda na sua hegemonia dentro da sociedade, como também por não saber exatamente como se portar para ainda ser lido como homem dentro dessa sociedade em constante mudança.

Entender como se dá a crise da masculinidade nos tempos atuais é importante porque é preciso que tenhamos o referencial de onde estamos nesse tópico na contemporaneidade para que possamos compreender melhor como Martha Batalha enxerga e projeta seus personagens. É interessante pontuar se a autora, que tem um olhar contemporâneo, se posiciona de maneira diferente de Ondina Ferreira em diversos tópicos, inclusive no que diz respeito à masculinidade. O narrador de *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* (2016) tem um olhar crítico e até irônico para as situações que acontecem no livro e para o modo como os personagens se portam dentro daquele contexto.

Quando Antenor proíbe a mulher de trabalhar como costureira, por exemplo, o narrador diz que "Aconteceu aí uma coisa curiosa. Antenor não conseguia parar de repetir as mesmas frases: 'Ouviu bem, Eurídice, ouviu? Eu saio para trabalhar, você cuida das crianças. Ouviu, Eurídice, ouviu? Eu saio para trabalhar, você cuida das crianças" (Batalha, p.53). Muito embora a autora o faça de maneira sutil, há aqui uma crítica ao fato de Antenor não conseguir muito bem elaborar o porquê de não querer que Eurídice trabalhe. Para ele, é apenas uma repetição de algo que ele ouviu falar "Eu saio para trabalhar, você cuida das crianças". Não há uma justificativa que faça sentido, uma motivação realmente relevante que explique as razões pelas quais Eurídice teria que parar de trabalhar e cuidar das crianças. O que se tem é a repetição. A repetição de um conceito que Antenor ouviu e seguirá repetindo.

Martha Batalha durante todo o romance tem uma característica muito interessante que é se utilizar do humor e da ironia para demonstrar comportamentos que na época eram aceitáveis, mas que para ela - uma mulher contemporânea - não parecem assim tão aceitáveis. É bastante emblemático ela se utilizar da repetição na fala de Antenor porque o recurso é tão poderoso que consegue tornar quase palpável a indignação do marido de Eurídice ao pensar

uma vida em que ele não "sai pra trabalhar" enquanto ela "cuida das crianças". É como se Antenor repetisse aquilo como um mantra invertido, que o deixa cada vez mais nervoso a cada repetição e a cada vez que ele vislumbra a possibilidade desse mundo em que sua esposa não cuida das crianças. Tanto é assim que em um trecho logo a seguir a autora consegue explicar bem o horror de Antenor ao pensar uma vida em que os papéis se invertem, ou ao menos se equivalem:

> "Quando Antenor conseguiu se livrar das mesmas frases, aconteceu algo ainda mais peculiar: a cada novo grito a situação dos filhos piorava. As unhas de Cecília estavam sujas, os cabelos de Afonso estavam longos. O nariz dos dois escorria, muito, sem parar, o tempo todo. Catarros verdes, amarelos, arroxeados. As crianças não faziam uma refeição decente há semanas, ele já tinha percebido." (BATALHA, 2016 p.53-54)

Esse trecho também é importante porque consegue demonstrar com clareza o horror de Antenor ao pensar um espaço doméstico sem a dedicação total da sua esposa. Aqui a autora também usa do recurso do humor para demonstrar o quanto o marido de Eurídice não consegue aceitar essa reorganização dos papéis. Martha diz que acontece algo "ainda mais peculiar". E esse algo "peculiar" é que o marido vai se desesperando tanto que pinta o retrato dos filhos terrivelmente maltratados e malcuidados para mostrar que a mulher não conseguiria de forma alguma conciliar o cuidado com os filhos com o trabalho. A autora, que fala do presente, sabe que essa é uma realidade perfeitamente possível. Mas ela usa do exagero para mostrar o quanto, na cabeça de um homem de 1940, imaginar uma mulher trabalhando é quase uma cena de filme de terror.

O que permite a Martha falar do passado de uma outra maneira é o fato dela estar colocada no presente e já entender em que lugar estamos quando falamos de papéis de gênero. Pode ser que Martha entenda com mais clareza que o "eu saio pra trabalhar, você cuida das crianças" (p.53) não passa de uma repetição meio vazia porque já está no sec. XXI, onde esses papéis já foram rearranjados. Ela também consegue perceber olhando daqui que, naquela época, o homem ainda não conseguia renunciar ao seu papel de homem para dividir esse espaço com a mulher. E ela também talvez tenha percebido que essa divisão não parece ser tão simples nem para o homem contemporâneo.

Falar de crise de masculinidade na contemporaneidade é entender que muito mudou, mas que muitos conceitos ainda seguem intactos. O homem está em estado de crise justamente porque assimilar as mudanças que acontecem na sociedade não é uma tarefa das mais simples:

> "Seria ingênuo pensar que as mentalidades mudaram radicalmente, pois isso leva tempo e, como se pode atestar, apesar das profundas transformações ocorridas das últimas décadas no que diz respeito à relação entre os sexos, os simbolismos ou representações

> de gênero (em espacial do masculino) ainda não sofreram grandes mudanças" (GOLDEMBERG, p.588)

Quando colocamos as discussões para os dias atuais é também preciso ter em mente que muito mudou, mas ainda estamos longe do ideal. Um livro como o de Martha Batalha, que conta a história de "nossas avós", que se debruça sobre homens e mulheres que existiram no século passado, só dialoga com o presente porque traz em si, ainda, problemáticas que não foram completamente extintas. Falamos de um homem em crise com os avanços das minorias, mas não podemos esquecer que falamos de um homem que está confuso sobre o seu papel como homem, mas ainda inserido dentro de uma posição de poder. E talvez essa confusão venha também do medo de perder essa hegemonia e de não saber lidar com o fato de que será preciso se adaptar. Como nos fala Mara Barasch (1997):

> "Outros, mais resistentes e insensíveis às diferenças de comportamento, mais apegados a velhos valores, não percebem que todo o seu conhecimento sobre a mulher se tornou inadequado, não condizendo com os novos papéis que historicamente ela vem assumindo. São mais inseguros e revelam um comprometimento na formação da figura feminina, associado a ela a relação afetiva que tiveram com a mãe. Esses homens buscam entrar em sintonia, mas acabam por se perder nas relações. Sem perceber, resistem às variações de comportamento, assumindo um jogo de poder, e acabam por desprezar a mudança" (BARASCH p. 97)

Estamos analisando uma crise de masculinidade que vem com o medo da mudança, mas que não necessariamente implica na mudança de todos os homens. Ainda há muito o que evoluir quando debatemos sobre papéis de gênero e ainda há muitas discussões a serem feitas sobre masculinidades. Pode ser que essa crise contemporânea seja um simples reflexo dessa crise endêmica que já está subentendida no simples fato de ser homem. Pode ser que, assim como nos fala Trevisan (1998), as conquistas do feminismo, por muitos consideradas as grandes responsáveis pela 'crise' masculina, não determinaram a crise, apenas a tornaram mais visível" (p.567). Pode também ser que essa crise nem possa ser percebida com a análise dos romances, mas ainda assim parece ser um assunto sobre o qual vale a pena dissertar e analisar. E é isso que faremos nos capítulos a seguir. A partir da leitura de dois romances de épocas diferentes tentaremos enxergar e conceituar essa suposta crise nos anos 1940.

3. ANÁLISE: O HOMEM EM CRISE EM *VENTO DE ESPERANÇA* E *A VIDA INVISÍVEL DE EURÍDICE GUSMÃO*

3.1 Vento De Esperança e As Crises Na Masculinidade:

Se o que buscamos entender nesta pesquisa são evidências de crise masculina em meados dos anos 1940 dentro do texto literário, é imprescindível que analisemos com calma o texto em si para entender como as autoras escolhidas retratam essa crise e se essa crise de fato existiu nos romances. Vamos começar por *Vento de Esperança*, um livro escrito em 1947 que nos mostra uma protagonista que subverte muitos papéis de gênero da época. Dr. Campos - quem depois com mais intimidade ela começa a chamar de Lourenço -, seu chefe na repartição na qual ela vai trabalhar, e Ciro, um rapaz que se torna seu amigo e companheiro para acompanhá-la em concertos e recitais e com quem ela tem uma relação confidente. Apesar de haver uma estima entre os dois, não há relação amorosa.

Através da leitura, podemos dizer que conseguimos enxergar nos dois personagens masculinos exemplos distintos de masculinidades. O Dr. Campos é um homem que parece estar dentro do padrão que se espera do comportamento de um homem na época. Ocupa uma posição de chefia no trabalho, é casado, tem esposa e filhos e não costuma se mostrar vulnerável, nem demonstrar fraquezas ou fragilidades. Pelo contrário, ele tende a ser bastante firme e age como se tivesse certeza de que as mulheres das quais se aproxima irão satisfazer seus desejos e vontades. Tanto é assim, que sua relação com Leila é muito baseada na certeza que ele tem de que ela cederá aos seus encantos muito facilmente. Ao ver que não é exatamente isso que acontece, o Dr. Campos começa a ter que lidar com certas questões com as quais não está muito acostumado: o fato de ter que convencer uma mulher que não é exatamente submissa, como é o caso de Leila.

Já Ciro é um homem que está em um relacionamento com uma mulher mais velha, se mostra mais sensível, gosta de ouvir Leila falar sobre sua vida e seus problemas e tem um apreço pela arte. Ele costuma acompanhar Leila a concertos, recitais e passeios noturnos e não parece ter problemas em se abrir e falar sobre seus gostos e sentimentos. Ciro mostra-se um homem mais vulnerável e frágil do que o Dr. Campos. Em uma dada hora, esse traço de personalidade parece inclusive incomodar Leila. É a partir dessa dualidade entre os dois personagens e a relação deles com a protagonista que vamos tentar entender como se dá a crise de masculinidade dentro desse universo que Ondina nos apresenta.

Em primeiro lugar é relevante contextualizar Leila. Ela é uma mulher que sai de sua pequena cidade para tentar a vida em São Paulo, e não está em busca de um casamento, mas sim de realização pessoal “E não vim para São Paulo arranjar namorados ou manter palestras com rapazes interessantes. Vim porque queria conhecer a extensão das minhas possibilidades; (...) porque queria sentir-me livre, sem limitações na minha liberdade” (Ferreira, p.14).

É bastante interessante notar que essas afirmações da protagonista sobre não querer casar, não querer conhecer rapazes, etc. vem logo no começo do livro. Isso mostra que a intenção da autora era deixar bem claro que Leila era uma mulher que se diferenciava de seus pares na pensão onde vai morar. Isso vai ficando bastante claro ao longo do livro, mas é importante perceber que Ondina faz questão de já pontuar essas falas de Leila quase que na introdução da personagem. Antes de sabermos mais sobre a vida da protagonista, já sabemos que casar não é o seu maior sonho e ela faz questão de deixar isso muito claro.

Apesar de ela dizer que veio para São Paulo para ser livre, é bom que tenhamos em mente que Leila não é uma mulher rica, longe disso. Em uma conversa com sua amiga de pensão ela deixa bem claro que inclusive deixou de estudar para ajudar no sustento da família. “Eu gostava de estudar, mas larguei o ginásio cedo, apesar dos protestos da vovó. Estava farta de ouvir tia Ernestina discutir as minhas despesas. Nós éramos pobres, você sabe…” (p.33).

Aqui percebemos que embora ela tenha deixado a pequena cidade em busca também de se conhecer melhor, ela é uma mulher que precisava trabalhar para se sustentar, e não à toa ela já chega à cidade procurando emprego. Vale pontuar que o primeiro emprego de Leila foi bordando enxovais para noivas. Isso fez com que nascesse dentro dela o sonho do casamento “Confeccionando o enxoval de outras moças, eu imaginava o meu. Cheguei a preparar riscos e inventar desenhos” (p.34). Ela conta que foi o enxoval que fez com que ela tivesse vontade de seguir em frente depois de receber galanteios de um homem chamado André: “E quando André, primeiro escrevente do Cartório de Registros, deu pra me namorar, retribuí os olhares e os sorrisos dele. Mas era no enxoval que eu estava pensando” (p.34).

Leila deixa subentendido que não aceitou as investidas de André por estar realmente interessada nele, mas por estar interessada na ideia e no sonho do casamento. De tanto bordar enxovais, o casamento se tornou uma vontade para Leila, e ela opta por dar uma chance para esse homem que a queria. Nesse momento descobrimos algo interessante sobre a protagonista e que rompe com uma ideia comum da época: a de que era mais importante casar-se com um bom partido, mesmo se não houvesse amor. Leila sente um pouco de ojeriza ao lembrar de André “Por um instante a lembrança de André emergiu do reservatório de recordações. Revi

seus dentes grandes, suas mãos sempre suadas…" (p.34). Ela conta à colega de pensão, Alexandra, que rompeu o noivado porque não queria se casar com um homem pelo qual não se sentia atraída. "Era um bom rapaz, repeti. Mas quando me tocava, em lugar de ficar alvoroçada, e sentir vontade de fugir...Foi por isso que eu desisti." (p.34).

A partir dessa passagem conseguimos compreender que Leila, apesar de ser uma mulher que vive nos anos 1940, rejeita algumas convenções como, por exemplo, casar-se sem amor. Alexandra estranha as motivações de Leila. "Você não se arrependeu? Um bom casamento não é coisa que se rejeite assim…" (p.34).

É importante entender como pensava Leila, porque são justamente essas ideias de liberdade que a personagem apresenta a todo momento um dos elementos que parecem evidenciar a crise masculina. Ao menos essa é uma das nossas hipóteses: que o contato com mulheres que buscam sua independência e que não são tão subservientes faz com que o homem se sinta ameaçado e, portanto, em crise com sua masculinidade. Tomemos como exemplo a relação de Leila com Dr. Campos. Logo que ela é admitida no escritório, o chefe começa com pequenas investidas amorosas. A protagonista percebe, e em um primeiro momento se sente acuada: "Entretanto, constrange-me a insistência com que me fita, às vezes, enquanto trabalho. Quando pressentindo essa contemplação, levanto os olhos, ele desvia os seus" (p.47).

É preciso também pontuar que apesar de Leila ser uma mulher que demonstra ideias a frente de seu tempo, ela também não está completamente descolada do contexto em que vive e traz consigo conceitos próprios da mulher da época (e não só daquela época) como o medo de estar sendo assediada porque está "provocando". Nas palavras da personagem: "Ainda uma vez, faço um exame de consciência: serei culpada? A mania de estudar o próximo não me terá levado a encarar discretamente o meu chefe? Os homens não conhecem a modéstia Ele poderia ter emprestado a meus olhares intenções mais lisonjeiras ao seu amor-próprio" (p.48).

Com o decorrer da história percebemos que o Dr. Campos está mesmo interessado em Leila e usa um interesse comum como artifício para conquistá-la: a leitura. A protagonista tem essa característica de ser muito ligada aos livros e o amor pela literatura nos parece uma das razões pelas quais ela é uma mulher que se questiona mais sobre a própria condição do que as mulheres com as quais convive. Em uma dada hora, em uma conversa com Dr. Campos, Leila expõe como essas leituras a fizeram uma pessoa menos calcada em preconceitos e ideias retrógradas. "Cheia de preconceito eu? Com todas as minhas leituras? Eu, que conhecia Karl Marx, John Dewey? Eu, que em Itaoca, era criticada por adotar ideias avançadas demais?" (p.98).

Desde o começo do livro, Leila deixa bem clara sua relação íntima com a literatura. Logo no primeiro parágrafo do romance a protagonista cita Goethe "Procurei conforto no conselho de Goethe, ainda fresco na memória, apesar do tempo decorrido desde a hora distante em que o transcrevi no meu caderninho de notas: 'Começar a vida de novo, todos os dias, como se realmente a iniciasse'" (p.11). Em vários outros momentos Leila demonstra ser uma mulher que tem a leitura como seu principal passatempo e que não consegue ficar longe dos livros. Enquanto sua caixa de livros não chega de Itaoca, por exemplo, a protagonista sente falta da leitura e pede para a colega de quarto para que possa ler a sua bíblia. Quando o caixote de livros finalmente chega, se torna ainda mais perceptível o quanto a leitura é parte essencial da sua vida.

> "Continuo namorando o meu caixote de livros. Atrasei o expediente diário: ainda não estiquei os lençóis e nem preparei minha roupa. Edite e Alexandra saíram cedo, na hora de costume. Não me deixaram sozinha hoje. Autores e personagens escaparam-se do caixote e encheram o quarto com sua presença. Poderia conversar com eles, se quisesse, tão nítidas são as imagens que a minha fantasia propõe à minha volta. Antes, porém, tenho que resolver o novo problema criado pela chegada dos livros: qual deles hei de reler em primeiro lugar? Refletindo melhor, acho que não adianta antecipar a solução. A escolha vai depender do meu palpite no momento oportuno. Há um livro apropriado para cada hora da nossa vida" (FERREIRA, p.75)

Essa relação muito íntima com a leitura causa estranheza e é questionada por alguns personagens do romance. Alexandra, colega de quarto de Leila na pensão, diz que "Ler é bom para quem não tem preocupações" (Ferreira, p.19). Já D. Glorinha, professora aposentada e moradora de um dos quartos da pensão, adverte sobre os perigos da leitura: "Tome cuidado. Não vá lendo qualquer coisa sem verificar primeiro se presta. Más leituras pervertem o espírito". (p.36). A ideia de que a leitura pode "perverter" o espírito é algo interessante de se pensar por que Leila é a única mulher do romance que lê, e é uma das poucas personagens femininas que parece não se conformar com tanta facilidade com a situação da mulher dentro daquele contexto da época. Ao se lembrar que algumas pessoas disseram que ela poderia "se perder" em São Paulo ela se questiona:

> "Perder-se? Conheço o significado que se dá a essa palavra. Não a entendo assim. Para mim, uma criatura se perde quando não sabe o que quer, o que espera, o que receia. Perdida ficaria eu no interior deixando que o tempo arrancasse meus dias, um a um. Os meus dias tão parecidos entre eles, como as folhas do mesmo calendário… Não; não me perderei aqui em São Paulo: ao contrário, pretendo encontrar-me" (FERREIRA, p.29)

A questão de Leila com a leitura é tão presente e importante para a personagem, que é

a arma que o Dr. Campos usa para se aproximar dela e fazer uma de suas primeiras investidas. Depois de trocar olhares com a funcionária, ele promete que caso se torne diretor, a levaria com ele como secretária. Ela não fica muito animada, diz inclusive que poderia ser uma injustiça com outras funcionárias que trabalham lá há mais tempo e até zomba do fato dele dizer que ela seria uma ótima secretária a conhecendo há tão pouco tempo. “Quer dizer que já me estudou assim em poucas semanas? Meus parabéns. Eu me observo há vinte e tantos anos e mal me conheço….” (p.69). Ao receber essa negativa, o Dr. Campos apela para a cartada do casamento, dizendo que inveja o homem que virá a ser seu marido. Leila também responde ríspida dizendo que “Não precisa invejar meu marido. Acho que não me casarei” (p.69). Aqui mais uma vez a personagem subverte um padrão da época, dizendo que não tem intenção de se casar e se conformando com o fato de, talvez, viver o resto da vida sozinha.

Leila mostra-se irritada com os galanteios do chefe, mas o cenário muda assim que ele altera a estratégia de aproximação e pergunta se ela gosta de ler. Neste momento, ela repensa sua imagem sobre ele: "Foi como se, perdida em terra estranha, eu tivesse encontrado um amigo. Respondi, quase comovida: ‘Gosto, por que?’” (p.69). Os dois conversam sobre Machado de Assis, e embora ela perceba que “Ele não é muito fluente ao expressar-se e suas considerações nada tem de muito pessoais ou de muito brilhantes” (p.70), a literatura abre um espaço para que Leila comece a enxergar o Dr. Campos com outros olhos. Tanto é que ele tenta uma aproximação física. Ao perceber que Leila está olhando pela janela, com a mão no parapeito, resolve colocar sua mão sobre a dela. A moça começa a se questionar sobre o porquê de não ter retirado a mão com rapidez. “Creio que minha incurável timidez foi a principal responsável. É isso: não recolhi a mão por timidez. Timidez, apenas? Seja sincera, Leila, confesse que você sentiu prazer no contato da mão morna do Dr. Campos” (p.82).

A partir dessa primeira investida, Leila começa a perceber que está atraída por seu chefe, embora siga agindo de maneira reticente, o que faz com que ele comece a ficar um pouco descontente e busque meios para que ela ceda com mais facilidade. A primeira ideia de Dr. Campos é agir como se só quisesse ser amigo de sua funcionária, sem nenhuma outra intenção. “Seja minha amiga. É tudo que lhe peço. Acha muito? Eu só queria que você ouvisse com paciência meus desafogos; que me animasse nos momentos maus” (p.92). Ela se anima com essa possibilidade de amizade, de poder conversar sobre livros e sobre a sua vida com ele e decide continuar com a relação que os dois têm. Com o tempo, entretanto, a moça acaba percebendo que pode não ser só amizade o que deseja, mas tem conflitos quanto a isso, já que o chefe é um homem casado. Ao mesmo tempo em que tenta se convencer que tem o direito de

se deixar levar por certas vontades, como por exemplo deixar com que ele pegue em sua mão: "O bom senso sempre foi um velho ranzinza. Se eu estava gostando do contato de nossas mãos, por que iria fingir-me de ofendida? Não teria direito a coisa alguma na vida?" (p.97), Leila entra em conflito quanto a seguir com qualquer tipo de relacionamento com o Dr. Campos. "Será direito?", se pergunta quando o chefe propõe que ela prometa não fugir mais das investidas dele.

O primeiro conflito de Campos com a sua masculinidade começa quando Leila demonstra que não será tão fácil assim convencê-la a ter um caso com ele. Ao levar sua primeira negativa, ele se faz de vítima, dizendo que a funcionária só não o quer porque ele é casado. "Por que não? Se fosse solteiro você se negaria a ir comigo a um restaurante, a um cinema? Não se negava, não é?" (p.98). O que percebemos aqui é que Campos, ao ver que Leila é uma mulher que não tem o sonho de se casar e que lê muito, intui que ela seria um tipo fácil para conquistar. Enxergamos a insegurança do homem que, frente a uma mulher menos subserviente, percebe que pode não conseguir aquilo que quer. Essa é a nossa primeira hipótese para a crise masculina: o fato de que o homem, ao lidar com mulheres que já não atendem ao mesmo padrão de outrora, percebe que o lugar que ocupava dentro da sociedade não é mais o mesmo.

Campos parece experimentar uma pequena perda de poder. Mais que isso, Lourenço experimenta aqui uma perda da centralidade. Um homem, dentro de uma sociedade patriarcal, está acostumado a ser o centro das atenções. Leila, porém, decide que não vai ceder assim tão fácil aos seus encantos. Então, o simples fato de ser um homem galanteando uma mulher não lhe garante que ela ceda a seus desejos. Nolasco (1997) explica que "há na relação entre homem e mulher uma expectativa de que o homem domine essa relação, implicando a criação de estratégias para submeter a mulher." (p.26). A partir do momento em que essa expectativa do homem dominar a relação é quebrada, ele começa a tentar subverter aquela negativa para continuar se sentindo homem. Para convencer Leila, o Dr. Campos se vale da estratégia de usar a sua emancipação contra ela mesma. Diz que não a imaginava assim, tão cheia de preconceitos. Aquilo ofende Leila, que responde "Você está enganado, eu não tenho preconceitos" (Ferreira, p.98). Leila percebe que ao tentar feri-la em suas convicções, a intenção de seu chefe é fazê-la ceder: "Serão palavras ou molas? Molas que me impelirão para um caminho novo, ainda desconhecido?" (p.99).

É pertinente aqui pensar um pouco sobre a questão do "preconceito" porque é uma palavra usada com um sentido distinto para Leila e para o Dr. Campos. Para a moça, ser uma mulher despida de preconceitos é mais no sentido literal da palavra, ser uma mulher que não

faz distinção entre pessoas, que consegue enxergar outras mulheres que tem uma vida diferente do padrão com dignidade, que está aberta para aceitar diferenças. Já no caso de Lourenço, ele usa a palavra "preconceitos" contra a própria Leila. Ele muda o sentido da palavra para dizer que ela é uma mulher cheia de preconceitos porque não é liberal, não deseja ter relação sexual antes do casamento. O que Leila enxerga como princípios, o Dr. Campos quer colocar para ela como preconceito, o que não vem a ser o caso. A protagonista, na verdade, parece temer as complicações que um envolvimento amoroso com um homem casado pode trazer para a sua vida.

Ela segue reticente quanto a um envolvimento amoroso principalmente em razão de Lourenço ser casado e ter família. Quando ele diz que vai tirar férias e que gostaria de tê-la ao lado dele na praia de Santos, de novo recorre ao artifício da comparação e ao gosto de Leila pela leitura para fazer com que ela se sinta mais especial que sua esposa, embora seja com a esposa que ele vai viajar e tirar férias. "Minha mulher não compartilha meus gostos. Aborrece-a tudo quanto me diverte. Só lhe interessam suas pequenas preocupações de dona de casa. Nunca abre um livro. Quando fico muito tempo perto dela, sinto necessidade de ar puro" (p.123). Embora haja uma certa hesitação, Leila acaba cedendo às vontades de Dr. Campos e aos seus próprios desejos e o beija. O chefe, entretanto, pede para que ela limpe o batom antes de beijá-lo e isso acende uma desconfiança: "Se me desejasse tanto assim, ele não teria lembrado da pintura de minha boca, antes de beijá-la. Não quis macular os lábios. Nem o lenço...Foi como se dissesse: não quero complicações, fico com o prazer." (p.126).

Esse trecho é interessante para que possamos entender quem é a protagonista em relação ao Dr. Campos. Ela se sente atraída por ele, acredita que tem direito de viver esse amor apesar de não ser uma mulher casada, mas ao mesmo tempo não consegue se desvencilhar de certas convenções: Leila não se sente confortável com a ideia de ter, por exemplo, uma relação sexual antes do casamento. Também não fica feliz com o fato de poder se tornar amante de um homem casado, já que isso significa desrespeitar a instituição do matrimônio. Apesar disso, percebemos que Leila é extremamente consciente do que está acontecendo, a ponto de prestar atenção em detalhes sutis que mostram a intenção de seu chefe com ela. Além disso, a protagonista se mostra uma mulher bastante centrada em suas convicções já que mesmo com Dr. Campos em uma posição de poder, ela se coloca sempre que quer como dona de suas vontades.

É o conflito de Leila em não querer ceder completamente às investidas do chefe, que permeia toda a relação dos dois e traz à tona a o que pode ser uma crise de Dr. Campos com sua masculinidade. Ele recorre sempre à ideia de que ela é uma mulher "sem preconceitos" e

que por isso deveria se deixar levar por seus desejos. Quando ela diz que não quer ter nada com o chefe porque examinou sua consciência e percebeu que não era o correto, ele retruca: "Não confunda consciência com preconceitos. Você é inteligente e não se deve deixar dominar por eles. São inimigos. É preciso pisá-los, esmagá-los" (p.143). O que nos parece é que aqui, o homem entra em conflito porque não consegue entender como se colocar frente a uma mulher que tem as rédeas da própria vida e ainda assim escolhe não se envolver com ele. Vale lembrar que a ideia de que para ser um "homem de verdade" é preciso ser capaz de conquistar todas as mulheres e não aceitar "nãos" ainda era muito presente naquela época e segue sendo presente hoje em dia. Não conseguir conquistar uma mulher faz com que um homem se sinta mais fraco, menos viril. Lia Zanotta Machado (2004) escreve sobre masculinidade, sexualidade e estupro e ao tentar entender porque estupradores abusam de mulheres, uma das conclusões é que:

> "Ser 'fraco sexualmente' tanto remete à ideia de 'macheza', àquele que não resiste à atração do sexo oposto, qualquer que seja a sua representante, e que a domina mesmo que ela diga não, quanto indica que a plenitude da macheza pressupõe que mulher alguma diga um 'não' categórico: um 'não' que seja 'não'. O verdadeiro homem é aquele que pode ter todas as mulheres. (MACHADO, 2004 p.43-44)

Claro que ela está falando de homens específicos, que cometeram um crime, mas é fato que essa é uma ideia que parece ser bastante comum a muitos homens: o verdadeiro homem parece ser aquele que pode sim ter todas as mulheres. No livro o fato do chefe de Leila estar lidando com uma mulher que não cede tão facilmente aos seus jogos, e que consegue perceber como ele está tentando convencê-la a fazer o que ele quer o deixa em uma posição vulnerável. Ao ouvir que ela é uma mulher que está se deixando levar por preconceitos, ela retruca dizendo que ele mesmo não parece ser emancipado de preconceitos. "Você só se esquece deles quando conversa comigo" (Ferreira, p.148). É também interessante notar quando falamos em masculinidades, que o Dr. Campos não consegue em nenhum momento admitir que Leila pode simplesmente não estar interessada em uma possível relação. Ao ouvir a negativa, ele intui que ela só pode não o querer por estar interessada por outro homem. "Tudo isso são desculpas, Leila. Decerto você se interessou por algum outro rapaz bonito" (p.144). Aqui notamos que a atitude de Dr. Campos está muito ligada à ideia da conquista da mulher como prova de virilidade. Em nenhum momento ele admite perder Leila, e em nenhum momento ele toma o "não" dela como um não definitivo. Ela só pode desistir dele caso esteja pensando em se tornar posse de um outro homem.

Essa dificuldade do chefe de Leila em aceitar suas negativas perpassa todo o romance. Ele questiona o que ela não gosta nele, tenta criar situações para que os dois fiquem sozinhos e

ao ouvir que Leila quer apenas a sua amizade, Dr. Campos reage mal e diz que as atitudes dela não condizem com a imagem que passava "Eu imaginava você diferente: toda nervos, toda vibração. Em vez disso, você tem se revelado uma criatura indecisa, gelatinosa. Nem quente nem fria: morna" (p.149). Aqui ele tenta convencê-la através de sua própria autossuficiência. Se ela é uma mulher tão dona de si, como não pode se entregar à paixão? Um homem que está acostumado a não receber negativas parece não saber como lidar com uma mulher que simplesmente resolve dizer não a um caso.

Algo curioso de se pontuar nessa relação é que, em um primeiro momento, pode-se ter a impressão de que Leila não se entrega completamente ao chefe por convenções ou porque não quer ser uma mulher "mal falada". Há um pouco desse componente na personagem, mas ela também confidencia que não teria problema em ser jogada ao inferno por um homem que gostasse muito. Ela se lembra de uma passagem de *O Inferno de Dante* em que um casal é condenado a ficar entrelaçado no inferno por toda a eternidade em razão do pecado que cometeram: "Não; não posso representar-me num dos círculos do inferno, ligada a Lourenço por um amplexo sem fim. Não gosto 'bastante' dele'". Aqui entendemos que as negativas de Leila não estão apenas ligadas às convenções da época, mas também tem a ver com o fato dela não estar completamente apaixonada por seu chefe, ao menos não a ponto de se entregar e ter que lidar com todas as implicações que isso traria para a sua vida.

Quando Leila percebe finalmente que Lourenço não está interessado em sua amizade e quer mesmo um modo de fazer com que ela se entregue a ele, ela se torna aberta a conhecer um outro rapaz que lhe é apresentado por uma de suas colegas de trabalho. Dr. Ciro é visto por Leila como "um caso perdido na clínica matrimonial" (p. 174) já que Dirce, quem apresenta os dois, confessa ter tentado várias investidas no rapaz e nenhuma delas deu em nada. Leila não se incomoda muito com isso e diz que o que interessa a ela é ter alguém inteligente com quem possa sair e conversar.

Ao saber que Leila tem saído com outro homem, Dr. Campos se enfurece e diz a ela que "já soube dos seus novos amores" (p.177). A moça explica que tem saído com Ciro que tem sido ótima companhia em esplêndidos concertos. O chefe fica ainda mais incomodado ao ouvir Leila tecendo elogios a Ciro e diz que "Se eu tivesse encontrado vocês, nem sei o que teria feito…" (p.177). Aqui, Lourenço tenta se mostrar um homem viril através da força. A ameaça de dano físico ao seu concorrente que agora está saindo com uma mulher que antes era "sua propriedade" é uma forma de se afirmar perante Leila como homem. Ao sentir o seu lugar ameaçado, o Dr. Campos faz promessas a moça. Diz que daria a ela uma casa, que ela poderia

viver em um apartamento de sua propriedade. Mais uma vez Lourenço acaba sendo contrariado por Leila, que não enxerga nesta vida nenhuma vantagem:

> "Procurar complicações? Não posso e não devo. Tenho o meu programa e não quero desviar-me dele. Não acredito na sua afeição. Você me deseja, isso sim. E você me perturba. Não sou máquina de trabalho. Sou mulher, tenho nervos, tenho sensibilidade. Se estivéssemos em igualdade de condições perante a sociedade e perante a natureza, eu lhe diria: 'Vou com você'. Mas nós não estamos em igualdade de condições, você entende? Todas as consequências desagradáveis de uma aventura recairiam sobre mim" (FERREIRA, p.178)

Com o orgulho, e podemos dizer também, com a masculinidade ferida, Lourenço arruma um modo de machucar Leila "Estou vendo que você acredita na alegoria das virgens loucas e das virgens prudentes. Não vá estragar a sua vida por causa de uma fábula" (p.179). O interessante dessa passagem é a impressão equivocada de Lourenço ao intuir que uma mulher solteira, que não pensa em se casar e trabalha fora, seria também uma mulher "fácil" Ao perceber que com Leila as coisas não funcionam assim, ele experimenta uma espécie de crise por não saber como agir. Dr. Campos simplesmente não consegue, mesmo com seu poder de homem, convencer Leila de que estar com ele é a melhor opção para ela. A moça, justamente por entender que as condições da mulher na sociedade são muito diferentes da condição do homem, percebe que uma aventura com o seu chefe lhe traria muito mais problemas do que vantagens.

A crise do Dr. Campos com sua masculinidade através do confronto com Leila acaba sendo uma das grandes questões de masculinidade que podemos enxergar na história. Lourenço está confortável, em uma posição de poder frente a Leila não só por ser homem, mas também por ser seu chefe. A partir disso, ele intui que conquistar essa mulher não será uma tarefa muito difícil. A grande frustração vem do fato de perceber que ao ter o poder de escolher os caminhos de sua vida, Leila pode também escolher não ficar com ele. O que ele toma como uma afronta e o faz reagir sempre com certa violência, ou atacando Leila em seus princípios. Parece impensável para este homem que uma mulher que tem a vida em suas mãos possa simplesmente decidir não ir adiante em uma aventura com ele. E é durante esse conflito que vem a insistência. Como cartada final, ao perceber que embora Leila seja uma mulher com ideias modernas, ela não cederá tão fácil, Lourenço resolve dizer que está prestes a se divorciar de sua mulher, justificativa que ainda assim não convence a protagonista do romance e que cai por terra muito rápido: um dia Leila encontra a esposa do chefe no clube e descobre que ela está grávida outro filho.

É quando a protagonista desiste de uma vez por todas de qualquer tipo de envolvimento

com o chefe, e resolve deixar as cartas que ele lhe manda depois do rompimento, sem resposta:

> "Rasguei sem ler a carta de Lourenço. (...) tenho motivos para detestar este homem. Ele me ofendeu duplamente: na minha vaidade de mulher e na minha dignidade de ser humano.(...) Durante meses e meses o meu pensamento se embebeu na pessoa de Lourenço. Eu vivi em função dele: ele foi meus olhos, meus ouvidos, minha sensibilidade. Até que o rancor enxugue o último vestígio da minha ternura, serei uma doente, uma estropiada" (FERREIRA, p.221)"

Leila deixa bem claro que não será fácil esquecer Lourenço, mas também se mostra decidida a não ceder à conversa e às investidas do chefe. Ela chega a mandar uma carta para uma tia pedindo um dinheiro emprestado para que não tenha que trabalhar junto com o Dr. Campos por muito tempo mais. Apesar de estar obstinada em terminar de uma vez por todas a história, Lourenço não concorda em desistir tão facilmente. Ele espera Leila em frente à sua pensão para tirar satisfação por ter sido rejeitado:

> "Aconteceu o que eu mais temia. Lourenço não se conformou com um rompimento mudo. Precisava colocar uma coroa de perguntas e de respostas, de exclamações e reticências sobre a nossa história defunta. Esperou-me hoje, na rua em que moro, quase à porta da pensão. Assim que o vi, voltei sobre os meus passos. Mas ele me alcançou." (FERREIRA, p.223)

O chefe de Leila não só não aceita o término, como também não aceita que ela não o ouça e não explique a ele os motivos que a levaram a rejeitá-lo. Ao perceber que ela não vai ceder, ele usa da força. "Segurou meu braço como se eu já lhe pertencesse. Onde estava o jeito humilde com que se dirigia à esposa?" (p.224). Esse trecho é interessante para que possamos notar duas coisas importantes: em primeiro lugar o fato de que, por mais que Lourenço tenha tentado conquistar Leila até então sem utilizar a força, quando ele sente que pode mesmo perdê-la, ele tenta tê-la utilizando a força. Para ele não parece uma opção que uma mulher simplesmente o rejeite; em segundo lugar, é importante notar a questão da posse: "segurou meu braço como se eu já lhe pertencesse". Para Lourenço, Leila não era uma pessoa com vontade própria e capaz de escolher seus próprios caminhos. Ela, como todas as mulheres, o pertencia. E por isso ele a teria nem que fosse à força.

Quando Leila vê que ele não irá deixá-la em paz, ela pensa em um plano: pedir para que Ciro, seu amigo, finja que é seu namorado. "Foi pensando em tudo que decidi falar com Ciro. Triste a condição da mulher! Até para se defender de um homem ela precisa apelar para a proteção de outro homem" (p.225). Esse trecho também é interessante porque mostra muito bem a condição da mulher enquanto posse de um outro homem. Lourenço não pensa em deixar Leila em paz até o momento em que descobre que ela pode estar comprometida com Ciro. A protagonista se mostra muito ciente da condição da mulher que não pode contar apenas com a

sua vontade, nem sequer com suas negativas. É preciso que ela seja vista como posse de outro homem para que suas negativas tenham algum valor. Tanto é assim que quando ela finalmente revela ao chefe que está noiva do amigo, ele tira satisfações com Ciro e ao ouvir que os dois estão mesmo noivos, desiste de Leila.

Toda essa passagem que envolve o fim do relacionamento da protagonista com seu chefe é muito emblemática quando falamos de crise de masculinidades. Em primeiro lugar porque o Dr. Campos se mostra realmente um homem incapaz de lidar com uma mulher que ao mesmo tempo que é relativamente autossuficiente, se recusa a ceder aos seus desejos. Para ele, só há uma alternativa: tentar convencer essa mulher até que ela seja sua. Quando Leila percebe que ele não irá deixar a esposa, e a única alternativa é terminar o romance, ele age como se ela fosse sua posse e não pudesse dizer não, às vezes usando inclusive da força para mostrar sua posição como homem. Lourenço só desiste de vez quando pergunta a Ciro se eles estão noivos e ele confirma. Ou seja, ele só se permite deixar a mulher que era sua propriedade quando ela encontra um outro homem de quem possa ser propriedade. E quando isso acontece, o chefe de Leila supera a história facilmente encontrando outra amante. Enxergamos aqui que Lourenço tem questões quanto a autonomia feminina. Ele não consegue sequer imaginar aceitar as negativas de uma mulher que venham diretamente dela. Para ele, não existe como uma mulher, tendo chance de escolher, optar por não o querer. Essa condição só é possível, se ela estiver sob a tutela de um outro homem.

O que podemos perceber analisando a conduta de Lourenço frente a Leila é que há sim indícios de uma crise de masculinidade que fica muito mais clara quando tomamos como ponto de partida a relação dos dois. Dr. Campos é um homem que possui poder, que tem uma vida confortável, que estabelece distinções entre sua vida familiar e os prazeres e que está acostumado a conseguir tudo aquilo que quer pelo simples fato de ser um homem em uma sociedade que privilegia o poder masculino. Quando ele se depara com Leila, acredita que ela será uma presa fácil, justamente por ser uma mulher que tem "pouco a perder". Não é casada, vive sozinha, depende do trabalho para se sustentar etc. A protagonista do romance é uma mulher discretamente à frente de seu tempo, como já exemplificamos ao longo deste texto. Lourenço parece realmente não saber lidar com essa emancipação, agindo de forma agressiva e insistente às negativas que ela oferece à possibilidade de um caso entre os dois.

É muito claro que o Dr. Campos não tinha nenhum sentimento forte pela moça, não a amava nem nada disso. Não conseguir conquistá-la, entretanto, mexe com seu orgulho como homem e faz com que ele continue insistindo, recorrendo até a ameaça de dano físico. A ideia

de não aceitar negativas pois isso faz do homem menos homem é um componente importante da construção da masculinidade, assim como a necessidade do uso da força para provar que não é "menos" homem. Quando Lourenço ameaça agredir Ciro porque ele está atrás de uma mulher que "lhe pertence", ele está apenas buscando afirmar sua virilidade, que frente à essa mulher que decide não o querer, parece frágil. Courtine (2013) explica um pouco sobre isso:

> "O privilégio masculino é também uma armadilha (...) que impõe a cada homem o dever de afirmar, em qualquer circunstância, a sua virilidade (...). A virilidade, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão para o combate, e para o exercício da violência, é antes de tudo uma carga. Tudo concorre para fazer do ideal impossível da virilidade o princípio de uma imensa vulnerabilidade" (COURTINE, p.12)

O que entendemos a partir da análise do romance de Lourenço e Leila é que a crise de masculinidade percebida no personagem parece sim vir do fato desse homem não saber mais como demonstrar sua virilidade frente a uma mulher que simplesmente se recusa a ser submissa como o esperado. Vale pontuar aqui que quando falamos da "crise" de Lourenço não queremos necessariamente dizer que ele sofra ou perca privilégios ao experimentá-la. Falar de crise de masculinidade é apenas enxergar que um homem que estava acostumado a se portar de uma determinada maneira e conseguir o que quer daquele modo se sente incomodado ao lidar como uma mulher que não responde às suas investidas da maneira como ele esperava. As negativas de Leila fazem com que Lourenço traga à tona inclusive características nocivas da masculinidade como o uso da força. Lourenço segue se portando como um homem e segue tendo todos os privilégios de um homem em sua condição, mas ao lidar com Leila, a dinâmica de poder a qual ele estava acostumado muda, causando um estranhamento claro no personagem.

Outro ponto a ser analisado no romance é o personagem Ciro. Já falamos brevemente dele, mas ele é esse homem que é mais sensível, fala de seus sentimentos, aprecia as artes e tem condições de manter uma relação com uma mulher que não seja apenas visando o interesse sexual. O que podemos notar no personagem é que ele pode ser encaixado em um outro tipo de crise de masculinidades: ele não se enquadra dentro de um conceito de masculinidade hegemônica. O personagem é algumas vezes visto por Leila como um homem "fraco", justamente por não tomar certas iniciativas e por ser quase que um oposto de Lourenço, que está completamente inserido dentro de um padrão de masculinidade hegemônico.

Ciro é um jovem que em uma dada hora de seu relacionamento com Leila, resolve admitir que tem uma história de amor com uma mulher mais velha que ele, e não tem forças para largar. Ele pede conselhos a Leila que diz que se ele já não se sente mais atraído por ela,

ele devia pedir a separação. É quando ele admite que tem medo de que ela acabe se suicidando "Por diversas vezes, experimentei romper. Sabe o que aconteceu? Ela tentou suicidar-se. Não quero carregar na consciência o peso dessa morte" (Ferreira, p.189). O que é interessante de notar aqui é que Ciro se mostra um homem incapaz de terminar um relacionamento e deixa bem claro que quem detém o poder na relação é sua mulher, mesmo que seja através de ameaças. Essa ideia do homem que não consegue terminar uma relação deixa Leila bastante incomodada. Tanto é que ela responde o amigo de maneira que classifica como irônica: "Não pude impedir que laivos de ironia colorissem a minha voz: 'Então espere que ela morra de morte natural. Sendo mais velha, é possível que vá primeiro'" (p.189). A personagem aqui se incomoda com a incapacidade de Ciro de tomar as rédeas da própria vida e chega a admitir que acha a fraqueza dele "repulsiva":

> "Há qualquer coisa de repulsivo na fraqueza de um homem. Talvez assim nos pareça porque, desde pequeninas, ensinaram-nos a admirar as qualidades viris do outro sexo. Só admitimos as fraquezas dos homens de quem gostamos. Fôra por isso, de certo, que os desabafos de Lourenço não o diminuíram aos meus olhos. Também os dois casos não se identificavam. Lourenço continuava junto da esposa porque achava que isso lhe convinha. O outro, não; de corpo e alma repudiava a companheira, mas não se dispunha a lutar pela liberdade." (FERREIRA, p.189)

É curioso perceber que ainda que Leila tenha ideias mais modernas em relação a algumas questões, ela ainda se sente incomodada com um homem que se mostra "fraco" frente a ela. Mesmo que não goste que Lourenço decida não largar a esposa, ela ainda enxerga isso de uma maneira mais digna do que enxerga Ciro, que não consegue deixar sua companheira por fraqueza. A fraqueza parece ser algo que não cabe dentro da personalidade de um homem de verdade. Tanto é assim que a própria mulher não consegue lidar com esse traço de personalidade com naturalidade. Para Leila, até continuar em um casamento por conveniência é mais digno do que fazer a mesma escolha por fraqueza. É importante, entretanto, pontuar que a visão da protagonista aqui está contaminada pelo sentimento que ela tem tanto por Ciro como por Lourenço. E parece levar em consideração também certas convenções sociais.

Leila está apaixonada por Lourenço e se ressente dele não ter deixado a esposa para ficar com ela, mas ao mesmo tempo enxerga o casamento dele com sua mulher como uma instituição sólida: eles estão casados, vão ter outro filho. Para ela, a escolha de Lourenço, apesar de não ser o que ela esperava, faz sentido. Não é o que acontece com Ciro, que não está dentro de um casamento tradicional: ele é casado com uma mulher mais velha, e Leila não entende como ele pode optar por ceder às chantagens da esposa ao invés de deixar um relacionamento

que não o faz feliz. Leila parece suprimir o fato de que Ciro também continua com a esposa porque recebe alguma espécie de vantagem com aquela relação.

Ciro chega a optar por deixar a companheira para lutar por sua felicidade. Nesse momento do romance, o personagem dá a entender que está interessado em Leila e quase diz que o motivo por ter resolvido deixar a mulher teria sido ela. Acontece que a condição de solteiro do rapaz não dura muito, visto que sua companheira cumpre a promessa e tenta mesmo o suicídio. "Ciro assinava as poucas linhas nervosas. Contava que 'ela' tentara suicidar-se. Escrevia-me do hospital onde fora internada e onde aguardaria que a declarassem fora de perigo." (Ferreira, p.231).

Depois da tentativa de suicídio da mulher, Ciro desiste de se separar dela e admite que é um homem, de certa forma, vulnerável:

> "Mas ela não foi correta comigo. Comprou-me, à minha revelia, tentando morrer por minha causa. Conseguiu o que queria: estragou a minha vida. Eu não seria feliz nem se casasse com a moça de quem gosto. Você entende? Sou assim, cheio de escrúpulos, de suscetibilidades. Se é por isso que você me acha bom eu preferia ter nascido mau" (FERREIRA, p.239)

Aqui notamos que Ciro também não se sente confortável com sua posição e suas decisões, nos parece que para ele também não é muito fácil demonstrar suas fraquezas, como por exemplo não ser capaz de deixar a mulher depois de uma tentativa de suicídio. Notar a sua "falta" de virilidade o deixa também um pouco desconfortável. Leila entende essa falta de iniciativa quanto à situação da mulher como fraqueza. "Assim, como me atrevo a censurar a fraqueza de Ciro? Ela me anima: prova que não é uma consequência de nossa condição de mulher. Também existem homens fracos" (Ferreira, p.237).

Apesar disso, é relevante pontuar que não fica exatamente claro o quanto dessa "fraqueza" de Ciro é uma verdade e o quanto é uma performance. Ele parece sim apaixonado por Leila e disposto a largar a mulher, mas não fica claro o quanto ele está disposto a largar as regalias que pode ter por estar nesse relacionamento com uma mulher mais velha que aparentemente o sustenta. Para Ciro, também é cômodo se colocar nessa posição de vulnerabilidade frente à Leila, para não ter que lidar a fundo com a questão do possível relacionamento entre os dois. Mesmo que ele tenha desistido por si só, parece mais fácil colocar a culpa da negativa à relação com Leila, em uma possível chantagem da esposa. Ainda assim, Ciro é um personagem que se contrapõe ao Dr. Campos já que não parece ser um homem disposto a ter que provar a sua masculinidade e seu papel como homem a todo momento.

A questão da crise de masculinidade quando analisamos a relação de Leila com Ciro

vem de um lugar diferente da problemática de Lourenço. O amigo da protagonista não sofre na sua relação com ela e nem tem muitos conflitos ao enxergar o fato de Leila ser uma mulher mais livre. Ciro tem problemas com sua própria masculinidade e Leila tem uma certa aversão a enxergar um homem que não é, para ela, um exemplo de virilidade. Ver representado em um romance da década de 1940 um homem que não se apresenta forte, viril etc. acaba nos dando a noção de que esses outros tipos de masculinidades coexistiam mesmo em uma época em que o padrão era ainda mais esse homem forte, viril e seguro de si. É muito interessante notar essa dualidade entre Lourenço e Ciro já que de um lado temos um homem que quer sempre se mostrar forte, conquistador e que não sabe lidar com uma mulher que não é subserviente e, de outro, temos um homem que tem dificuldades de aceitar a própria vulnerabilidade, que é inclusive visto como fraqueza por Leila, algo que chega a beirar o asqueroso.

O que vemos em Ciro é um exemplo de um homem que tem que lidar com uma masculinidade não-hegemônica, ou seja, que tem um modo de se portar que foge do padrão que se espera de um homem. Se a crise de Lourenço vem do fato dele perceber que está perdendo certos poderes frente a mulheres que simplesmente não atendem mais às suas vontades, a crise de Ciro vem por não viver à altura desse modelo padrão de masculinidade. Ainda que permanecer na relação com a sua esposa seja uma vantagem, Ciro não é forte o suficiente para deixar aquela vida cômoda e se tornar, por exemplo, um provedor em uma possível relação com Leila.

Para além de Lourenço e Ciro, é importante pontuar também que Leila chega a ter uma relação que não é amorosa, mas que molda bastante o modo como ela lida com homens num geral, ainda em sua cidade natal. Ela conhece, na casa do seu tio, um homem chamado João Paulo. É ele que faz com que aflore ainda mais o seu interesse pela leitura. “Não sei como aconteceu, mas acabamos conversando sobre livros. Ele prometeu emprestar-me os volumes da crítica de Humberto de Campos” (Ferreira, p.77). João Paulo a apresenta à sua mulher, D.Cinira e ela começa a fazer alguns trabalhos de bordadeira para ela. Quando vai entregar os trabalhos, por muitas vezes Leila acaba se encontrando com Dr. João Paulo e os dois conversam sobre livros, ele lhe dá dicas sobre literatura e a amizade vai crescendo. A questão é que D. Cinira não gosta da aproximação da moça com seu marido e começa a deixar claro para a moça que seu lugar não é ali. Leila percebe e em um determinado trecho conclui:

> Era impossível, porém, continuar ignorando a hostilidade mal disfarçada de D. Cinira. Seriam ciúmes? Essa suposição me revoltava. Teria ela o cérebro ainda mais estreito que os olhos? Não via que o Dr. João Paulo tinha quase o dobro da minha idade? O bom senso instigava-me que me afastasse. Ciúme de mulher é como ninho de vespas: ai de

> quem mexe com ele. Custava-me muito renunciar àquelas horas de palestras, horas douradas na minha vida incolor. Mas renunciei. Terminei os bordados encomendados por D. Cinira e depois de entregá-los não voltei mais à casa dela. (FERREIRA, 1947 p.78)

Na época (e podemos dizer que até hoje em determinados círculos), não é exatamente bem aceita a amizade entre um homem e uma mulher, principalmente se estivermos falando de um homem casado e uma mulher solteira. D. Cinira não consegue nem sequer vislumbrar a possibilidade de que o marido e Leila possam ter uma relação exclusivamente de amizade. Aqui também não podemos afirmar com certeza que o Dr. não tivesse nenhum interesse na moça. Ainda assim, o que parece doer em Leila não é apenas a falta da companhia de João Paulo, é também ter que ficar longe daquele novo mundo que se abria, o novo mundo do conhecimento e da leitura, que para uma mulher que teve que parar de estudar muito cedo para ajudar a sustentar a casa, é algo muito valioso.

Quando falamos que a relação de Leila com o Dr. ajudou a moldar o modo como ela se relaciona com outros homens, é porque ela enxergou nele uma bondade que não parecia ser comum a todos os homens. Em um determinado momento ela chega a dizer "E, se todos os homens do mundo me fizessem sofrer, as minhas lágrimas não apagariam a lembrança da bondade do Dr. João Paulo" (p.76). Essa passagem é relevante principalmente quando pensamos na relação da protagonista com Lourenço e Ciro. O que percebemos é que Leila já tinha uma bagagem de um envolvimento com um homem casado (ainda que não tivesse sido uma relação amorosa) e já tinha experimentado a dor da humilhação. Por outro lado, ela enxergou em João Paulo uma bondade que procurava encontrar em outros homens, mas que não veio nem no Dr. Campos e nem em Ciro. É também importante a relação dos dois no sentido em que foi ele quem fez com que o gosto da moça pela leitura se tornasse ainda maior. Depois que ela deixa de frequentar a casa dele e da esposa, Leila descobre que eles se mudaram de cidade, e pouco tempo depois recebe uma caixa de livros: "Continham todos os livros que o Dr. João Paulo me emprestara e ainda outros, inéditos, que eu manifestara o desejo de conhecer" (p.80). A relação entre João Paulo e Leila é emblemática por várias razões: porque desde cedo ela mostra ser uma mulher que sabe criar uma distância com um homem casado; porque ela manifesta ainda mais o seu gosto pela leitura e porque ela enxerga neste homem um exemplo de bondade que ela parece tomar como um modelo do que procurar em um futuro relacionamento amoroso. Isso é rico também para entendermos o modo como Leila lida com as masculinidades de Ciro e Dr. Campos e como se torna essa mulher que busca independência acima de relacionamento amoroso. Vale lembrar que pouco depois dessa questão com D. Cinira,

Leila decide ir para São Paulo.

Outro ponto significativo ao analisar o romance de Ondina, pensar nas mulheres da pensão de Leila. Quando apresentamos a autora e colocamos um trecho de Monteiro Lobato dizendo que Ondina era muito hábil em criar personagens femininas, especialmente as menos abastadas, percebemos que essa afirmação se prova muito clara em *Vento de Esperança*. Ao chegar na pensão ela explica que "entre velhas e moças somam quarenta as hóspedes da pensão" (Ferreira, p.26). A protagonista faz uma reflexão interessante ao observar a variedade de mulheres que vive sob o mesmo teto:

> "Hoje, lembrando as quarenta criaturas díspares reunidas sob este velho teto, uma imagem ocorreu-me ao pensamento: a de um porto meio arruinado, em cujas águas quietas se abriga um bando de embarcações diferentes. Embarcações frágeis, impróprias para viagens longas e que não se arriscariam em aventuras perigosas. Muitas delas contratadas para o trabalho, rompem as amarras de manhã cedinho e refazem, todos os dias, a mesma rota curta e monótona. Outras, só desfraldam as velas em passeios indolentes e boêmios, enfeitando a paisagem com o triângulo branco, batido pelas cintilações do sol. Outras, ainda mais antigas, cujo casco o tempo apodreceu, renunciaram às excursões pelo mar fora. E, balouçadas pelas marés, quedam-se inúteis, à espera do temporal que as sepultará na areia" (FERREIRA, p.26)

Essa passagem é bastante emblemática porque mostra não só a multiplicidade das mulheres que vivem na pensão, mas também deixa claro que, para a maioria delas, a perspectiva de futuro não é das mais animadoras. Estão ali mulheres que não vem de família abastada e que precisam trabalhar para se sustentar. Mulheres que não se casaram, que não são mais "puras" e que vivem de aventuras com homens que as dão dinheiro para seguir vivendo. Mulheres que envelheceram sozinhas e sem família e que aguardam a morte.

Leila se relaciona principalmente com duas moradoras da pensão: Alexandra e Edite. Alexandra é uma mulher mais conservadora (tanto é que o único livro que ela tem em seu quarto é a Bíblia) e que é descrita pela protagonista como uma pessoa amarga "Ela tem sempre uma queixa, uma acusação para atirar contra alguém. Porém começo a compreender que essa atitude não é feita de agressividade. É uma forma de reação contra um mundo que tem lhe sido hostil" (Ferreira, p.33). A moça conta a Leila que nunca se casou "Em mocinha tive dois ou três namoros que não deram certo. E, agora, quando um homem se interessa por mim, não me propõe casamento: quer outra coisa..." (p.34). Alexandra é sempre descrita como uma mulher um pouco amarga, mas que ainda sonha em encontrar um homem que case com ela e a assuma como sua esposa.

Já Edite faz parte do que Alexandra define como "a turma das sem-vergonhas". Junto com outras três mulheres elas formam um grupo de meninas que costuma sair com os homens em troca de vantagens. Elas se relacionam com homens ricos, que podem pagar a elas jantares

caros e em bons restaurantes. Leila reflete que: “Fausto trocou a alma por um pouco de mocidade. Essas moças realizam pior negócio. Trocam corpo e alma por um prato de comida bem apresentado. Imagino os vexames que sofrem. Sofrerão? Imagino que tenham perdido a sensibilidade” (p.39).

Falar sobre as mulheres da pensão nos traz uma perspectiva interessante inclusive para falar sobre o homem em crise. Em alguns momentos desse trabalho, tentamos deixar claro que um homem em crise não é um homem que perde completamente sua posição de poder dentro da sociedade, e nem tampouco um homem que deixa de oprimir mulheres. É justamente o que enxergamos com mais clareza em Alexandra e Edite. Embora as duas estejam fora de um padrão que se espera das mulheres da época, e embora elas tenham conquistado alguma independência, tudo isso se deu por causa das circunstâncias: são mulheres mais pobres, que não tem o apoio da família e que não se casaram. Edite, por exemplo, em uma fala com Leila sobre Alexandra explana todas as suas convicções sobre os homens e o casamento:

> Casei-me eu, dez vezes mais interessante do que ela? Você é muito ingênua, Leila. Por isso é que deve sair daqui. Casamento é para essas moças fiscalizadas pela mamãe e protegidas pelo papai. Nós, largadas na vida, não devemos contar com o casamento. Vou ser franca: não faço questão dele. Antes de um mês, teria brigado com meu marido. Um homem gosta de dar ordens. Eu me habituei a viver sozinha, a não prestar contas de meus atos a pessoa alguma. Liberdade é vício, também. É difícil largar um vício que se adquiriu há muito tempo. Eu não passo sem minha liberdade. Estou viciada. Prefiro sofrer fome” (FERREIRA, p. 86)

Apesar de Edite se mostrar o tempo todo essa mulher dona de si e que não liga para o casamento, sua postura acaba cobrando um preço um pouco alto já que os homens não a enxergam como uma mulher de “respeito”. Em vários momentos do livro ela se vê em situações complicadas, como por exemplo quando uma de suas amigas rouba um dos homens com quem ela se relacionava e ela se vê traída. A grande questão das mulheres que não se casam e optam por viver uma vida mais livre como alternativa, é que elas são mulheres muito menos respeitadas pelos homens da história. Em uma dada parte do romance, Leila é convidada para ir a uma festa com Edite, as amigas e os homens com quem elas saem. Dr. Lúcio, um dos sujeitos que estavam interessado nela, diz ao fim da festa para que ela “não frequente mais essas festas, Leila. Não são próprias para você” (p.142). Aqui fica muito claro que os homens do romance enxergam categorias de mulheres. E mulheres “fáceis” como Edite e as amigas são tratadas quase como objetos.

Uma passagem muito simbólica do romance é quando um dos homens vai até a pensão buscar Olga, que faz parte do que Alexandra apelidou como “grupo das sem-vergonhas”.

Naquele dia a personagem está gripada e uma de suas amigas diz ao homem que ela não poderá sair. Ele insiste e vai até o quarto dela para buscá-la, já que eles tinham um compromisso. Olga sai do quarto arrumada e Leila pergunta se ela vai sair mesmo doente. Ela responde que "Oscar está sem companhia. Eu tinha combinado de sair com ele" (p.63). Leila rebate dizendo que ela não é obrigada a ir e a resposta é bastante melancólica "Você não entende: se eu deixar de sair, ele não me convida mais. E não faltam outras" (p.63)

Aqui fica muito claro que existe uma desigualdade de gêneros importante que ainda persiste. Por mais que Edite e suas amigas sejam mulheres que rompam padrões sociais, isso não significa que elas sejam bem aceitas. Elas são oprimidas pelos homens com quem se relacionam e frequentemente tem destinos trágicos, como é o caso de Edite que adoece e morre sozinha em um hospital, muito jovem. Quando apontamos a crise masculina no romance de Ondina Ferreira, queremos mostrar dois pontos importantes: que é possível enxergar uma crise no que diz respeito as masculinidades já que enxergamos tipos de masculinidades que desviam do "padrão" e que existe um incômodo masculino ao enxergar mulheres que tem uma postura mais livre em relação aos padrões sociais impostos. Isso, como vemos aqui, não significa em nenhum momento que esses homens percam sua força enquanto opressores. Por mais livres que essas mulheres tentem ser e por mais que isso cause um abalo nos personagens masculinos, as mulheres ainda estão em uma posição desigual. E nem sempre também essa liberdade das mulheres é uma escolha consciente. Às vezes é uma escolha compulsória.

O romance de Ondina é muito rico em representar diferentes tipos de homens, assim como diferentes tipos de masculinidade. Os dois personagens masculinos principais, em suas relações com Leila, nos dão mecanismos para enxergar através da literatura componentes que nos levam a crer que o homem de meados do sec. XX estava sim em crise com sua masculinidade já que era possível para a autora enxergar esses componentes no mundo real para criar seus personagens no mundo da ficção. Para criar um panorama ainda mais abrangente dessa suposta crise, recorremos à análise também do livro de Martha Batalha *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão*, que nos traz uma perspectiva contemporânea dos homens de meados do sec. XX através da literatura.

3.2 A Vida Invisível De Eurídice Gusmão e As Crises na Masculinidade:

Para entender de maneira mais abrangente essa suposta crise da masculinidade a partir da leitura de romances, achamos por bem incluir na nossa análise um romance de uma autora contemporânea, que aborda relações que se passam na mesma época do livro de Ondina

Ferreira: os anos 1940. Em *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* (2016), a autora conta duas histórias de duas irmãs que se relacionam com tipos distintos de homens e que tiveram vidas muito diferentes. De um lado temos Eurídice, uma menina que cresce respeitando demais a autoridade dos pais e que acaba em um casamento comum com Antenor, vivendo uma vida doméstica que consiste em cuidar das crianças e da casa. Do outro lado temos Guida, uma mulher que ainda jovem decide lutar por sua própria felicidade e foge de casa para casar-se com Marcos, um homem cuja família rica não aceita que ele se case com uma mulher que não tem muitas posses.

Aqui temos dois exemplos distintos de homens, bem como dois exemplos distintos de crise que se assemelha muito ao que enxergamos no romance de Ondina Ferreira. Enquanto Antenor é um homem forte, que provê o sustento para a família e que começa a se incomodar quando sua mulher busca um pouquinho de liberdade, Marcos é um homem que não tem muita fibra, que não atende aos padrões esperados por um homem daquela época: ele não se empenha para sustentar a família, não para em um emprego e tem uma certa preferência pelo conforto e riqueza proporcionados pela sua família. A mesma "fraqueza" é notada em um outro homem com quem Guida se envolve mais para frente, Antônio, que é um personagem que mesmo com uma certa idade ainda não se casou por ser completamente dominado pela mãe. Ou seja, aqui como em *Vento de Esperança*, é possível notar exemplos de masculinidades hegemônicas e não-hegemônicas, e crises que se notam ou por perda de poder, ou por incapacidade de se integrar dentro de um padrão de masculinidade imposto pela sociedade.

Vamos começar pela relação entre Eurídice e Antenor, que é a que perpassa mais momentos da história. Logo no começo do livro, a autora já exemplifica o que podemos esperar da relação entre Eurídice ao dizer que ninguém sabe ao certo porque eles se casaram, mas "apontam a doença da tia de Antenor como responsável pela união, já que agora ela não podia mais lavar as roupas do sobrinho com sabão especial de lavanda, ou preparar a canja de galinha com pedaços transparentes de cebola" (Batalha, p.9). Nesse trecho a autora dá a entender duas coisas importantes sobre a relação entre Antenor e Eurídice. A primeira é que o casamento até podia ter uma dose de amor "Há aqueles que acreditam que Eurídice e Antenor de fato se apaixonaram e que essa paixão durou os três minutos de uma dança a dois num baile de máscaras do Clube Naval" (p.10), mas que foi tratado também por conveniência. Outro ponto importante é que Antenor esperava de uma esposa a mesma coisa que esperava de outras mulheres da sua vida: o domínio das tarefas do lar. Ele esperava que sua esposa também passasse suas roupas e cuidasse de colocar cebola em pedaços transparentes na sua comida,

para não sofrer de indigestão. Ou seja, logo no começo da história já sabemos que o marido de Eurídice parece ser um homem que casa para sustentar a casa enquanto a mulher se dedica às tarefas domésticas.

O que entendemos sobre Antenor é que ele é um homem que atende a um ideal de masculinidade padrão da época. Ele não aceita quando a mulher não sangra na primeira noite e já intui que ela tenha tido um outro homem antes dele "Vagabunda, eu me casei com uma vagabunda!" (p.10). O que ele espera de um casamento é uma mulher que chegue virgem e que atenda às suas vontades. Atender às suas vontades parece ser ainda mais importante do que a honra, já que mesmo contrariado com a possível não virgindade de Eurídice, ele decide não devolver a esposa:

> "Antenor achou que não precisava devolver a mulher. Ela sabia desaparecer com os pedaços de cebola, lavava e passava muito bem, falava pouco e tinha um traseiro bonito. Além do mais, o incidente da noite de núpcias serviu para deixá-lo mais alto, fazendo com que precisasse baixar a cabeça ao se dirigir à esposa. Lá de baixo, Eurídice aceitava. Ela sempre achou que não valia muito. Ninguém vale muito quando diz ao moço do censo que no campo de profissão ele deve escrever as palavras 'do lar'" (BATALHA, 2016 p.11)

A autora nos mostra neste trecho de forma sutil o quanto o poder era importante para Antenor quando diz que o incidente da noite de núpcias serviu para deixá-lo "mais alto", ou seja, com mais poder sobre a mulher que era o ideal de uma esposa da época: desaparecia com os pedaços de cebola, lavava e passava muito bem e "falava pouco". É muito emblemático isso de Martha colocar que Antenor se sentiu "mais alto" porque nos dá a exata noção que esse homem se sente mais poderoso a partir do momento em que oprime a mulher. Mais que isso, ele se sente ainda mais poderoso porque tem uma informação (uma suposta não-virgindade na noite de núpcias) que faz com que ela seja uma mulher menos respeitada perante a sociedade. Antenor, ao saber disso, fica ciente que pode usar isso quando Eurídice toda vez que quiser fazer ela se sentir menor. Afinal, "lá de baixo, Eurídice aceitava" (p.11).

É também bastante interessante notar que Antenor mesmo sabendo do suposto passado da mulher, decide não se separar. Vale lembrar que estamos em 1940, onde casar virgem ainda era uma exigência. É que para Antenor, esse casamento era cômodo. Eurídice era uma mulher prendada, que cuidava bem da casa e que, acima de tudo, era subserviente. O que Antenor esperava de uma esposa era uma mulher que fizesse todas as suas vontades e que não ameaçasse sua supremacia. Ao escolher uma mulher frente a qual ele pode ficar "mais alto", essa supremacia parece estar ainda mais longe de ser ameaçada.

Tanto é assim que as questões dele com Eurídice começam justamente quando ela

resolve fazer algo para ela mesma, que não seja necessariamente cuidar da casa e das crianças. O primeiro conflito é quando cansada da rotina, ela resolve escrever um livro de receitas. Ela começa comprando um caderno e fazendo experimentos culinários que ela vai registrando, até que tenha o suficiente para chamar de livro e mostrar ao marido:

> "Alguns meses depois as letras inclinadas de Eurídice tinham preenchido todas as páginas do caderno negro, e ela achou que deveria mostrar o material ao marido. Programou um jantar especial, com um prato que Antenor gostava - medalhões de peru ao molho madeira. (...). Seu caderno de receitas era um livro pronto; ela queria publicá-lo, e quem sabe fazer outro em seguida. Eurídice poderia ter um programa culinário na rádio, podia assinar uma página no *Jornal Das Moças*! Poderia abrir um curso de forno e fogão para mocinhas recém-casadas. Seus olhos grandes ficaram maiores. Era possível, só precisava falar com Antenor. Sim, só precisava falar com o marido. Os olhos diminuíram" (BATALHA, 2016 p. 30-31)

Aqui percebemos que embora Eurídice estivesse animada com a possibilidade de ter algo além de ser dona de casa e cuidar dos filhos e das crianças, essa animação perde um pouco a força quando ela percebe que terá que pedir permissão ao marido. Na mesma noite ela chega até Antenor com as suas receitas e pergunta a ele se pode publicar. "Deu um arroto discreto e folheou o caderno de notas. Eurídice esperou imóvel, ouvindo o farfalhar das folhas. Até o marido gargalhar 'Deixe de besteira, mulher. Quem vai comprar um livro feito por uma dona de casa?" (p.32). Ao ver na mulher uma mínima possibilidade de autossuficiência, o primeiro impulso de Antenor é fazer com que Eurídice se sinta menor, se sinta incapaz. "Quem vai comprar o livro feito por uma dona de casa?", ele pergunta. E a esposa acredita. Acredita nele porque ele é um homem estudado, que trabalha no Banco do Brasil e que deve saber das coisas. Ao ver a esposa tentando ser algo a mais do que ele espera, seu ímpeto é reagir de maneira agressiva, minando o sonho antes mesmo que ele comece a florescer.

Naquele momento Eurídice se conforma com a situação porque pensa que Antenor é o que se pode chamar de "bom marido". O conceito de bom marido para Eurídice é interessante de notar porque traz em si várias características que parecem ser inalienáveis do homem, contra as quais ela não pode lutar, então aceita. Existem, porém, outras características ainda piores, quase comum a todos os homens, que Antenor não possui, então ela agradece:

> "Antenor não sumia na rua em orgias e em casa não levantava a mão. Ganhava bem, reclamava pouco e conversava com as crianças. Ele só não gostava de ser incomodado quando lia seu jornal, quando dormia até tarde e quando descansava depois do almoço, e desde que seus chinelos permanecessem em paralelo ao pé da cama, que seu café fosse servido quase fervendo, que não houvesse natas no leite, que as crianças não corressem pela casa, que as almofadas permanecessem na diagonal, que as janelas fossem fechadas nunca depois das quatro, que nenhum barulho fosse feito antes da sete, que o rádio nunca estivesse muito alto ou muito baixo, que nunca, de forma alguma, ele tivesse que

> repetir o mesmo prato em duas refeições, e que os banheiros cheirassem a eucalipto, ele não exigia demais" (BATALHA, 2016 p.33)

É muito claro no trecho que na relação entre Eurídice e Antenor era essencial que ela fizesse todas as vontades do marido e evitasse ao máximo desagradá-lo. É muito interessante o recurso que a autora usa na citação que escolhemos. Ela diz que Antenor "só" não gostava de... e aí começa uma lista imensa que enche linhas e linhas. É curioso notar que a lista de exigências do marido de Eurídice é imensa, inclui desde "não ser incomodado quando lia seu jornal" até preferir "que as almofadas permanecessem na diagonal", entre várias outras coisas. Depois de listar várias exigências de Antenor, o trecho termina dizendo que "ele não exigia demais". Aqui Batalha mais uma vez se utiliza da ironia e do humor para mostrar que Eurídice tinha que aguentar uma lista imensa de demandas impostas pelo marido que exigia sim demais. Mesmo assim ela aceita tudo isso porque pensa que ao menos ele "não sumia na rua em orgias" e "em casa não levantava a mão". Essas características comuns à masculinidade hegemônica como a infidelidade e a violência não estarem presentes em Antenor é um alento para Eurídice, mesmo que ainda assim ela se sinta oprimida e subjugada. O marido pode ser muitas coisas, mas ao menos ele não é ainda pior.

Também é interessante pontuar que o humor é uma marca de Martha Batalha em todo o texto, não só em *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* como também em *Nunca Houve um Castelo*. Martha tem um senso de humor muito crítico que ajuda a evidenciar de maneira leve algumas contradições dos personagens e algumas problemáticas da época que ela está retratando. Ao dizer que Antenor não pedia muito "só" uma lista interminável de coisas, ela deixa bem claro que a lista interminável de quereres era absurda. Essa talvez seja uma das grandes qualidades do texto de Martha Batalha: é um texto inteligente, que evidencia questões e problemáticas da época de maneira leve e crítica ao mesmo tempo.

Ao entender que não conseguiria escrever um livro de receitas, a personagem por algum tempo tenta aceitar a vida doméstica e o cuidado com a casa, o marido e os filhos, mas em pouco tempo isso parece pouco para ela, que tenta uma investida na vida de costureira. Com "uma das mais antigas técnicas de guerrilha feminina: o combate por repetição, aquele que leva os homens a dizer sim" (p.40), Eurídice consegue convencer Antenor a lhe comprar uma máquina de costura. No começo ela costura apenas para si, depois para as vizinhas até que "toda hora a campainha tocava e entrava alguém para experimentar um vestido. Das Dores passava o dia fazendo mais café que uma padaria com balcãozinho de pão na chapa" (p.45). Eurídice, entretanto, escondia seu novo afazer do marido. O ateliê de costura funcionava enquanto

Antenor trabalhava e era cuidadosamente desmontado assim que ele voltava para casa. Tudo funciona, até que um dia ele sente um mal súbito e fica de cama em casa por três dias. Nesse trecho do livro, Antenor tem um sonho bastante significativo:

> "Nas horas de delírio Antenor perdeu o bonde para o trabalho e o prazo para terminar o projeto. Perdeu a conta de luz e também as calças. Agora a casa estava às escuras e todos os vizinhos encaravam seu corpo exposto com olhos de tribunal. Os filhos ele não perdeu, mas os filhos perderam o juízo porque deixaram de fazer o dever e repetiram de ano. Eurídice, onde você está, Eurídice? Foi Eurídice que deixou tudo isso acontecer. Por que ela não me disse que o bonde já ia sair, que era pra terminar o projeto? Onde ela estava que não me falou pra pagar as contas e botar as calças? Por que ela não ficou ao lado dos nossos filhos até acabarem o dever? Agora eles vão cortar a luz e me exonerar do banco. Por causa daquela mulher todos na rua vão repetir em uníssono: *fracassado, fracassado, fracassado.* E por isso ele dizia baixinho: *vagabunda, vagabunda, vagabunda.*" (BATALHA, 2016, p.48)

Aqui acho que começamos a entender muito bem não só como Antenor irá reagir quando descobrir que sua mulher está costurando para as vizinhas, como também conseguimos notar um dos motores para a crise de masculinidade. Quando Antenor sonha com sua esposa deixando os afazeres do lar de lado, a consequência disso é uma vida menos organizada, em que ele não tem mais as rédeas da situação. Não ter as rédeas da situação, para ele, significa fracasso. Frente a uma mulher que não cuida da casa e das suas funções como deveria, ele se torna um homem fracassado. E é exatamente isso que acontece assim que ele descobre que sua casa virou um ateliê de costura. Ao levantar do quarto e descobrir por acaso várias mulheres e tirando modelos de vestidos na sua sala, ele se enfurece:

> "Só não jogou máquina Singer, neguinha e tauba pela janela porque estava preocupado com o que os outros iam dizer. E era também por estar preocupado com o que os outros iam dizer que não queria que sua mulher costurasse para fora. Iam achar que ele era homem de menos porque a mulher trabalhava demais" (BATALHA, 2016 p.52)

Tanto o sonho quanto a reação de Antenor ao ver a mulher trabalhando são muito reveladores porque mostram aqui uma crise com sua masculinidade a partir do momento em que uma mulher ocupa a posição que era supostamente do homem. Se ele não consegue mais prover o sustento da família e sua mulher tem que "ajudar" a sustentar a casa, ele automaticamente se sente "menos" homem. Antenor reforça essa ideia quando diz que "eu preciso de uma mulher dedicada ao lar. É sua responsabilidade me dar paz de espírito para eu trazer o salário pra casa" (p.53).

Ao mesmo tempo, podemos ver uma dualidade nos sentimentos do personagem quanto

à independência de sua esposa. Eurídice decide largar a costura e se dedica ao lar. Se torna uma mulher subserviente de novo, dedicada à casa e às crianças. É nesse momento que Antenor se questiona sobre isso ser mesmo o que ele sempre quis.

> "Sim, era tudo que ele sempre quis. Será? Não, não era. Ele não queria uma Eurídice assim. Vendo a mulher num contínuo estado de tanto faz Antenor entendeu que aquilo que achava que queria talvez não fosse aquilo que achava que queria. Mas então o que ele queria? Tentou encontrar a resposta numa noite de insônia. Mas insônias não combinavam com o expediente do banco, por isso deixou de se perguntar. Antenor não sabia o que queria, mas sabia que não queria saber. O que sabia é que pela primeira vez no casamento havia um problema maior do que o incidente da noite de núpcias." (BATALHA, 2016 p.76).

Antenor, no fundo, parece não se importar tanto assim com o novo trabalho da esposa. Entretanto, lhe parece completamente absurdo permitir que sua mulher divida ou ocupe um espaço que é dele, já que isso o tornaria "menos homem". A crise aqui parece vir de uma mão dupla: não conseguir lidar com o trabalho da esposa por não querer se sentir menos homem, e não conseguir admitir que talvez isso não importe tanto para não ser visto pelos outros como "menos homem".

Quando falamos em crise de masculinidades no romance de Martha Batalha, é também importante que abordemos o tópico das masculinidades não-hegemônicas. Homens que não encontram seu lugar dentro de um relacionamento, ou da sociedade por não atenderem ao padrão vigente de masculinidades. Aqui podemos usar como exemplo dois personagens: Marcos e Antônio. Comecemos por Marcos.

Eurídice tem uma irmã chamada Guida, que se encanta por um homem chamado Marcos, um rapaz de família rica onde "Há três séculos os integrantes daquela família se casavam entre si. Só assim para manter o conjunto de louça inglesa, o jogo de talheres de prata, e de ter, sobre essa louça e esses talheres uma fartura de banquetes" (Batalha, p.87). Podemos notar desde o começo do relacionamento entre os dois, o que Guida esperava de um homem, era um homem com iniciativa. "Cabe à mulher o dever de estarrecer o homem com sua beleza, e cabe ao homem a tarefa de lutar por essa mulher depois de voltar a se mexer, passado os primeiros segundos de imobilidade causada pela beleza estarrecedora d'A Escolhida. Marcos cumpriu seu papel" (p.86).

Guida e Marcos se apaixonam, e o que vemos durante a descrição do personagem é que ele parece ser um homem um pouco mais sensível do que Antenor, por exemplo:

> "A única coisa que Marcos queria era alguém para conversar. Alguém que escutasse

> tudo aquilo que ele não conseguiu dizer durante suas duas décadas de vida. Alguém que continuasse sua educação sentimental, interrompida de forma abrupta quando saiu dos braços de sua tão querida ama para os bancos do colégio de São Bento, onde aprendeu que para ser homem com agá maiúsculo não podia chorar com saudades da ama (*Não há mais abraços! Não há mais beijinhos!)* ou sofrer pelos gatos que tinham seus rabos cortados por meninos que um dia seriam os representantes de nosso país" (BATALHA, 2016, p.90).

É aos poucos que Guida percebe que Marcos não é um homem da mesma classe social que ela, e entende que ele é de família abastada pois já viajou para Paris, já conheceu Lisboa etc. Entretanto, é no jantar em que ela conhece os pais do namorado que ela entende que ele vive em uma outra realidade, de pessoas que simplesmente não ligam para muitas coisas para além da classe social de quem se relacionam. É quando Guida decide "eu vou tirar você deste lugar" (p.96). Aqui já é interessante notar que quem tem a iniciativa de tirar Marcos de perto de sua família é a namorada, e não ele mesmo. Eles fogem quando ele está concluindo a faculdade de medicina, e os dois vivem muito bem nos primeiros meses, até Guida se dar conta que o marido não é exatamente o que se pode chamar de provedor. Apesar de formado em medicina, ele não era bom médico e em pouco tempo "O consultório que antes continha pessoas em pé na sala de espera, recebia agora só um ou outro paciente por dia. E isso nos dias bons" (p.98). Marcos se dá conta de que o dinheiro comprou seu diploma e, depois de errar um procedimento, a fama de mau médico destrói por completo a sua carreira. Sem dinheiro, ele decide deixar a esposa e voltar para a casa dos pais:

> "A imagem de Guida na cama não foi suficiente para livrar Marcos do pesadelo. O dinheiro comprava felicidade sim, porque felicidade era um quarto sem mosquitos, mesmo que esse quarto ficasse em um palacete macabro em Botafogo. Marcos levantou-se, vestiu a roupa que estava sobre a cadeira e saiu em seguida, deixando um recado para a mulher na mesinha do lado da porta. O recado era a aliança de casamento" (BATALHA, 2016 p.103)

Marcos volta à casa dos pais sem dar maiores satisfações, e Guida acredita que ele vá voltar em algum momento. Não acontece. No ínterim ela descobre estar grávida de um filho dele e vai procurá-lo no consultório médico, onde não o acha mais. Ela tenta voltar à casa dos pais, mas é expulsa por seu pai que não a reconhece mais como filha. Decide então ter o filho sozinha, passando por muitas dificuldades, até que um dia aparece na casa de sua irmã Eurídice e conta tudo o que aconteceu, desabafando que o ex-marido era "um maricas":

> "Pois no começo do casamento Marcos me perguntou pra que é que servia coador. Ele nunca tinha visto um coador, Eurídice! Disse que era pra tirar nata do leite, e ele disse que o leite na casa dele já vinha coado da cozinha. Pode isso, Eurídice, um homem não saber o que é um coador? Marcos nunca tinha cortado uma laranja. Botei umas na mesa depois do almoço e ele cortou a fruta assim pelos lados, nem dava pra comer de

> barquinho. E só conseguia dormir com uma fronha cobrindo os olhos. Disse que não se acostumava com o sol da manhã batendo perto da cama, porque o quarto de Botafogo tinha cortinas de veludo que taparam até o sol de meio-dia. Um maricas, Eurídice, um maricas!" (BATALHA, 2016 p. 127)

A crise de masculinidade que enxergamos em Marcos é diferente da crise que enxergamos em Antenor. Se o marido de Eurídice se ressente dela estar tomando para si algumas poucas responsabilidades pois isso faria dele "menos homem", Marcos parece ter uma questão com assumir responsabilidades. Ele não consegue se formar sem a ajuda dos pais, não consegue manter um consultório médico porque seu diploma foi comprado e ele não tem brios o suficiente para superar as dificuldades nessas questões todas sem voltar logo para o lugar confortável que é a casa da sua mãe. Veja que quando a autora vai falar de Marcos, ela também o coloca como um homem sensível, que se ressente por não poder chorar assim que vai para o colégio. Guida, que é uma mulher forte o suficiente para tirar o namorado da casa dos pais e para tomar a decisão de criar seu filho sozinha, ao olhar para Marcos só consegue enxergá-lo como um homem "maricas".

É interessante notar tanto o dilema de Marcos, que tão não consegue lidar com as dificuldades da vida que o único modo que encontra é voltar para a casa da mãe, como a insatisfação de Guida que não consegue enxergar no marido o homem forte e com iniciativa com o qual sonhava quando o conheceu. Um homem que performa sua masculinidade de maneira não-hegemônica parece sofrer não só com sua crise interna, como também com o julgamento de quem se relaciona com eles. Guida não sabe lidar com a fraqueza de Marcos e conclui que ele só pode ser "maricas". É curiosa a escolha pela palavra "maricas" porque mostra que em oposição a virilidade existe a falta de virilidade que é representada aqui por uma palavra que faz alusão à homossexualidade. Para Guida, se Marcos não era um homem que podia sustentar uma casa, ou tomar suas próprias decisões com convicção ele era fraco e, portanto, maricas.

Algo mais ou menos nessa mesma linha acontece com Antônio, um outro homem com quem Guida se relaciona depois de ser abandonada por Marcos e voltar para encontrar a irmã. Antônio, apesar de tomar a iniciativa para o romance, se mostra como um homem tímido e que acaba ganhando a simpatia de Guida justamente por isso:

> Os primeiros bom-dias de seu Antônio para Guida vieram entre gaguejos, acompanhados de uma indisfarçável coceira no pescoço. Guida achou aquilo muito bonitinho. Sentia-se protegida perto da irmã, e por que não aceitar as boas intenções desse senhor de bigodinho e camisa abotoada até a gola, que só se referia a ela como "sra.Guida" tendo nessas palavras muito mais respeito do que todos os outros "sra.

> Guida" que tinha ouvido até então? Aceitar a corte do seu Antônio era como sair por aí com um radinho de pilha grudado na Rádio Nacional. Ele fazia poesia com as frases, e tudo o que dizia parecia sair da boca de algum compositor" (BATALHA, 2009 p.135)

A questão de Antônio é um pouco diferente da de Marcos, embora ambas as crises dos personagens com suas masculinidades sigam a mesma linha. Enquanto Marcos não se fez um homem forte o suficiente para conseguir viver longe dos olhos da família, Antônio tem uma mãe que o impede de ter um casamento. Quando Guida diz que ela tem muito apreço por ele, mas tem um filho do qual não se separa nunca, ele responde dizendo que tem uma mãe, e dela não se separa nunca. "E Guida, que estava com o corpo inclinado para frente, voltou a se recostar na cadeira" (p.136). O que entendemos quando a autora diz que Guida se recostou na cadeira é que ela deu um passo para trás assim que entendeu que o homem por quem ela estava apaixonada, era extremamente ligado à própria mãe. "Apenas duas das cento e oitenta e nove mulheres que foram à papelaria de seu Antônio em busca de algo além de mata-borrões conseguiram desbancar os agouros de d. Eulália" (p.146). Apesar da dominação da mãe de Antônio, Guida resolve lutar pelo amor do dono da papelaria e consegue fazer ele ceder e pedi-la em casamento. O marido de Guida, entretanto, só se livra mesmo dos desmandos da mãe depois de sua morte:

> "Foram sinceras as lágrimas de Guida no enterro da sogra. Ela chorava por Antônio, que soluçava de dor, e que podia ser considerado o único órfão do mundo com problemas de coronária e pelos na orelha. O luto no apartamento do casal durou uma semana. No sábado à noite, Guida deu um dinheiro para Chico ir ao cinema e colocou "Besame mucho" na vitrola. Aquela foi a noite em que Antônio deixou de ser órfão" (BATALHA, 2016 p,176)

Aqui temos um outro exemplo de um homem que performa uma masculinidade não-hegemônica. Antônio não tem forças para se livrar do poder da sua mãe, tanto é que por isso permanece solteiro e, mesmo quando é convencido a casar com Guida, deixa bem claro que ela irá morar com os dois. O que muda é que agora Guida, mais madura, consegue lidar com esse homem que não é exatamente um exemplo de virilidade. Ela inclusive se encanta com o fato dele ser um homem romântico e até tímido. Não que Guida não gostasse dessas características em Marcos. Pelo contrário. É também o fato de ser bem tratada que faz com que ela queira ficar com ela. O que causa estranheza na personagem é o fato de Marcos não conseguir assumir a própria vida e não ser um provedor. Ele prefere a comodidade, a casa da mãe, o conforto. Guida se casa com Antônio já quase nos anos 1960, o que pode também demonstrar uma leve mudança da sociedade, mas não só. A irmã de Eurídice parece estar cansada de homens que usavam da força e do poder para conseguir algo dela, como foi o caso de João, o farmacêutico que exigia

relações sexuais em troca de remédios.

Quando Guida opta por cuidar de seu filho sozinha, ela monta uma espécie de creche com Filomena, uma senhora do bairro que a ajuda a cuidar das crianças da vizinhança. Acontece que Filomena adoece, e elas não podem mais cuidar das crianças, mas precisam de dinheiro para os remédios. É quando Guida tem que dar seu corpo em troca das doses de morfina que a amiga precisa. "A quarta dose custou Guida deitada sobre o tapete dos fundos da farmácia, com seu João resfolegando por cima. A quinta dose custou o mesmo, e a sexta dose não foi necessária. Filomena partiu entre devaneios de morfina, do jeito que Guida queria" (p.120)

Assim que Filomena finalmente falece, João não aceita muito bem o fim da aventura entre os dois e segue insistindo. '"Se o senhor insistir novamente eu vou até a polícia falar com o delegado.' 'Pois vá! O delegado vai rir na sua cara, é isso que vai acontecer' e para reforçar o ponto, seu João ria ali mesmo, na cara de Guida." (p.121). Ela não lida nada bem as investidas de João e reforçava que era "Guida Gusmão, a mulher que só dormia com quem queria, quando queria" (p.121). Esse momento complicado da história da irmã de Eurídice, de ter que ceder às vontades de um homem em troca de remédios, parece a ter deixado ainda mais avessa a homens que fazem questão de demonstrar a virilidade através da violência. Antônio se apresenta como o oposto do João da farmácia, um homem que não só a respeita, como a corteja como um poeta.

Aqui vemos que a fragilidade de Antônio o atrapalha na vida pessoal, já que ele se sente incapaz de se relacionar com uma mulher por causa do poder que a mãe tem sobre ele. O que é um defeito para um homem, uma suposta fraqueza, acaba sendo justamente o que faz com que Guida se apaixone por ele. Antônio, ao se mostrar sensível, se mostra o oposto da violência. A nova Guida já não se incomoda tanto em ter que tomar as rédeas em um casamento pois já é a dona de sua vida pela força das circunstâncias.

Para entendermos melhor o panorama que levou Guida e Eurídice a se relacionarem com homens tão diferentes entre si, talvez seja interessante também que falemos brevemente do pai das duas mulheres: Manuel. Português e dono de uma pequena venda, Manuel é um homem bastante tradicional que cria as filhas dentro dos moldes da época. Quando consegue um pouco mais de dinheiro, ele se dá ao luxo de oferecer às meninas atividades para depois da escola. Guida escolhe francês, mas larga logo, enquanto Eurídice opta pelas aulas de flauta doce com as quais se dá muito bem. Tão bem que seu professor a convida para ser flautista no conservatório. Essa passagem é importante porque talvez seja o primeiro momento em que Eurídice percebe que nem tudo é permitido a uma mulher. Os pais proíbem Eurídice de ir para o conservatório porque "para os pais de Eurídice, a flauta jamais seria um fim. A flauta era

apenas um meio. Um meio de aumentar as prendas da filha para que fizesse um bom casamento" (Batalha, p.61).

A partir dessa passagem a autora inaugura uma categoria para delimitar os momentos em que Eurídice quer ir além do que os homens de sua vida deixam, mas não consegue. Batalha chama de "A Parte de Eurídice Que Não Queria Que Eurídice Fosse Eurídice" (p.61). Essa parte de Eurídice é a que mesmo querendo muito se tornar flautista no conservatório, prefere acatar as ordens dos pais. É a que mesmo querendo escrever livros de receitas ou ser costureira, prefere acatar as ordens do marido. As passagens que mostram Eurídice em relação ao pai principalmente nos dão os mecanismos para entender que ela era uma mulher inquieta desde criança. A negativa para ir ao conservatório faz com que a personagem fique muito indignada:

> "Quando tocava podia acertar todas as notas, podia fazer a melodia perfeita. E por que a vida não podia ser também assim? Por que não podia fazer o que queria, por que não podia dizer tudo que pensava, por que não podia tocar até exaurir seus dedos e cansar seus lábios, até não ter que pensar em nada?" (BATALHA, p.62)

Eurídice eventualmente desiste da ideia do conservatório não só pela negativa dos pais, que não cedem em nenhuma hipótese já que acreditam que seu destino deva ser arrumar um marido e casar, mas também porque ela se apaixona pela primeira vez por um cliente da venda.

A grande virada na história de Eurídice, entretanto, vem quando Guida foge com Marcos. Os pais ficam inconsoláveis e ela então toma a decisão de nunca mais magoá-los:

> "Ver seus pais tão vulneráveis fez Eurídice querer protegê-los. Achou que tinha que dar alegria dobrada aos dois. Prometeu que nunca mais iria brigar com eles, como fez durante os dias rebeldes de flauta. Nunca, nunquinha ia se exilar da família, como Guida. Nunca, nunquinha ia fazer algo que lhes trouxesse desgosto. Ela ia ser a melhor filha de todas, a menina exemplar, mesmo que essa menina exemplar estivesse em profunda sintonia com a A Parte de Eurídice Que Não Queria Que Eurídice Fosse Eurídice" (BATALHA, p.72)

O desgosto do pai de Eurídice com a fuga da irmã faz com que ela se sinta quase que obrigada a matar seus instintos de ser uma mulher mais rebelde e independente e faz com que ela aceite o destino de arrumar um homem para casar e ser uma boa esposa. Isso, de certa forma, explica a relação de Eurídice com Antenor. Uma relação que fica o tempo todo em uma linha tênue na qual Eurídice tenta o tempo todo ser a mulher submissa que não nasceu para ser. Embora discretamente, Eurídice está sempre desafiando Antenor simplesmente porque não parece ser de sua natureza ser subserviente.

A relação de Guida com o pai também explica os rumos da personagem na história já que depois de fugir e ser abandonada por Marcos, ela descobre que está grávida e tenta procurar os pais. Ao chegar na quitanda e encontrar seu Manuel ela o chama de pai e é recebida com

desprezo:" 'Sou eu, pai. Sua filha Guida'. Seu Manuel levantou a cabeça, e só deixou de cerrar os dentes para pôr fim à situação. 'Só tenho uma filha. Ela se chama Eurídice'" (Batalha, p.106). É a partir da negativa do pai, que não consegue aceitar ter uma filha que fugiu e engravidou que Guida tem que começar a se virar e se cuidar sozinha, e sua vida vai tomando os rumos que toma até culminar no relacionamento com Antônio.

É interessante pontuar também, que no fim do livro, seu Manuel fica doente e precisa dos cuidados das filhas. Ele vai morar com Guida. "Manuel quem ditava as regras, agora eram as filhas quem lhe davam ordens. E as duas decidiram (entre devaneios, na sua opinião) que dali por diante Guida cuidaria do pai" (p. 180). A volta do pai para casa acende em Guida um olhar mais amoroso para aquele homem que a expulsou de casa:

> "Olhava o velho na cama e via o responsável por tantos anos de sofrimento, por lhe negar a volta quando tinha Chico a caminho. Mas o velho na cama também era aquele que lhe fazia barquinhos de jornal nos dias de muita chuva para soltarem juntos nas corredeiras que se formavam nas ruas de Santa Teresa. Era ele quem fazia os curativos impecáveis nos joelhos quando ela se ralava. E era ele, principalmente, quem lhe ensinou o que era um coração, explicando o som que ouvia em seu peito, quando recostava ali para dormir" (BATALHA, p.181)

Esse trecho que fala da relação entre Manuel e Guida também deixa muito claro que há ali uma crise entre o que o homem deve ser e o que ele quer ser. Manuel nas lembranças de Guida é um pai amoroso, que fazia tudo pela família e pelas filhas. Ao mesmo tempo, por ter sido ensinado que uma filha grávida fora do casamento é uma desonra, sua única escolha parece ser expulsar a filha que tanto ama. O pai de Guida e Eurídice, assim como os outros homens da história, também parece sofrer com essa dissonância entre aquilo que sentem e o modo como são ensinados a agir. E esse modo como Manuel age acaba moldando não só a vida de Eurídice e Guida, mas também a relação entre elas e seus maridos e quem elas são no mundo. Ou seja, a crise masculina do pai que não sabe agir de outra forma impacta de modo muito importante a vida de duas mulheres.

Quando falamos em crise de masculinidades no romance de Martha Batalha, encontramos muitos pontos de contato com o romance de Ondina Ferreira, que analisamos anteriormente. Em ambos os romances, temos uma figura masculina que se sente ameaçada e até um pouco perdida ao entrar em contato com mulheres que buscam autonomia. Dr. Campos não sabe lidar com Leila, assim como Antenor tem dificuldades grandes em aceitar uma esposa que trabalhe. Do mesmo modo, as autoras trazem personagens que são exemplos de masculinidades não hegemônicas e que sofrem com isso. Ciro, em *Vento de Esperança*, não é um homem que tenha forças para largar a esposa que já não ama e cede às suas chantagens. Do

mesmo modo, Antônio em *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* não consegue arrumar uma esposa porque não tem força para se livrar das ordens da mãe. Algo parecido acontece com Marcos, que não consegue ser o provedor que a esposa espera e volta para o conforto da riqueza da família. O que percebemos aqui é que, segundo as obras, há sim um indício de crise masculina em meados do sec. XX. Crises que são inclusive muito parecidas nas obras das duas autoras, mesmo que no caso de Martha, estejamos falando de uma autora contemporânea. No próximo capítulo nos aprofundaremos um pouco mais sobre as evidências de crise de masculinidades nos romances.

3.3 Crise? Evidências De Uma Suposta Crise De Masculinidade Nos Anos 1940 A Partir Das Obras

Analisar os romances com mais profundidade nos deixa com uma visão mais clara sobre as evidências de uma suposta crise de masculinidade nos anos 1940, o que a partir da análise já não nos parece apenas uma possibilidade, e se torna algo bastante claro. Comecemos por *Vento de Esperança,* o romance escrito por Ondina Ferreira em 1947. Nele podemos notar dois tipos de crises bastante evidentes. O primeiro é do chefe de Leila, a protagonista do romance, ao não saber lidar com uma mulher que ao mesmo tempo que é relativamente emancipada (trabalha fora, não é casada, mora sozinha em uma pensão), não cede fácil à suas investidas e protege sua pureza o quanto pode, pois não quer se prejudicar a troco de um romance que pode não lhe trazer nenhuma vantagem significativa. A outra é a crise de Ciro, um homem que desde que aparece no romance é mostrado como um homem mais sensível, capaz de manter uma amizade com uma mulher sem fazer investidas muito substanciais e que não tem a força necessária para largar a sua esposa, por quem não é mais apaixonado. O que conseguimos enxergar é que uma das crises, a do Dr. Campos, é motivada pela perda de espaço e poder que ele percebe ao se relacionar com uma mulher que está, aos poucos, se tornando menos subserviente. A outra, a de Ciro, vem de um homem que não consegue muito bem se encaixar dentro de um padrão de masculinidade e não só não é aceito (Leila o acha um homem fraco, por exemplo) como também sofre por isso.

Em *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão,* as evidências de crise que notamos são muito próximas das do romance de Ondina. Temos também dois tipos. A primeira crise se nota em Antenor, um homem que é casado com Eurídice, mulher que sempre teve vontade de trabalhar e ser algo além de dona de casa. Ao ser confrontado com as vontades de independência da mulher, Antenor não consegue lidar com a situação por achar que uma mulher forte do seu lado

imediatamente o faz fraco. Por outro lado, temos Marcos e Antônio, os dois homens que se envolvem com Guida e demonstram masculinidades não-hegemônicas. Marcos é descrito como um homem sensível, que descobre ainda criança que chorar não é coisa de um "homem de verdade". Quando se envolve com Guida, é ela que toma as iniciativas por ele. No casamento ele não consegue ser um provedor e acaba por ceder a sua incapacidade e voltar para a casa da família. Aqui vemos que tanto sofre Marcos, que por não se encaixar não consegue ficar junto da mulher que ama, como vemos Guida enxergando o marido como um "maricas". É muito emblemático Guida usar a expressão "maricas" para se referir a Marcos porque isso mostra uma dupla intenção. Tanto é verdade que ela enxergava o homem como um homem fraco, fora dos padrões que ela esperava; como também mostra a frustração de enxergar o homem pelo qual ela largou a própria família como alguém simplesmente incapaz de cumprir as funções de provedor. Marcos não toma as rédeas da própria vida e essa é a causa de quase todas as questões com as quais Guida tem que lidar depois que ele a deixa.

Já Antônio também é descrito como um homem mais sensível, que recita poemas e fala com gentileza. Parece ser o oposto de Antenor e também está às voltas com uma espécie de fraqueza: é tão ligado à mãe que não consegue casar por causa disso. Antônio parece sofrer com sua falta de iniciativa, tanto é que em determinado momento da história quase se conforma que não encontrará amor algum e viverá para cuidar da mãe. Tanto Marcos quanto Antônio representam tipos de masculinidade não hegemônicas, enquanto Antenor representa uma masculinidade padrão, e um tipo de homem que parece se sentir ameaçado e perdido ao se deparar com mulheres que não vivem apenas para casa e para a família e que não querem mais se apresentar tão subservientes.

A análise dos romances nos trouxe evidências de crises de masculinidade, e é preciso dizer que são evidências inclusive bastante contundentes. Parece notável que os homens representados na história sofrem com questões relativas à própria masculinidade, seja ao notar a emancipação feminina e uma discreta perda de poder, seja ao perceber neles mesmos um tipo de masculinidade que foge ao padrão. No caso de Dr. Campos e de Antenor parece que o motor da crise vem dessa ideia de não saber muito bem qual é o papel do homem frente a uma mulher que já não atende o ideal antigo do que era ser uma mulher. Miriam Goldemberg (2000) explica um pouco sobre isso:

> "Depois das conquistas do feminismo e da revolução dos costumes, os 'desencaixes' (Giddens, 1991) promovidos pelo fim das distinções tão claras de papéis entre os sexos (no trabalho, na família e na vida social em geral) levaram as mulheres e, meio que reativamente, os homens - que durante séculos tiveram um papel inquestionável, sabendo exatamente como comportar-se, em especial frente às mulheres - a (re)

> pensarem sua condição" (GOLDEMBERG, p.559)

Antenor não consegue enxergar a vontade de trabalhar da mulher como algo que vai ajudar a casa, ou trazer qualquer tipo de regalia a ele. Pelo contrário, ao perceber que Eurídice quer fazer algo além de cuidar da casa e das crianças, ele repete como um mantra "eu saio para trabalhar, você cuida das crianças" (Batalha, p.53). Já no caso de Dr. Campos, o que lhe fere é que Leila, ao se mostrar uma mulher mais independente, tira dele a regalia de conseguir conquistá-la e fazê-la ceder. Ela tem vontade própria, e só cede àquele romance se quiser, e se achar que aquilo pode lhe trazer mais vantagens do que sofrimentos. Aqui, a independência que poderia aparecer como uma vantagem para o chefe de Leila, pois faria dela uma mulher mais livre e "sem preconceitos" (coisa que ele gosta de frisar com frequência ao longo do romance), acaba sendo o impedimento para o caso deles, o que o deixa nervoso a ponto de só aceitar as negativas da moça após ela assumir um romance falso com seu amigo Ciro.

É preciso também lembrar que homens como Antenor e Dr. Campos, estão dentro de um padrão de masculinidade hegemônico, ou seja: são fortes, viris, não aceitam negativas de suas mulheres e não lidam bem com a mínima perda de poder. A masculinidade hegemônica, esse modo de ser homem que consiste em ser forte e viril oprime as mulheres. "A masculinidade hegemônica foi entendida como um padrão de práticas (coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse." (Connel & Messerschmidt, 2013 p. 245). E é de fato o que percebemos em ambos os romances: Eurídice não consegue trabalhar como quer porque o marido a impede. Do mesmo modo, Leila muitas vezes se sente quase impelida a ceder aos encantos de Dr. Campos porque sua insistência e a posição de poder que ele ocupa quase não permite negativas.

Já quanto a Ciro, Marcos e Antônio é preciso recorrer ao conceito de masculinidade não-hegemônica para entender o que pode ser motor da crise:

> "Connell avançou a ideia de uma 'masculinidade hegemônica' para descrever a 'configuração das práticas de gênero que encarna a resposta comumente aceita para a questão de legitimidade do patriarcado, e que garante [se acha isso] a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres. Uma determinada forma de masculinidade pode se tornar 'hegemônica' quando existe uma 'correspondência entre os ideais culturais e o poder institucional' (CONNELL in COURTINE, p.158)

O que entendemos aqui é que existe uma forma de masculinidade que pode se tornar "hegemônica" quando existe uma correspondência entre ideais culturais e poder institucional. Ou seja, se estamos falando de uma época pré-revolução feminista em que as mulheres estavam

experimentando apenas uma discreta autonomia, podemos dizer que o poder era ainda mais masculino e que se esperava dos homens eram homens que conseguissem exercer esse poder e essa força não só frente à sociedade, mas também em relação às suas esposas e pares amorosos. Ciro, Antônio e Marcos não seguem esse padrão.

Ciro não consegue, por exemplo, ser firme com a sua mulher e cede às chantagens e às suas vontades. Ele quer passar a impressão de ser quase oprimido por sua mulher, o que faz com que Leila chegue inclusive à conclusão de que "também existem homens fracos" (Ferreira, p.237). Marcos é um homem que não consegue ser o provedor, ele não detém em si essa força de conseguir trabalhar fazendo o que seja para sustentar a família. Guida mais de uma vez o chama de "Marcos maricas" ao decorrer do romance. Essa ideia de colocar o homem que não cabe dentro de um padrão hegemônico como "maricas", vem ao encontro do que nos fala Kimmel:

> "desde a virada do século até hoje em dia, são as mulheres e os homens gays que têm servido como as visões clássicas da identidade de gênero subalterna. As mulheres e os homens gays são os outros clássicos, o pano de fundo contra o qual os homens brancos heterossexuais projetam as suas ansiedades de gênero e é sobre a emasculação destes que os self-made men constroem definições hegemônicas." (KIMMEL: 1998, 116).

O homossexual parece ser, dentro desse contexto, o oposto do homem padrão, viril. Não é à toa que ao enxergar Marcos como um homem fraco, que não consegue cumprir as suas obrigações enquanto "homem de verdade", Gilda o apelida de "Marcos maricas". Falamos aqui de masculinidades não-hegemônicas, porque esse parece ser o local onde se encontram as masculinidades destes três personagens e as razões das crises que enxergamos neles. Cecchetto (2004) fala um pouco sobre essa questão:

> "Neste sentido, emerge no contexto dos men's studies a noção de masculinidade hegemônica como alternativa para se examinarem as relações de poder entre os sexos. A masculinidade hegemônica é definida como um modelo central, o que implica considerar outros estilos como inadequados ou inferiores. Isso abre caminho para uma abordagem mais dinâmica da masculinidade: a divisão crucial entre uma masculinidade hegemônica e várias subordinadas que lhe servem de contraponto e antiparadigma." (CECCHETTO: 2004, 63).

Quando olhamos para Ciro, Marcos e Antônio, percebemos que eles estão fora deste modelo central. Tanto é que muitas vezes esses homens nem conseguem oprimir mulher alguma, e não reagem à força delas. Antônio, por exemplo, parece estar o tempo todo oprimido pelas vontades da própria mãe, que o impede inclusive de manter uma relação amorosa e, depois de casado, de viver com a sua esposa sem levá-la com ele. Todos esses homens experimentam crises em menor e maior grau, seja por não conseguirem se desvencilhar de suas parceiras ou mães para viver com mulheres que realmente amam; sejam por não conseguirem tomar as

rédeas da própria vida e com isso perderem grandes oportunidades, seja por serem vistos como homens fracos por quem os olha.

Percebemos ao analisar os personagens do romance que existem fortes evidências de crise, sejam elas causadas por medo de perder um lugar de poder e hegemonia, ou pelo fato de não conseguir se adaptar dentro de um padrão hegemônico de masculinidade. Se essas são mesmo as razões dessas crises que enxergamos, não podemos afirmar com certeza. O que vemos aqui são evidências e com essas evidências formulamos hipóteses. Não é possível também afirmar que essa crise que enxergamos nos anos 1940 começou ali e ali se encerrou. É preciso também trabalhar com a possibilidade de estarmos lidando com uma crise endêmica, que é inerente ao sexo masculino, como nos fala Courtine:

> "A virilidade está sempre, necessariamente, em estado de crise, e ela está em crise cada vez que a realidade da história vem contradizer esse ideal de potência ao negar a impotência, cada vez que que a história real contém fatores de desestabilização da potência masculina que a virilidade supõe existirem em permanência. Portanto, a crise é endêmica e assim permanecerá." (COURTINE, p. 568-569).

O que fizemos aqui é apenas um recorte de um determinado espaço de tempo em que enxergamos que existem sim, evidências de uma crise que parece se mostrar bastante real. Quando analisamos os personagens dos dois romances, percebemos homens que não parecem mais tão confortáveis e seguros dos lugares que ocupam, seja porque estão lidando com mudanças na sociedade, seja porque eles mesmos não se encaixam dentro de um padrão estabelecido. A análise do texto literário se mostra muito rica nesse sentido. São vários os momentos nos dois romances em que notamos várias evidências de crise, que durante essa análise mais minuciosa, parece mais real do que suposta.

É importante pontuar que quando falamos de crise também no romance de Martha Batalha, em nenhum momento queremos colocar esses homens como vítimas, ou como oprimidos em uma sociedade em que eles ainda detêm poder. Mesmo Marcos e Antônio, que lidam com algum nível de sofrimento por serem considerados homens "fracos" ainda sofrem muito menos que Guida, por exemplo. O que queremos dizer ao apontar que existe uma crise visível, é que vamos homens que não se encaixam em um padrão e sofrem consequências por isso, e vemos homens que se mostram confusos com mulheres buscando independência. No caso de Antenor, o incômodo é tão grande que ele age oprimindo ainda mais a mulher mesmo que essa não pareça ser a vontade real dele. Enxergar uma crise não significa necessariamente apontar que os personagens do romance estão cientes dessa crise e nem sequer que sofrem de maneira equivalente às mulheres com elas. Pelo contrário, o estranhamento desses homens com

o novo papel na sociedade parece fazer com que a reação seja oprimir ainda mais as mulheres a sua volta.

Vale lembrar também que estamos aqui falando de duas autoras mulheres que enxergam os homens através de suas perspectivas como mulheres e que representam esses homens em relação às mulheres das suas vidas, o que faz com que o panorama geral nos pareça ainda mais rico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Uma das partes mais importantes dessa pesquisa e o que fez com que saísse de uma hipótese para se tornar uma realidade foi a possibilidade de fazer um comparativo entre duas autoras mulheres de diferentes épocas e suas visões quanto aos homens e as masculinidades. A ideia de não partir de histórias contadas por um homem é tentar fugir um pouco desse padrão em que a história parece ser sempre vista de uma perspectiva do masculino. Como nos fala Costa (2002):

> Parece-me que as histórias têm sido contadas sob uma perspectiva masculina, por uma parte dos homens. Assim, os estudos sobre masculinidades poderiam ser vistos também como uma forma de mostrar outras perspectivas masculinas e de dar voz aos outros homens que, devido à sua raça, classe, orientação sexual, nunca puderam contar suas histórias." (COSTA: 2002,p. 220).

O olhar feminino sobre o masculino nos dá um panorama muito mais abrangente não só da crise, que é o que buscamos estudar, mas também do que é ser homem e do que é ser mulher. Enxergar o homem a partir de suas relações e de uma perspectiva feminina parece muito mais rico do que enxergar o homem somente, através de personagens que tivessem sido construídos por homens e que fossem centrais em um romance. Aqui analisamos tipos masculinos que são retratados a partir de suas relações com as personagens femininas e isso nos parece também um modo de dar voz a outros modos de ser homem e a outros modos de enxergar o homem, o que também é muito importante.

Em primeiro lugar é relevante lembrar que partimos de duas autoras com contextos bem distintos. Como já mencionado ao longo dessa dissertação, Ondina Ferreira é uma autora que viveu nos anos 1940 e foi pouco reconhecida, enquanto Martha Batalha é uma autora contemporânea que já teve sua obra adaptada para o cinema e concorreu e ganhou prêmios importantes no meio literário como o Prêmio Jabuti, Prêmio Oceanos, entre outros. O que nos interessou nessa escolha é entender se havia diferenças no modo de enxergar e retratar os tipos masculinos já que estamos falando de uma visão da época em contraponto a uma visão contemporânea.

O que percebemos é que o romance de Ondina, muito embora tenha sido escrito em uma época em que a mulher tinha pouquíssima voz e em um contexto completamente diferente de sociedade, ainda assim não se trata de um romance sem visão crítica. Em primeiro lugar, só da autora retratar como personagem principal uma mulher que trabalha fora, deixa a sua cidade de

interior para morar sozinha e que não tem como sonho principal casar-se, já parece algo bastante ousado para os anos 1940. Além disso, a relação de Leila com os homens do romance não é algo tradicional. Ela constantemente os confronta, questiona posições e não cede tão fácil. Muito embora a protagonista ainda tenha em si alguns conceitos que são reflexos da sociedade e do momento em que vive, é bastante notório que Ondina nos traz um material rico justamente por já ter uma visão crítica da época em que vive. A autora aborda assuntos que ainda eram considerados tabus, como por exemplo o sexo antes do casamento:

> "Não é com você que estou irritada: é com a vida. Veja: uma moça não tem o direito de falar em sexo; não pode saber o que é sexo. Entretanto, está sujeita aos mesmos impulsos que levam os rapazes à casa das meretrizes...Mas ela tem que ficar esperando um marido. E quando o marido não vem? Tem que conter-se, tem que abafar a voz da natureza. Alguém tira proveito desse recalque? Não é estúpido tudo isso?" (FERREIRA, 1942 p.88)

É essa visão um pouco a frente tanto de Ondina, quanto da personagem principal do romance, Leila, que acaba por deixar clara a crise de masculinidade que enxergamos em Dr. Campos, o chefe que tenta a todo custo ter um romance com a personagem. Leila é uma mulher que traz consigo vários conceitos e valores da época. Ela, por exemplo, não quer ter relações sexuais antes do casamento. Por outro lado, a personagem lê muito e tem coragem não só de deixar sua pequena cidade em busca de uma vida melhor em São Paulo, como evitar as investidas do seu próprio chefe. Ela mesma diz: "não sou tão ingênua quanto você pensa", repliquei, ofendida. Já li livros que muita moça não ousa folhear" (Ferreira, p.118). Leila costuma deixar claro muitas vezes ao seu chefe que ela é uma mulher diferente das outras, mas que não é isso que a torna uma mulher mais fácil. São as negativas de Leila que parecem aflorar a crise de seu chefe. Ele parece ser incapaz de lidar com uma mulher que não cede aos seus desejos, e tanto é assim que ele insiste até às últimas consequências para que Leila seja sua. A defesa de Campos ao perceber que está perdendo poder é tentar oprimir Leila ainda mais.

Embora a visão de Ondina seja crítica em alguns pontos, é claro que estamos falando de uma mulher que vivia em meados do séc. XX e que, por isso, não poderia ser completamente alheia às ideias da época. Se a visão da autora e da personagem sobre o Dr. Campos é crítica ao retratar esse homem que é infiel à esposa, não sabe lidar com negativas e está completamente inserido dentro do padrão de masculinidade vigente, o mesmo não pode ser dito ao retratar Ciro. O rapaz que se torna amigo de Leila e é um musicista sensível, é várias vezes chamado de "fraco" porque não consegue largar a mulher que não ama mais, mas com quem sente que tem uma dívida. É preciso, entretanto, notar que um homem fraco não parece ser bem aceito nem

nos dias de hoje, que dirá nos anos 1940. O panorama que Ondina nos traz da masculinidade, ao mesmo tempo que retrata uma época, também é atual. Existem elementos da crise que parecem não mudar. Um homem pouco viril ainda é visto como um homem que é "menos homem" e muito embora isso hoje já seja algo que é questionado, talvez não seja ainda possível dizer que rompemos completamente com essa visão. Miriam Goldemberg (2000) fala um pouco disso:

> "Seria ingênuo pensar que as mentalidades mudaram radicalmente, pois isso leva tempo e, como se pode atestar, apesar das profundas transformações ocorridas das últimas décadas no que diz respeito à relação entre os sexos, os simbolismos ou representações de gênero (em espacial do masculino) ainda não sofreram grandes mudanças" (GOLDEMBERG, 2000, p.588)

O que entendemos aqui é que mesmo um texto escrito há muitas décadas é capaz de nos trazer elementos da crise masculina que acontecem até hoje. E trazendo o assunto da crise contemporânea, é importante falar de Martha Batalha. Em *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão* a autora não fala de mulheres e homens contemporâneos a ela. A autora discorre sobre "a vida das minhas, e das suas avós" (Batalha, p.8). Por estar contando uma história olhando para trás, é claro que Martha consegue retratar não só os acontecimentos, mas também os personagens com uma visão mais atual. Quando Antenor proíbe Eurídice de trabalhar como costureira, Martha retrata o homem como uma espécie de repetição de si mesmo "Aconteceu aí uma coisa curiosa. Antenor não conseguia parar de repetir as mesmas frases 'Ouviu bem Eurídice, ouviu? Eu saio para trabalhar, você cuida das crianças. Ouviu Eurídice, ouviu? Eu saio para trabalhar, você cuida das crianças" (Batalha, p.53). Aqui percebemos que a autora usa do recurso da repetição para mostrar que o marido da protagonista talvez nem quisesse tanto assim que a esposa não trabalhasse, mas repetia várias vezes aquilo que tinha ouvido e o que tinha sido ensinado a ele.

Quando falamos da representação das masculinidades não-hegemônicas, e da crise que aparece nesse homem que não se encaixa dentro de certos padrões, Batalha também consegue ter uma visão um pouco diferente de Ondina. Ao retratar Marcos, ela diz que foi no colégio que ele aprendeu que "para ser homem com agá maiúsculo não podia chorar de saudades da ama (*Não há mais abraços! Não há mais beijinhos!"* (Batalha, p.90). Aqui a autora nos deixa claro que existe um modo "correto" de ser homem que exclui qualquer vulnerabilidade, qualquer choro. Vale lembrar que ao homem não é dado o direito de exprimir emoções, e mesmo no mundo contemporâneo isso ainda é um desafio:

> "Exprimir emoções é coisa de mulher. Ela que é conhecida nesse aspecto por sua

> senhoridade. Socialmente é permitido a ela sentir-se insegura diante de uma situação nova, esse sentimento não desqualifica a representação de seu papel de mulher. Mesmo que, com frequência, isso seja tomado exageradamente, a ponto de ser considerado uma marca feminina, sentir, para uma mulher é um exercício visceral. Diferentemente, o homem cresce aprendendo que essa dimensão está fora de sua vida afetiva. (NOLASCO,, 1997 p.21)

Esse modo distanciado com o qual Martha consegue retratar tanto os tipos masculinos quanto suas relações com as mulheres é interessante para que possamos entender o quanto mudou e o quanto permaneceu de lá para cá. Quando cogitamos a possibilidade de uma crise endêmica, da masculinidade ser algo que está sempre em crise, isso nos parece uma hipótese provável já que muitas questões que Martha coloca ali nos anos 1940 também podem ser vistas hoje. Mesmo no mundo contemporâneo, um homem que chora ainda não é visto como um grande exemplo de virilidade.

É possível, após a análise que fizemos dos romances e dos personagens, enxergar uma crise masculina nesses personagens que viviam em meados do sec. XX. Tanto no romance de Ondina quanto no romance de Martha, a crise é visível. O que parece não ser possível de fazer é afirmar que essa crise começou ali. Ou que essa crise teve fim. Como explica Courtine:

> "A virilidade está, por causa disso, em crise? O século que acaba de terminar e aquele que está começando parecem antes ser o teatro de uma crise endêmica, de recaídas tão frequentes que ela acaba por parecer ininterrupta, e penetrar o prado cercado de dominação masculina, ou seja, a guerra, a relação com o outro sexo, a potência sexual" (COURTINE, p.9)

Quando olhamos os dois livros e tudo que falamos sobre a crise masculina e pensamos no nosso contexto atual, é muito possível concordar com Courtine. Essa crise parece ter recaídas tão frequentes, que acaba por parecer ininterrupta. Muitos dos elementos que enxergamos nos homens dos dois romances podem ser facilmente vistos em homens contemporâneos: a necessidade de ter que parecer sempre viril, a dificuldade de ser aceito quando se mostra fraco e até mesmo uma certa relutância com a emancipação feminina. Muito do que existia em meados do sec. XX continua existindo no sec. XXI, mesmo que em menor proporção.

Outro elemento importante de perceber e aí sim temos uma diferença relevante é que Eurídice eventualmente consegue dobrar o marido e começa a fazer algo além de cuidar da casa e dos filhos. Depois de começar a ler muitos dos livros que tem em sua biblioteca, a cabeça de Eurídice muda e ela expande seus horizontes. É no começo dos anos 1960 que: "estava cursando história na PUC. Era a aluna mais vibrante do primeiro ano, a ligeiramente vibrante do segundo, a interessada do terceiro e a cética do quarto" (Batalha, p.184). Ou seja, a personagem consegue convencer o marido de que ela precisa estudar. Isso prova que a relutância de Antenor ao

permitir que a mulher trabalhe é muito mais uma exigência externa por medo de parecer "menos homem" frente aos seus pares do que uma exigência externa. A partir do momento em que eles se mudam da Tijuca para Ipanema, um bairro em que as pessoas são mais abertas, Antenor passa a não proibir a mulher de, por exemplo, cursar uma faculdade. Eurídice também começa a escrever sua própria história, mas seus escritos nunca saem da gaveta. Aqui percebemos que ela conquista certas liberdades, mas não todas. Eurídice já consegue escrever sua própria história, mas ela não parece ter importância para os outros. E vale perceber também, que embora o marido da protagonista tenha cedido em alguns aspectos, a necessidade de se mostrar viril permaneceu intacta: "Antenor se tornou essa coisa ainda mais antenoriense. Cheio de si, seguro de tudo, incapaz de erros, e ai de quem lhe dissesse que falhou em algum momento - se todos falhasse como ele o Brasil seria uma potência" (p.184)

Em ambas as histórias, existe uma crise perceptível dos personagens masculinos ou em relação à emancipação da mulher, ou em relação às suas próprias masculinidades. A diferença é que Martha Batalha consegue detalhar essas crises e esses tipos com um olhar levemente mais atual do que o de Ondina, por ver toda a história com mais distanciamento e de um contexto em que já houve mudanças. Martha Batalha durante todo o romance usa o recurso do humor e da ironia para mostrar comportamentos da época que eram comuns, mas que hoje em dia já são enxergados com um pouco mais de estranheza. É claro que Ondina faz um trabalho muito valioso já que escreve diretamente dos anos 1940 e ainda assim consegue já questionar muitos comportamentos problemáticos dos homens e da sociedade na época, mas ao fazer o comparativo entre as duas autoras, Martha ainda vai um pouco mais além, por falar de um tempo e um espaço onde a mulher já tem um pouco mais de voz e em que alguns papéis sociais já foram rearranjados. Entretanto, é visível também que muitos desses conflitos seguem até hoje e que a crise masculina não começou nos anos 1940 e muito menos acabou por ali.

Não podemos deixar de notar também quando falamos em comparativo, que tanto em Ondina Ferreira quanto em Martha Batalha, os livros e a decisão de escrever sua própria história são peças-chave na libertação ainda que discreta das personagens principais dos livros. Leila durante todo o livro fala do seu amor pela leitura e em um determinado momento conta que está tentando escrever sua história. "Estou escrevendo a minha história, é um romance para eu ler quando ficar velha" (Ferreira, p.44). Eurídice tem o mesmo caminho. Em uma determinada parte do romance ela percebe os livros. "Eurídice *viu* a estante de livros na estante de livros. Ela viu a estante de livros" (Batalha, p.162). A partir do momento em que ela lê o primeiro livro seu interesse aumenta e ela também começa a escrever. Ler e escrever parece uma espécie de

subversão: “O *muita gente* que os escritos de Eurídice incomodavam eram as outras mulheres do bairro. Para as seguidoras de Zélia os novos hábitos de Eurídice extrapolaram o atrevimento, e se tornaram um insulto. Quem era ela para ler autores complicados e para escrever algo além de receita de bolo?” (p.167). Parece que aqui o conhecimento que ambas as personagens adquirem faz com que elas consigam enxergar além da realidade em que vivem. Mais que isso: elas se sentem capazes de escrever suas próprias histórias, e isso com certeza pode ser tomado muito além do sentido figurado.

Estudar duas autoras de períodos distintos para chegar a uma definição sobre a crise masculina com certeza foi o que pode deixar essa pesquisa mais rica e completa. Não só por enxergar tipos de masculinidades e elementos de crise que tinham pontos em comum, mas também para concluir que o que fizemos aqui é apenas um recorte de uma crise que precede esses escritos e que segue além. Partir de autoria feminina para estudar a crise masculina também nos deu um panorama muito mais abrangente de questões quanto a virilidade, masculinidades, e a própria relação entre homens e mulheres que parece ser parte importante do processo de enxergar e encontrar uma crise masculina.

Quando lá no começo desta dissertação, Ramos nos pergunta se “Há, de fato, uma crise masculina?” (p.44) tínhamos apenas a evidência de uma suposta crise. Ao fim dessa jornada com essas duas autoras que vêm de contextos tão diferentes, mas que nos trazem elementos tão ricos, podemos talvez suprimir a suposta e entender que enxergamos ali o masculino em crise. Claro que isso não significa que os homens tenham se tornado vítimas, e nem que tenham perdido seu lugar de imensos privilégios na sociedade. A crise nesses personagens é muito mais enxergada por nós e pelas mulheres do que pelos próprios. Talvez, como dissemos também no começo, isso não seja nada frente ao que sofrem ainda diariamente as mulheres. Mas se só entendemos completamente um gênero em relação ao outro, o estudo da crise de masculinidade nos leva muito além do masculino. Nos leva a uma análise do texto literário enquanto retrato de uma época e de tipos de comportamento. E isso é extremamente valioso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BADINTER, *Elisabeth. XY: sobre a identidade masculina*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993

BARASCH, Mara. *Sexo e afeto no cotidiano do homem.* In: CALDAS, Dario (Org.). Homens. São Paulo: Senac, 1997.

BATALHA, Martha. *A vida invisível de Eurídice Gusmão*. 5ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 2019.

BATALHA, Martha. Nunca houve um castelo. 1ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 2018.

BAUBÉROT, Arnaud. *Não se nasce viril, torna-se viril*. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). História da virilidade. vol. 3: a virilidade em crise? Trad. Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 50ed. São Paulo: Cultrix, 2015

BUCHBINDER, David. *Studying men and masculinities*. London: Routledge, 2013.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 8. ed. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BOLA, JJ. *Seja Homem: A Masculinidade Desmascarada.* Trad. Rafael Spuldar. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira: Origens e Unidades*. São Paulo: EDUSP, 1999.

CECCHETTO, Fátima Regina. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CONNELL, R. W. *Masculinities*. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.

_____. *Gender and Power*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. *The men and the boys*. Oxford: Blackwell, 2000.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James W. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Estudos feministas*, vol. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: NVersos, 2015.

COURTINE, Jean-Jacques. *Robustez na cultura: mito viril e potência muscular*. In: _____. (Org.). História da virilidade. vol. 3: a virilidade em crise? Trad. Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

COSTA, Rosely G. *Mediando oposições: sobre as críticas aos estudos de masculinidades*. In: ALMEIDA, H. B. D. et al. (Ed.). Gênero em matizes. Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2002.

DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2013

FERREIRA, Ondina. Chão de Espinhos. São Paulo: Edição Saraiva, 1955

._____, Ondina. ...*E Ele te dominará*. 2 ed. São Paulo: Edição Saraiva, 1956

._____, Ondina. *Vento de Esperança*. São Paulo: Boa Leitura, 1960.

GARCIA, Sandra. *Homens na Intimidade: Masculinidades Contemporâneas*. Ribeirão Preto: Holos, 2006.

GOLDENBERG, Mirian. *O macho em crise: um tema em debate dentro e fora da academia*. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros. Rio de Janeiro: Record, 2000.

JABLONSKI, Bernardo. *A difícil extinção do boçalossauro*. In: NOLASCO, Sócrates (Org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

KIMMEL, Michael S. *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas.* In: Horizontes antropológicos. Porto Alegre: no. 9. 1998.

_____. Changing men: new directions in research on men and masculinity. Newbury Park, CA: Sage, 1987.

KODRIK, Marília. Quatro Cinco Um: A Revista dos Livros (org.). *Entrevista: Um retrato do Brasil no Oscar 2020*. 2019. Disponível em: https://quatrocincoum.folha.uol.com.br/br/noticias/entrevista/um-retrato-do-brasil-no-oscar-2020. Acesso em: 20 out. 2020.

MACHADO, Lia Zanotta. *Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea*. In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). Masculinidades. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. *Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades*. Estudos feministas, vol. 16. n. 3, p. 809-840, 2008.

MEIRELLES, Mauricio. *O tempo está ao meu lado*. Folha de S. Paulo**.** São Paulo, p. 1-1. 23 fev. 2016.

MONTEIRO, Marko. *Masculinidades em revista: 1960-1990*. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. (Orgs.). História dos homens no Brasil. São Paulo: UNESP, 2013

MULLER, Angélica. *Não se nasce viril, torna-se: juventude e virilidade "nos anos 1968".* In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. (Orgs.). História dos homens no

Brasil. São Paulo: UNESP, 2013.

NASCIMENTO, Edna Maria Fernandes dos Santos. *Duas Mulheres: Duas Formas de Vida no Romance Navio Ancorado.* Revista Alere: Programa de pós-graduação em Estudos Literários-PPGEL, Carceres, v. 4, p. 115-137, 2011. Anual. Disponível em: https://periodicos.unemat.br/index.php/alere/article/viewFile/549/480. Acesso em: 10 out. 2020.

NOLASCO, Sócrates. *A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero*. In: _____. (Org.) A desconstrução do masculino. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

_____. Um "homem de verdade". In: CALDAS, Dario (Org.). Homens. São Paulo: Senac, 1997.

STEGAGNO PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira* 2. ed. Rio de Janeiro : Nova Aguilar,2004.

RAMOS, Marcelo Silva*. Um olhar sobre o masculino: reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade*. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros. Rio de Janeiro: Record, 2000.

REESER, Todd W. *Masculinities in theory: an introduction*. Cambridge, MA: Blackwell, 2010.

SEIDLER, Victor J. *Transforming masculinities*. London: Routledge, 2006.

TAMAGNE, Florence. *Mutações homossexuais*. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). História da virilidade. vol. 3: a virilidade em crise?. Trad. Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013

TAG - EXPERINCIAS LITERÁRIAS (ed.). *Entrevista: Martha Batalha e "Um homem bom é difícil de encontrar***"**. Disponível em: https://www.taglivros.com/blog/entrevista-martha-batalha-tag-livros/. Acesso em: 20 out. 2020.

TREVISAN, João Silvério*. O espetáculo do desejo: homossexualidade e crise do masculino.* In: CALDAS, Dario (Org.). Homens. São Paulo: Senac, 1997.

VON HOLDEFER, Camila. *Arquétipos e diálogos ruins tornam opaca estreia de autora*. Folha de S. Paulo**.** São Paulo. 7 maio 2016. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/05/1768609-arquetipos-e-dialogos-ruins-tornam-opaca-estreia-de-autora.shtml. Acesso em: 20 out. 2020.

-